



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de atos, por ocasião da visita de Estado do
presidente do Uruguai, Tabaré Vázquez**

Palácio do Planalto, 01 de abril de 2005

Meu caro companheiro Tabaré Vázquez, presidente da República
Oriental do Uruguai,

Delegação do Uruguai e delegação brasileira,
Ministros uruguaios e ministros brasileiros

Há exatamente um mês, tive o prazer de estar em Montevidéu
participando da cerimônia de posse do presidente Tabaré Vázquez.
Testemunhei nas ruas de Montevidéu e no dia seguinte, em Paysandú, o fervor
popular que expressava a grande esperança de transformação que o povo
uruguaio deposita em seu governo.

Sua eleição, amigo e companheiro Tabaré, é um marco histórico, não
apenas para o Uruguai. Sua vitória demonstra que nossa região caminha na
direção da renovação política, que escolhemos um modelo de crescimento
econômico com inclusão social.

Estamos honrados com sua visita, sobretudo porque sabemos que é a
primeira viagem que realiza ao exterior na condição de Chefe de Estado de seu
país. Somos extremamente sensíveis a este sinal que o novo governo uruguaio
emite.

Queremos que a aliança entre o Brasil e o Uruguai, uma aliança
histórica, esteja mais do que nunca fundada na defesa intransigente da
democracia, na proteção dos direitos humanos, na busca do crescimento



sustentado, no compromisso de combater a fome e a pobreza e na integração de nosso Continente. Com esses princípios em mente, estamos decididos a dar uma nova qualidade às relações entre o Brasil e o Uruguai.

O Uruguai, de forma pioneira, no começo do século passado, ensinou aos demais países da América do Sul o caminho das políticas sociais, especialmente o valor da educação e a difusão da cultura.

Apesar das duras crises que golpearam o país, os uruguaios puderam preservar índices de desenvolvimento humano invejáveis em nossa região. Mas estava represado na sociedade um desejo avassalador de mudança.

O presidente Tabaré Vázquez encarnou o anseio de seu povo de retomar as rédeas do seu destino, resgatando o legado histórico deixado por Artigas.

Como afirmei há um mês no Uruguai, tive o privilégio de acompanhar a trajetória política de Tabaré Vázquez. Sei de seu compromisso pessoal com a construção de uma sociedade justa, desenvolvida e democrática. Sei também que o novo Presidente do Uruguai está firmemente engajado no fortalecimento do Mercosul e no processo de integração sul-americana. Essa sintonia evidente entre nossos governos abre grandes perspectivas para as relações entre nossos dois países.

Querido companheiro, Presidente do Uruguai,

O Brasil certamente tem muito a aprender com o Uruguai e, como economia maior, tem também muito a oferecer.

Sabemos do empenho do seu governo na área social e queremos conhecer melhor e apoiar o Plano Nacional de Emergência Social implementado desde a primeira hora do seu mandato.

Estamos dispostos a compartilhar com o Uruguai a experiência brasileira em programas como o Fome Zero, o crédito vinculado, a habitação popular e o apoio à microempresa.

Esperamos poder acelerar os entendimentos para a realização das



obras de infra-estrutura em nossa fronteira comum, sem as quais nossa integração nunca estará completa.

Vamos levar adiante a construção da segunda ponte sobre o rio Jaguarão, recuperar a ponte Mauá e acelerar a integração energética entre nossos países.

É auspiciosa a assinatura do memorando de entendimento entre nossos Ministérios de Minas e Energia, que cria uma Comissão Binacional nas áreas de energia, geologia e mineração. É vital para o desenvolvimento de nossa região traçar estratégias coordenadas para o aproveitamento dos nossos recursos energéticos.

Ainda recentemente, demos um exemplo claro da visão solidária que temos a esse respeito: apesar da forte estiagem no sul do Brasil, temos feito o possível e o impossível para manter o suprimento de energia elétrica ao nosso querido Uruguai.

Outra frente de cooperação é a do desenvolvimento científico e tecnológico. Acabamos de assinar um acordo que prevê a transferência de conhecimentos brasileiros para a instalação de uma Agência Uruguaia de Cooperação Internacional.

Queremos ampliar nossa associação na área da pesquisa agrícola, por meio da Embrapa, com ênfase em projetos que tenham impacto sobre a agricultura familiar. Estamos também dando início à cooperação na área de Comunicação Social, envolvendo a Radiobrás e os órgãos de comunicação do governo do Uruguai.

Esse é apenas o princípio de uma cooperação estratégica entre nossos países, que se fará sempre no benefício direto de nossas sociedades.

Querido companheiro e amigo Tabaré Vasquez,

Ao tratar das relações entre Brasil e Uruguai, não posso deixar de mencionar nossa zona de fronteira, onde convivem irmanados mais de 700 mil cidadãos brasileiros e uruguaios.



A cooperação que temos desenvolvido ao abrigo da Nova Agenda de Cooperação e Desenvolvimento Fronteiriço é um modelo de associação com amplo impacto social.

Instituímos na nossa franja de fronteira comum, praticamente uma cidadania binacional, que pode ser vista como o embrião da cidadania do Mercosul que tanto queremos construir.

Estou seguro de que nossos governos vão aprofundar ainda mais os programas de integração fronteiriça em matéria de cooperação policial e judicial, na área da educação, da saúde, do meio ambiente e do saneamento.

O acordo que assinamos hoje sobre os Institutos Binacionais Fronteiriços é prova de nossa determinação. Criaremos, na zona de fronteira, institutos de ensino binacionais de nível técnico, com professores e alunos brasileiros e uruguaios.

Querido amigo,

Sei que o Uruguai é um parceiro fundamental na construção do Mercosul e da Comunidade Sul-Americana de Nações.

A integração regional que queremos, e nisso sei que estamos totalmente afinados, é uma integração que amplia mercados, gera investimentos, traz prosperidade aos nossos países e se traduz em benefícios concretos para nossas populações.

Quando falamos que queremos a integração de nossas cadeias produtivas, estamos pensando em ganhar escala de produção, mas, sobretudo, estamos pensando em gerar postos de trabalho e riqueza nos nossos países.

Queremos uma nova divisão do trabalho na região, equânime, sem hegemonismos.

Como muitos sabem, no dia seguinte à posse do presidente Tabaré, fomos juntos à cidade de Paysandú, no interior do Uruguai. Lá, inauguramos uma maltaria construída com investimentos brasileiros. Essa fábrica é um exemplo do tipo de integração que desejamos.



Pude perceber ali o entusiasmo dos trabalhadores locais e sua certeza de que, juntos, podemos encontrar soluções para o nosso desenvolvimento.

Esse é o Mercosul vibrante que desejamos, legitimado pela vontade das populações locais. É por isso também que temos insistido na necessidade do reforço institucional do nosso bloco regional e na criação de um Parlamento do Mercosul eleito pelo voto direto.

Conheço as posições do companheiro Tabaré nesse particular e sei que seremos aliados também nessa aspiração. Não tenho dúvidas de que o Brasil e o Uruguai, daqui por diante, atuarão de forma cada vez mais coordenada nos foros internacionais, e aproveito a ocasião para saudar o ingresso do Uruguai no G-20, garantindo que o Mercosul se apresente com voz única nas negociações comerciais multilaterais.

Atuaremos em favor dos interesses dos países em desenvolvimento e, em particular, dos países da nossa região.

Brasil e Uruguai têm uma longa tradição de cooperação e convivência pacífica. Nossos países desfrutam de elevado grau de convergência em temas da mais alta relevância.

Enfim, amigo Tabaré, temos uma vastíssima agenda de projetos e iniciativas que vai exigir de nossos dois governos muita determinação, muita coordenação e muito trabalho.

Vamos aprofundar nosso diálogo político. Estamos reativando canais de coordenação entre nossas Chancelarias e criando também um mecanismo de consultas regulares sobre temas comerciais. Estamos decididos a ampliar nosso comércio e incentivar investimentos. Vamos consolidar uma cooperação estratégica em áreas vitais para nossos países nos setores energético e de desenvolvimento científico e tecnológico. Fico muito feliz por já termos começado, neste curto espaço de tempo, a dinamizar a cooperação entre o Brasil e o Uruguai.

Faço votos de sorte ao presidente Tabaré e a todos os companheiros



membros do seu governo, dentre os quais vejo tantos amigos e companheiros de velhas lutas. Desejo felicidade para esse povo magnífico ao qual nós, brasileiros, estamos unidos pelos laços da mais profunda simpatia e amizade.

Tenha certeza, meu querido presidente Tabaré, que as palavras que acabo de proferir agora são mais do que palavras. Eu pretendo transformar cada palavra dita no meu discurso em gestos práticos para que possamos, definitivamente, concretizar um sonho que alimentamos há tantos anos, de uma sólida e verdadeira integração na nossa querida América do Sul.

Muito obrigado.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sobre o falecimento do Papa João Paulo II

Granja do Torto-DF, 02 de abril de 2005

Presidente: Meus queridos companheiros e companheiras,

Foi com muita tristeza e dor que Marisa e eu recebemos notícia da morte do Papa João Paulo II. Um papa que foi operário na sua juventude, um papa que dedicou, antes de ser papa, parte da sua vida lutando contra adversidades como o nazismo, um papa que teve um comportamento extraordinário na luta pela redemocratização do leste europeu, um papa que dedicou toda a sua passagem pela Igreja na luta pela justiça social e no combate à pobreza.

Eu penso que a humanidade perde hoje não um papa, perde mais que um papa: perde um símbolo da paz, porque eu acho que ninguém, no século passado, teve tanta dedicação, viajou tanto o mundo e pregou tanto a paz como o Papa João Paulo II.

Todos vocês sabem que eu tenho uma dívida de gratidão com o Papa, na vinda dele em 1980, ao Brasil, porque nós estávamos cassados pelo sindicato dos metalúrgicos e teve um encontro do Papa com os operários, no Morumbi, e ele fez questão de receber parte da Direção que estava cassada. Não foi uma tarefa fácil, porque naquele tempo os militares, que tomavam conta da segurança do Papa, não queriam que nós entrássemos. Marisa e eu ficamos até duas e pouco da manhã, embaixo de chuva, para podermos ser recebidos pelo Papa. Depois, ele me recebeu em 89. E todas as vezes que um bispo brasileiro ia a Roma, ele falava da questão da justiça social, falava das necessidades da reforma agrária pacífica, falava da necessidade de acabar com a fome e com a miséria e, por isso, eu penso que o mundo perde um grande homem, perde um grande símbolo. E eu só posso pedir a Deus que



encha o nosso planeta de homens com a mesma coragem do Papa João Paulo II, com a mesma dedicação e a mesma perseverança dele, de lutar e acreditar em coisas boas.

Morre o Papa, mas fica acesa na cabeça de cada ser humano as suas mensagens de esperança, da certeza de que, com muita luta, com muita fé, nós poderemos construir um mundo mais justo, mais solidário e mais humano.

Eu, certamente, irei a Roma, no enterro do Papa. Vamos esperar apenas que o Vaticano marque a data do enterro. E eu penso que é o mínimo que um operário pode fazer por outro operário. É prestar essa homenagem ao homem que simbolizou tanto a minha época.

Rodrigo Baena: Agora, de acordo com o estabelecido, o Presidente da República responderá a três perguntas dos jornalistas. A primeira será do jornalista Kennedy de Alencar, jornal "Folha de São Paulo".

Kennedy de Alencar – Folha de S. Paulo: Boa noite, Presidente. Durante os 26 anos do pontificado do Papa João Paulo II ele se destacou, como o senhor bem disse aí, pela defesa de liberdades políticas, teve um papel importante na queda dos regimes totalitários no leste europeu. Mas, ao mesmo tempo, ele é tido como um Papa muito conservador e que deixa um legado conservador. Ele combateu a teologia da libertação, uma visão religiosa que está na origem de muitos grupos que formaram o PT, o partido do senhor; ele é contrário ao aborto e o governo do senhor tem uma proposta de discussão da legalização do aborto; ele é contrário ao uso de preservativos nas relações sexuais, a "camisinha"; ele foi contrário à união civil entre homossexuais, a chamada união civil gay, entre pessoas do mesmo sexo.

Eu queria saber se o senhor concorda com essa avaliação de que o legado histórico do Papa será mais esse lado conservador dele, se o senhor concorda com a avaliação de que em determinado momento ele foi adversário



de idéias que o senhor defendeu, e qual é a posição pessoal do senhor, como Presidente da República, em relação ao aborto, ao uso da “camisinha”, à união civil entre pessoas do mesmo sexo e se, ao final disso tudo, o que resta do pontificado dele, é uma distância maior em relação aos mais pobres e ao cotidiano dos fiéis, ou seja, quando ele se opõe ao aborto, à “camisinha”, à união civil entre pessoas do mesmo sexo, ele está se opondo a idéias que são costumes que o mundo contemporâneo passou a aceitar. Até o Severino Cavalcanti recentemente colocou em votação propostas que ele antes rejeitava.

Então, minha pergunta para o senhor é essa, se o senhor concorda que o legado dele é conservador, se ele foi adversário do senhor, das idéias que o senhor defendeu, a sua posição nessas três questões e se isso distanciou dos fiéis e dos mais pobres.

Presidente: Veja, primeiro eu acredito que muitas das posições que o Papa teve e que, muitas vezes, divergia daquilo que eu pensava, eram posições de uma grande parte da Igreja Católica, e nós só temos que respeitar essa convivência na diversidade.

Eu não posso medir um homem pelas divergências que tem com outros segmentos da sociedade. Eu tenho que medir a passagem do Papa pela Igreja e pela sua vida política, pelo que ele deixou de mensagens positivas à humanidade. E, certamente, elas foram infinitamente em maior quantidade, certamente elas marcaram muito mais a posição da humanidade.

É importante ressaltar que o Papa não fazia distinção dos países que visitava. Ele foi capaz de ir visitar a pessoa que o tentou matar. Ele foi capaz de ter o gesto de grandeza de perdoar aquela pessoa. E vocês sabem que o perdão só é dado por quem tem uma dimensão humana maior do que a média da humanidade.

Então, um homem dessa grandeza não pode ser medido, depois da sua



morte, por algumas diferenças, tem que ser medido efetivamente pelos grandes gestos que ele teve em prol da justiça social e da paz que ele deixou no mundo. É assim que eu quero guardar a imagem do Papa João Paulo II.

Kennedy de Alencar – Folha de S. Paulo: E a posição do senhor nessas três questões levantadas, que ele se opôs muito ao aborto, ao uso de preservativo...

Presidente: Eu tenho dito que não apenas eu, Marisa, e acho que milhões e milhões de mulheres são contra o aborto. Ninguém faz aborto porque quer fazer o aborto. O que nós defendemos é que isso seja tratado como uma questão de saúde pública para atender a milhões de pessoas pobres que precisam, às vezes, de um atendimento e não têm. É apenas isso.

O mundo moderno exige que as pessoas se cuidem. Inclusive no momento em que a humanidade tem uma doença como a AIDS, é muito importante que todas as pessoas se cuidem para evitar serem vítimas de uma doença que ainda não tem cura.

Rodrigo Baena: A segunda pergunta é da jornalista Juliana Alvim, da Rádio CBN.

Juliana Alvim – Rádio CBN: Boa noite, Presidente, boa noite, Dona Marisa. A minha pergunta é a seguinte: Presidente, o senhor acredita que há chances concretas de que o sucessor do Papa João Paulo II seja da América Latina? E mais, o senhor considera importante que novo Papa seja da América Latina? E por quê?

Presidente: Você está perguntando um desejo meu. Eu gostaria que ele fosse brasileiro. Eu, sinceramente, gostaria que fosse brasileiro e tenho tantos



amigos que são cardeais, aqui, no Brasil, que ficariam muito felizes se um deles fosse escolhido.

Agora, é um problema da Igreja Católica. Obviamente que se fosse da América Latina estaria muito mais próximo de nós, conheceria muito mais os nossos problemas. Mas eu espero que a Igreja escolha um Papa que tenha uma dimensão social muito grande, um Papa que esteja preocupado em combater a miséria e as injustiças no mundo. Se isso acontecer, já estarei feliz, porque certamente terei um aliado na luta contra a fome.

Juliana Alvim – Rádio CBN: Mas é importante que ele seja da América Latina, Presidente?

Presidente: Seria, para mim, importante, do ponto de vista político, do ponto de vista geográfico. E seria melhor ainda se fosse brasileiro. Vamos torcer.

Rodrigo Baena: A última pergunta é da jornalista Aline Bastos, da TV Nacional.

Aline Bastos – TV Nacional: Boa tarde, Presidente; boa tarde, Dona Marisa.

Presidente, ainda nessa questão da dimensão social, eu gostaria de perguntar o que o senhor espera, qual a postura do sucessor do Papa com relação ao combate à fome, à pobreza, a paz no mundo, quer dizer, o senhor poderia detalhar como seria essa postura ideal para o governo brasileiro?

Presidente: Olha, quando em setembro do ano passado nós fizemos o encontro na ONU com 60 chefes de Estado para discutir a questão da fome, o Papa João Paulo II mandou a segunda pessoa mais importante no Vaticano para participar do evento. Há uma tradição na Igreja Católica de estar ligada ao combate às injustiças, à fome e à defesa dos direitos humanos. É uma



tradição. Independentemente se a pessoa é mais conservadora ou mais progressista, é uma tradição da Igreja Católica estar do lado dos oprimidos, do povo mais pobre do mundo.

E eu não tenho dúvida nenhuma de que qualquer pessoa que os cardeais escolherem para ser o novo papa, estará ligada àqueles que vão lutar e que vão combater a pobreza, porque é uma exigência, hoje, cristã. É uma exigência, hoje, de quem tem uma tradição humanista, ou seja, nós não podemos ficar quietos diante do sofrimento das pessoas. E eu acho que a Igreja Católica, que tem essa tradição histórica, sabe disso. Portanto, eu não tenho dúvida de que o novo papa estará ao lado do povo pobre do planeta, lutando para melhorar a sua qualidade de vida.

Rodrigo Baena: Muito obrigado a todos. Boa noite.

Presidente: Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse do senador Alberto Silva no Conselho da República
Palácio do Planalto, 05 de abril de 2005**

Meu caro embaixador Jiang Yuande, embaixador da China no Brasil,
Meu querido companheiro Renan Calheiros, presidente do Senado,
Meu querido companheiro José Sarney, senador da República,
Meu caro senador Garibaldi,
Senador Suassuna,
Senador Gilberto Mestrinho,
Meu querido Edson Vidigal, presidente do Tribunal Superior de Justiça,
Minha querida Ideli Salvatti, senadora da República,
Conselheiros aqui presentes,
Secretários de Estado,
Meu querido senador, conselheiro da República, Alberto Silva,
Quero cumprimentar a sua família, a sua esposa; quero cumprimentar os
seus filhos,
Quero cumprimentar o nosso querido governador Wellington Dias,
governador do Piauí,
Quero cumprimentar os deputados Paes Landim, Antenor Naspolini e
Ariosto Holanda,
E quero cumprimentar o meu querido Aldo Lins e Silva, nosso querido
conselheiro de cabelos brancos, mas mais animado do que nunca para a tarefa
que temos que enfrentar neste país,



Meus amigos e minhas amigas,

Eu acredito que depois da fala do senador Alberto Silva era preciso que falássemos um pouco menos do Conselho e falássemos um pouco mais do Brasil. Entretanto, a formalidade me impõe, primeiro, falar do Conselho, e é para isso que nós estamos aqui, mas depois eu queria dar umas palavras sobre o Brasil.

Nas solenidades em que toma posse um novo membro do Conselho da República é importante reafirmar o quanto é importante esse órgão de consulta do Presidente da República, criado pela Constituição de 1988.

Sua composição é das mais significativas. Presidido pelo Presidente da República, participam dele o Vice-Presidente; o Ministro da Justiça; os Presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal; os líderes da maioria e da minoria, tanto no Senado quanto na Câmara; e mais seis brasileiros ilustres, estes nomeados livremente, sendo dois de escolha do Presidente da República, dois indicados pelo Senado Federal e dois pela Câmara dos Deputados.

Trata-se, portanto, de Conselho integrado por ilustres personalidades, todos brasileiros e brasileiras de alta qualificação, com longa trajetória de serviços prestados ao Estado e à sociedade.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje o Conselho recebe outro integrante de grande peso: Alberto Tavares Silva aqui chega – e ele já disse – indicado pelo Senado, com o apoio carinhoso do presidente Sarney, que o indicou.

Piauiense nascido na bela Parnaíba, engenheiro, Alberto Silva tem destacada carreira política e empresarial. Foi governador do Piauí por duas vezes, senador da República pela segunda vez, prefeito da cidade de Parnaíba também por duas vezes, deputado estadual e deputado federal.

Alberto Tavares Silva exerceu também os cargos de presidente da



Polonordeste, presidente da Companhia de Eletrificação Centro Norte do Ceará – Cenorte, e presidente da EBTU – Empresa Brasileira de Transportes Urbanos.

Como presidente da EBTU, foi responsável pelas primeiras pesquisas para obtenção do fundamental biodiesel. A parceria com a Universidade Federal do Ceará está em andamento até hoje e lá se inaugurou a Usina de Biodiesel Governador Alberto Silva.

Há poucos dias estive em Cássia, Minas Gerais, para inaugurar a Usina de Biodiesel da Soyminas, a primeira dentro do Programa Nacional de Produção de Biodiesel. E, desde 2004, autorizamos a adição de 2% do novo combustível ao diesel de petróleo. A expectativa é que um mercado interno potencial de pelo menos 800 milhões de litros/ano está sendo criado nos próximos três anos.

Ao longo de sua vida pública, o senador Alberto Silva acumulou grande experiência nas questões brasileiras, em especial nas nordestinas, que são estratégicas para o desenvolvimento do nosso país, e recebeu diversas homenagens que, aqui, já foram consideradas pelo nosso mestre de cerimônias.

Alberto Tavares Silva é ainda responsável por um sem-número de iniciativas e propostas, todas visando favorecer, sobretudo, a vida do homem do semi-árido nordestino.

Em outra oportunidade, afirmei que toda vez que os senhores conselheiros identificassem um problema relevante para o país e que o Presidente ainda não tivesse tomado a iniciativa de convocá-los, que chamassem a atenção do Presidente para reunir o Conselho da República.

E quero reafirmar hoje essa mesma disposição. Quero que os nobres conselheiros se antecipem e ajudem o Presidente, não só na equação de eventuais problemas, mas na sua própria identificação. Quero ouvir os membros do Conselho na busca de soluções para os desafios que temos pela



frente.

Portanto, agradeço desde já ao ilustre senador Alberto Silva que, junto aos demais conselheiros, certamente vai colaborar com sua orientação e pareceres ao Presidente da República, sempre que os interesses superiores do país justificarem.

Quero dar parabéns ao Senador, quero dar parabéns ao Senado, quero dar parabéns ao Conselho. E quero dizer, meu caro senador Alberto Silva, demais senadores aqui presentes, deputados, companheiros e companheiras do Piauí: eu penso que o Nordeste brasileiro, sobretudo o Nordeste brasileiro, precisa ser pensado com muito mais seriedade do que foi pensado ao longo de tantos e tantos anos.

De vez em quando, quando temos aqui no Palácio do Planalto ou no Congresso Nacional uma disputa entre benefícios para o Norte e o Nordeste, ou para o Sul e Sudeste, normalmente a pressão é muito forte para que o fundos não se dirijam ao Nordeste porque outros centros brasileiros, mais desenvolvidos, certamente têm um poder de pressão muito maior. E, muitas vezes, são companheiros, deputados dos estados pobres que terminam votando coisas que favorecem os estados mais ricos.

Eu penso que chegou o momento de a gente olhar o mapa do Brasil como um todo e começar a pensar que não é possível construirmos um país justo se o desenvolvimento do país não sair da região mais desenvolvida - que é o centro Sul do país e uma parte até do Centro-Oeste - e caminhar para o Norte e para o Nordeste brasileiro. Se não acontecer isso, nós continuaremos, historicamente, tendo um processo de migração de companheiros do Nordeste, como eu fui, em 1952, e outros foram muito tempo antes, tentar a sorte numa cidade grande do Sul. E hoje, certamente, as pessoas não têm a mesma possibilidade de ter acesso a empregos e à moradia como nós tínhamos na década de 50.

Pensar o desenvolvimento do Nordeste é não termos vergonha,



primeiro, de dizer que somos nordestinos. Segundo, não termos vergonha de dizer que, pensando o desenvolvimento do Nordeste, nós não estamos privilegiando um setor do Nordeste, nós estamos apenas recuperando o que, historicamente, o Nordeste brasileiro deveria ter tido há 100 anos, há 80 anos, há 50 anos.

Se é verdade que, em algum momento, dinheiro do Nordeste foi desviado, é verdade, também, que dinheiro foi desviado em outras partes do país. E é verdade, também, que outras partes do país já têm as vantagens comparativas que não tem o Nordeste brasileiro e que precisam ser dotadas. Se a Sudene sofreu deformação, se a Sudam sofreu deformação no seu processo histórico, nós não podemos punir a instituição, nós temos que dar à instituição a possibilidade de ter homens de bem dirigindo-a, para que ela cumpra a sua finalidade.

Quando tomei posse, eu disse em vários lugares que se eu não fizesse pelo Nordeste, quem faria pelo Nordeste? E decidimos algumas coisas que eu considero extremamente importantes para o Nordeste. Não é a história da política compensatória, porque essa, muitas vezes, o Nordeste teve.

Eu me lembro de um fato, presidente Sarney, presidente Renan e senador Alberto Silva, sobre o Pronaf, o Programa de Financiamento da Agricultura Familiar, em que 85% de todo o dinheiro para o Pronaf era emprestado apenas para a região centro-sul do país, notadamente para o Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Não havia cultura nem dos trabalhadores familiares do Nordeste terem acesso ao banco e nem dos bancos emprestarem o dinheiro ao pequeno do Nordeste. Fazer essa mudança é um trabalho penoso porque é um processo de reeducação, inclusive de agentes do Banco do Brasil aprenderem a tratar com os pequenos e, ao mesmo tempo, é um processo de educação convencer os pequenos de que eles têm direito de ter acesso a esse financiamento.

Quando vocês pegarem junto ao Ministério do Desenvolvimento Agrário



e junto ao Banco do Brasil a distribuição do Pronaf, vocês vão perceber que ainda continua grande o dinheiro para o Sul, mas vão perceber que estados do Nordeste chegaram a crescer 600%, 500%, 800%, numa demonstração de que pouca coisa se fazia para que esse dinheiro chegasse à agricultura familiar.

Mas eu fiquei pensando sobre quais projetos nós precisaríamos para mudar estruturalmente o Nordeste. E pensamos um que tem muito a ver com a sua trajetória.

Eu me lembro, nos primeiros meses de governo, quando o ministro Roberto Rodrigues entrou no meu gabinete e disse: Presidente, eu queria discutir a questão do biodiesel, que eu acho que pode ser uma grande solução para o Brasil. Imediatamente, eu convoquei uma reunião de que participaram vários ministérios, mas dois principais: o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Ministério de Minas e Energia, junto com o Ministério da Agricultura, Ministério da Fazenda, para que a gente criasse um grupo de trabalho e apresentássemos uma proposta de um programa de biodiesel para o Brasil. O petróleo está virando um artigo tão importante e tão de luxo que nós devemos priorizar a exportação para ganhar dinheiro e tentar fazer do biodiesel essa nova matriz energética renovável, geradora de empregos que pode ter, para o Brasil, a mesma importância que teve a produção de álcool nos anos 70, com a possibilidade que temos, uma variante extraordinária para produzir biodiesel: nós temos a mamona, o pinhão manso, o girassol, a soja, o dendê. Ou seja, nós temos uma variedade de plantas das quais podemos extrair o biodiesel, que nenhum país do mundo teria condições de competir com o Brasil.

E por que eu falo do biodiesel para o Nordeste? Porque no projeto – e o Senado tem que tomar cuidado, porque a discussão parece que está lá – ele pode ser feito de soja, mas se nós permitirmos que a soja seja prioridade, os pequenos produtores de outros produtos vão ficar outra vez passando fome. Então, é importante priorizarmos, orientarmos esses trabalhadores para que se organizem em cooperativas, para que construam pequenas usinas, de forma



que possamos levar a possibilidade de essas pessoas terem cidadania, pois a única coisa que conquistaram até agora foi o direito de serem retirantes, nômades, andando de canto em canto do país, ora para explorar a borracha no Nordeste e Norte do país, ora para fazer ferrovias em outras regiões do país. Então, o biodiesel é, para mim, aquele filho caçula: você gosta de todos, mas olha para ele com um carinho excepcional.

Outro projeto importante para o Nordeste é a ferrovia Transnordestina. Não é possível que uma região do tamanho do Nordeste ainda não tenha uma ferrovia que faça um processo de integração. Posso lhe dizer, Senador, que possivelmente, dentro de 60 dias, estejamos no Nordeste anunciando essa ferrovia. A engenharia financeira já está pronta, os parceiros que vão construí-la já existem, o dinheiro já está, eu diria, com a sua engenharia toda montada e, possivelmente, daqui a uns 60 dias poderemos anunciar.

Uma outra coisa é a velha água do São Francisco para uma parte do semi-árido, e com muita vontade, porque nunca prometi. Eu duvido que alguém tenha assistido, em algum momento de qualquer campanha minha, eu prometer a transposição das águas do rio São Francisco. Pelo contrário, fui admoestado, muitas vezes, em estados onde me perguntavam se eu queria prometer ou não, e eu dizia: não vou prometer porque coisa séria não se promete; ou se faz ou não se faz.

Mas tinha vários candidatos que prometiam. Como eu disputei muitas eleições, tinha candidato que prometia em um estado e no outro não prometia mais, no outro prometia, no outro não prometia. Na Paraíba, certamente, todos prometiam, não é Suassuna? No Rio Grande do Norte, também; no Ceará, também; em Pernambuco, em uma parte prometia, em outra desprometia. Então, eu nunca prometi mas, particularmente, estou convencido de que se nós não levarmos água para dar de beber a 12 milhões de famílias, pelo menos, no semi-árido nordestino, não estaremos cumprindo o compromisso que temos, enquanto cidadãos brasileiros, com aquela parte sofrida do Brasil. Resolver



tudo, não vai. Mas o programa de biodiesel, a transposição das águas e a ferrovia são três coisas estruturais que daqui a dez ou 15 anos, quando nossos netos estiverem reunidos discutindo o Nordeste brasileiro, eles vão lembrar que, em algum momento, as coisas aconteceram. E não foi decisão do presidente Lula. Isso é apenas arrebanhar a sabedoria do povo que, ao longo do tempo, reivindicou e brigou por essas obras estruturais. Eu me lembro sempre que a transposição do São Francisco é de 1847, portanto, o Imperador queria isso muito antes que qualquer um de nós aqui tivesse nascido. E a situação não melhorou. De vez em quando, vou a algum debate e digo sempre: só é contra quem nunca teve que carregar uma lata d'água de 20 litros na cabeça durante seis ou sete léguas. Só é contra quem não sabe o que é isso: chegar em um açude, ter que tirar a vaca de um lado, o cabrito de outro, o cavalo de outro, limpar os caramujos, encher uma lata d'água, levar para casa, colocá-la em um pote para assentar, e ficar tirando com canequinha para beber. Depois, vemos todas as criancinhas com a barriga cheia, e achamos que é saúde; muitas vezes é esquistossomose, não é saúde.

Então, acho que nós temos que ter muito mais do que um programa de governo, temos que ter um programa de respeito a uma parte do Brasil que é tão brasileira quanto a parte mais rica, mas que nunca teve a possibilidade de dizer o que quer, como quer e para quê quer. Eu fico imaginando, senador Gilberto Mestrinho, quantas vezes eu tive que ouvir desaforos, porque quando entrei aqui, no governo, a primeira coisa que eu fiz foi prorrogar para 2023 a Zona Franca de Manaus, com que alguns querem acabar. E só quer acabar quem não sabe o que é a Zona Franca de Manaus, quem não conhece, quem não sabe o bem que aquilo fez para a região Norte do país. Eu, se fosse senador do Amazonas, desafiava todos os contra a fazer uma visita, pagando almoço e janta. Depois que visitarem, digam o que pensam a respeito. É muito fácil ficar das hostes de Brasília fazendo julgamento de um país, e muitas vezes, nem colocaram os pés lá para saber como é que é.



Portanto, eu estou convencido de que o Brasil vive um momento especial. O Brasil vive um momento muito especial, que depende quase exclusivamente da imagem e do jeito que a gente pensa o Brasil, da imagem e do jeito que a gente quer o Brasil. E o Brasil não é o Brasil do Presidente, o Brasil do Senador ou o Brasil de um Deputado, é o Brasil que está na cabeça de 180 milhões de pessoas: um país generoso, um país de um povo trabalhador, um país de um povo criativo e, sobretudo, um país de um povo que tem esperança, que tem expectativa e que, por conta dela, vive acreditando em todos nós que, em algum momento, ocupamos cargos importantes neste país.

Eu sei que, muitas vezes, quando o senhor foi prefeito de Parnaíba não conseguiu realizar todas as coisas que desejava, nem quando foi governador. Sei que o Sarney não resolveu todas as coisas quando foi Presidente. Agora, não é a solução que resolve o problema de um governante. Obviamente que os problemas são infinitos e as coisas que nós temos que fazer são infinitas, quanto mais você fizer, mais o povo vai querer, porque quanto mais o povo aprende a gostar de uma coisa, mas ele quer uma coisa melhor, isso é da natureza da gente, nunca vai acabar. Pode fazer um milhão de casas que o povo vai pedir dois milhões, e pede com razão; se fizer melhor, ele vai querer outra melhor. Na medida em que ele vai tendo acesso às coisas ele vai querendo mais, se ele comeu uma vez, ele vai querer comer duas vezes; se ele comer duas vezes, ele vai querer comer três vezes; se ele ganha dez, vai querer ganhar 20, isso é parte da natureza de todos nós.

O que é importante para um homem é chegar à sua idade, aos 85 anos de idade, aos 86 anos de idade – eu estava lhe dando um ano de mocidade – e poder contar uma história que nem todo político tem possibilidade de contar, não esquecer que, mesmo sendo engenheiro, um dia esteve trabalhando junto com os operários. E disse que não foi líder dos operários. Não precisa ser líder, o que precisa, na verdade, é ser o companheiro que o senhor foi, porque, pode



ficar certo, as atitudes de um companheiro, muitas vezes, são mais importantes que as atitudes de um líder.

Seja bem-vindo ao Conselho, boa sorte e espero que Deus nos ajude a ajudar este país maravilhoso.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar oferecido pelo Presidente da República de Camarões, Paul Biya laundê, República de Camarões, 10 de abril de 2005

Minha visita a Camarões tem um sentido muito especial. Vim aqui descobrir a “miniatura da África”, como é carinhosamente conhecido vosso país. País de riquezas e de diversidade étnica, que espelham as potencialidades de um continente. Aqui se forjou uma nação que superou diferenças e fundiu heranças para criar um futuro comum.

Senhor Presidente,

Camarões foi um dos países mais receptivos à nossa iniciativa de relançar as relações com a África. Em reconhecimento, decidimos reabrir nossa embaixada em laundê. Nossa decisão é uma aposta na reaproximação com o Camarões e com todo o Continente.

Asseguro-lhe que, desta vez, o Brasil veio para ficar. A reativação da Embaixada consolida nossa cooperação. Já colhemos os primeiros frutos do renovado impulso dos últimos dois anos.

Graças às missões que Camarões enviou ao Brasil em 2004, multiplicaram-se iniciativas bilaterais. Exploramos complementaridades para multiplicar nossas potencialidades. É o caso do programa de cooperação técnica sobre o cacau.

O Brasil pode ajudar a aperfeiçoar essa cultura agrícola tradicional, uma das grandes riquezas deste país e fonte inestimável de recursos para o agricultor local.

Os altos níveis de alfabetização da população de Camarões refletem a consciência do papel central da educação na superação do atraso. Queremos também assegurar a todos esse direito de tornarem-se cidadãos plenos. O



Programa Executivo em Educação Superior, que assinaremos, favorece o intercâmbio de professores universitários.

Estamos criando condições para nos conhecermos melhor. Com esse mesmo intuito, meu Governo está empenhado em aumentar o número de bolsas de estudo para estudantes de Camarões no Brasil. Agradeço, de modo particular, a disposição de seu país de indicar professores visitantes de História e Literatura Africana para lecionarem no Brasil.

Como repositório da cultura Bantu, Camarões contribuiu decisivamente para a formação da identidade brasileira. A vinda desses professores permitirá aos brasileiros melhor conhecer nossa herança e, portanto, a nós mesmos.

A assinatura de Protocolo de Intenções no campo da saúde pública abre possibilidades de colaboração em prol do desenvolvimento e do bem-estar de nossos povos.

Nossas complementaridades são promissoras no campo do comércio bilateral, que ainda não reflete o potencial de nossas economias. Um poderoso impulso nessa direção pode vir de uma retomada na atuação de empresas de engenharia brasileiras na construção da infra-estrutura de energia e transportes de Camarões.

Estou empenhado em que possam contribuir, de forma expressiva, para o desenvolvimento de uma das mais dinâmicas economias da Comunidade de Países da África Central.

Presidente Biya,

A prosperidade que estamos construindo para nossos povos tem de ser usufruída por todas as nações. Infelizmente, não evoluímos, ainda, a ponto de repartir a ceia do Planeta. Os avanços do conhecimento humano não foram suficientes para garantir a todos o indispensável à sobrevivência.



Agradeço a acolhida de seu Governo às iniciativas que o Brasil avançou no Encontro de Líderes para uma Ação contra a Fome e a Pobreza, em Nova Iorque, setembro passado. Contamos com o apoio de Camarões a propostas concretas para arrecadar recursos para o financiamento do desenvolvimento.

Esses recursos, além da Ajuda Oficial ao Desenvolvimento, são fundamentais para os países pobres desenvolverem estratégias de crescimento de longo prazo.

Precisamos mudar as relações de força no mundo. Não podemos ser observadores passivos de decisões que afetam diretamente nosso destino. O comércio internacional pode ajudar a erradicar a pobreza e a fome. Juntos, temos de lutar pela eliminação dos pesados subsídios e de outras medidas protecionistas praticadas pelos países ricos.

Por meio do G-20, temos lutado para que os produtos agrícolas dos países em desenvolvimento sejam remunerados em níveis compatíveis com seu valor de mercado e com a dignidade de seus produtores. Só assim conseguiremos derrubar o muro que divide a Humanidade entre ricos e pobres.

A democratização do mundo passa também pela reforma da ONU. Por isso, o Brasil apoiou, desde o início, os esforços do Secretário-Geral da ONU para ampliar o Conselho de Segurança, tornando-o mais legítimo e representativo da realidade atual.

O Brasil saúda a decisão tomada pela União Africana de defender maior presença de países em desenvolvimento como membros permanentes do Conselho de Segurança. É inaceitável que continentes inteiros, como a África – com 54 países e centenas de milhões de habitantes – não tenham representação permanente em um Conselho de Segurança renovado.

O Brasil defenderá com firmeza essa posição, ao mesmo tempo em que agradecemos o gesto de simpatia de países como Camarões em relação às nossas aspirações.



Caro Presidente Paul Biya,

Agradeço a calorosa recepção e a generosa hospitalidade dispensada a mim e à minha delegação. Espero poder retribuí-las em solo brasileiro.

Convido os presentes a brindarem a amizade entre os povos do Brasil e de Camarões e a felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora Chantal Biya.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar oferecido pelo Presidente da Nigéria, Olosegum Obasanjo

Abuja-Nigéria, 11 de abril de 2005

Caro presidente Obasanjo,

Nossos dois governos promovem hoje um reencontro de duas nações. Nações unidas pela história, pela cultura e por crescentes laços de cooperação. Quase cinco séculos da história brasileira foram construídos com o trabalho de irmãs e irmãos africanos.

A Nigéria, berço de culturas tradicionais africanas, deu-nos uma contribuição fundamental. Somos orgulhosos dessa contribuição.

Somos orgulhosos de possuir a segunda maior população negra do planeta, atrás apenas da própria Nigéria. Essa proximidade afetiva e cultural explica por que a Nigéria é um dos mais importantes parceiros africanos do Brasil.

Vejo nas relações entre nossos países um potencial imenso que precisa ser explorado com mais vigor e ousadia. Somos duas grandes nações. Nossas economias se complementam. Temos visões convergentes, interesses que coincidem na construção de um futuro de prosperidade e justiça.

O principal resultado de minha visita deve ser a redescoberta da Nigéria pelo Brasil.

Seu país ocupa, graças à vitalidade econômica e ao dinamismo de seu povo, lugar de destaque na África e no mundo.

Essa posição se vê fortalecida pela consolidação do processo democrático no país. Reconhecemos o papel que o presidente Obasanjo vem



tendo nessa evolução histórica.

Diversas missões nigerianas visitaram o Brasil nos dois últimos anos. Estão avançadas as negociações para a transferência de tecnologia brasileira na produção de medicamentos anti-retrovirais. Aprofundamos a cooperação em outros campos da saúde pública. Estamos aprofundando a cooperação na área energética. Assinaremos amanhã um Protocolo de Cooperação em matéria agrícola. Aí estão exemplos do vasto potencial de nossas relações.

Nosso intercâmbio comercial registra cifras importantes. Atinge quase 4 bilhões de dólares, mas ainda não reflete a diversidade e o equilíbrio desejáveis para as trocas entre as duas economias. Vamos estimular nossos agentes econômicos a desenvolver o intercâmbio bilateral.

A visita recente do meu Ministro das Relações Exteriores foi importante passo nessa direção. A comitiva empresarial que o acompanhou voltou ao Brasil com a consciência de que há excelentes oportunidades de negócios neste país.

Caro presidente Obasanjo,

Os países em desenvolvimento vivem hoje um momento crucial de sua história. Enfrentamos enormes desafios. A pobreza extrema atinge hoje mais de um bilhão de pessoas. A fome, a falta de acesso à água potável, carências de assistência médica e de educação são males que o século XX não soube resolver. Devemos resgatar a secular hipoteca do subdesenvolvimento.

Lancei, juntamente com outros líderes mundiais e com o Secretário-Geral da ONU, no ano passado, a Ação contra a Fome e a Pobreza. Realizamos uma reunião histórica com mais de 50 chefes de Estado e de Governo, em Nova Iorque, no último dia 20 de setembro. Desejo agradecer publicamente seu apoio, presidente Obasanjo, a essa iniciativa. Continuamos trabalhando intensamente para que a iniciativa dê frutos.

Precisamos atuar em conjunto, Nigéria e Brasil, para que a comunidade internacional se comprometa com o cumprimento das Metas de



Desenvolvimento do Milênio, dentro dos prazos estabelecidos.

Senhoras e Senhores,

Brasil e Nigéria estão empenhados na reforma das Nações Unidas. Queremos tornar o Conselho de Segurança mais democrático, representativo e legítimo, com a inclusão de países em desenvolvimento como membros permanentes. O Brasil saúda a recente decisão da União Africana sobre a reforma do Conselho de Segurança. Seguiremos defendendo firmemente a presença permanente da África em um Conselho de Segurança reformado.

Os laços que nos unem aparecem também em nossa ação conjunta no G-20. Transformamos esse Grupo em um agente essencial na luta por um sistema internacional de trocas que respeite o justo valor de nossos produtos agrícolas.

Devemos aproximar nossas regiões. Podemos nos beneficiar de uma maior articulação entre o Mercosul e a Comunidade Econômica de Países da África Ocidental.

Caro presidente Obasanjo,

Ao assumir o governo, determinei prioridade às relações do Brasil com a África. Essa prioridade se reflete também em nosso plano interno. Criei a Secretaria Especial para a Promoção de Políticas de Igualdade Racial, chefiada por minha querida amiga Matilde Ribeiro, aqui presente. Queremos eliminar o preconceito, a discriminação e a exclusão social que pesaram sobre sucessivas gerações de brasileiros afro-descendentes.

Lançamos programas específicos de cotas para afro-descendentes nas universidades. Determinei a inclusão do estudo da história da África em todos os currículos escolares. Agradeço a Vossa Excelência por ter tornado disponíveis professores e estudiosos africanos para lecionar essa disciplina no Brasil.

É preciso que a juventude nigeriana também conheça melhor seus irmãos brasileiros. Para isso, estou empenhado em estabelecer mecanismos



de concessão de bolsas de estudo no Brasil, e em apoiar o intercâmbio de docentes, em nível de pós-graduação.

Presidente Obasanjo,

Levarei da Nigéria a grata sensação de ter reencontrado um amigo e de ter podido renovar o diálogo franco e afetivo. Uma nova etapa nas nossas relações inaugurou-se hoje. Agradeço a Vossa Excelência, em meu nome e no de minha comitiva, a esplêndida acolhida que nos proporcionou.

Queria dizer a Vossa Excelência e aos membros do governo da Nigéria que Brasil e Nigéria ainda estão por se descobrir. A possibilidade econômica, cultural e comercial dos dois países não pode ter, no Oceano Atlântico, as suas dificuldades.

É verdade que, durante muito tempo, o Brasil olhou para a Europa e para os Estados Unidos. É verdade que, durante muito tempo, a Nigéria também olhou para a Europa. Eu acho que, agora, é hora de nos olharmos e percebermos que dois países, um com 140 milhões de habitantes, outro com 180 milhões de habitantes, somados, viram uma população que só perde para a China e para a Índia.

Portanto, o potencial de estabelecermos políticas de complementaridade, de fazermos sociedade no campo da ciência e tecnologia, de fazermos parceria entre indústrias nigerianas e indústrias brasileiras, de fazermos com que o comércio se transforme numa via de duas mãos, onde possamos comprar e vender o máximo que pudermos produzir.

Este mundo está à nossa disposição. Precisamos apenas acreditar e fazer com que o século XXI seja, de fato, o século que transforma os países pobres e em desenvolvimento em países definitivamente desenvolvidos.

Não é possível que um bilhão de seres humanos, que vive abaixo da linha da pobreza, não nos faça compreender que nós já conquistamos a nossa independência, já afastamos os nossos colonizadores. Agora, precisamos acreditar em nós mesmos.



O século XXI está nos desafiando, está à nossa espera. Por isso, fortalecer a democracia, acreditar na paz e criar um modelo econômico de desenvolvimento sustentável, fazendo parcerias com países que têm similaridades é o caminho pelo qual haveremos de criar uma nova geografia comercial, uma nova geografia econômica, uma nova geografia social, e fazer com que a globalização chegue ao estômago de todos.

Com esse espírito, peço aos presentes que se unam a mim em um brinde à Nigéria, a seu povo e à felicidade pessoal de Vossa Excelência.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião ampliada com o Presidente da Nigéria, Olosegum Obasanjo

Abuja-Nigéria, 11 de abril de 2005

Quero cumprimentar os ministros brasileiros, as ministras e toda a minha delegação,

Quero dizer ao presidente Obasanjo que a alegria de estarmos aqui é muito grande.

Eu disse ao presidente Obasanjo que nós temos que definir uma escolha, nesse momento que estamos começando o novo século. Temos que olhar para o Brasil, para a América do Sul, para a Nigéria e para a África e ver o que aconteceu conosco no século XX, tirar os ensinamentos de todas as coisas boas que nos aconteceram e aperfeiçoá-las. E não permitir que as coisas ruins que aconteceram voltem a acontecer.

Durante muito tempo o Brasil e outros países da América do Sul tiveram seus olhos voltados para a União Européia e para os Estados Unidos. Na África, durante muito tempo, os países africanos tiveram seus olhos voltados também para o continente europeu e, também, para os Estados Unidos.

Eu penso que chegou o momento de nos olharmos um pouco e percebermos que nós temos muita coisa a fazer juntos, que ainda não fizemos. A nossa relação comercial pode ser infinitamente maior, a nossa relação cultural pode ser infinitamente maior e a nossa relação política pode ser infinitamente maior. Para isso, nós estamos fazendo esta reunião e, quem sabe, precise de muitas outras reuniões para que Nigéria e a África saibam o que o Brasil e a América do Sul podem lhes oferecer de parceria. E, ao mesmo tempo, nós sabermos o que a África pode nos oferecer de parceria.



O século XX termina com um bilhão de seres humanos vivendo abaixo da linha da pobreza, numa demonstração de que nem a evolução da biotecnologia garantiu a distribuição de alimentos para toda a humanidade. E, possivelmente, o problema da fome não seja falta de alimento, seja falta de renda, ou seja, a riqueza do mundo não foi distribuída de forma mais equânime. Os que eram ricos continuam ricos e os que eram pobres continuam pobres.

Eu, agora, junto com o presidente Obasanjo e, certamente, outras dezenas de líderes dos países em desenvolvimento, temos que tomar uma decisão: queremos continuar sendo pobres ou queremos dar um passo adiante?

Se o século XIX foi da Europa, se o século XX foi dos Estados Unidos, por que o século XXI não pode ser nosso? Depende apenas de nós acreditarmos nisso e descobirmos, nas nossas relações, aqueles setores em que podemos nos ajudar mutuamente e fazer do Oceano Atlântico não um obstáculo, mas um caminho para facilitar essa nossa relação.

Eu convidei o presidente Obasanjo para ir ao Brasil. Se tudo der certo, ele será nosso convidado especial para o dia da nossa Independência. E, se tudo der certo, depois dessa visita do Presidente ao Brasil, nós teremos muito mais acordos para assinar e tornar mais práticos os nossos discursos de integração da América do Sul e da África.

Por isso, presidente Obasanjo, eu quero agradecer, nesta reunião junto ao seu governo, o carinho com que temos sido tratados na Nigéria.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de atos, por ocasião da visita de Estado a Gana
Acra-Gana, 12 de abril de 2005**

É uma alegria imensa do meu governo estar, neste momento histórico, representando essa forte ligação com a África Ocidental e com Gana.

Senhor Presidente,

Quando tomei posse, no dia 1º de janeiro de 2003, no Brasil, assumimos o compromisso de recuperar a presença do Brasil na África como prioridade do nosso governo. Desde então, já visitamos mais países africanos do que todos os presidentes na história do Brasil.

E visitar Gana é mais do que uma visita política, é mais do que uma visita de chefe de Estado, precisa ser encarada como uma visita de um irmão, de um companheiro que faz parte de um povo que deve parte da sua cultura e parte do que o Brasil é, hoje, ao povo de Gana.

O senhor sabe que o Brasil é a segunda nação negra do mundo, só perdemos para a Nigéria. E se não fosse a presença africana no Brasil e, dentre os africanos, o povo de Gana, certamente o povo brasileiro não teria essa miscigenação que o tornou um povo bonito, alegre, muito feliz. Possivelmente não tivéssemos o samba nas veias de cada mulher e de cada homem do nosso país.

Dentre todas as coisas que nós aprendemos com os africanos e, certamente, com o povo de Gana, uma está presente nas nossas vidas toda quarta-feira e todo sábado, a nossa famosa feijoada.

Portanto, estejam certos que, mesmo tendo o Oceano Atlântico como divisor, vocês deixaram raízes no Brasil, religiosas, políticas, culturais e,



possivelmente, muitos ensinamentos na arte, no trabalho que hoje o nosso povo pratica.

A nossa viagem, Presidente, tem como objetivo dizer ao povo de Gana que queremos recuperar o tempo perdido, que a nossa relação com Gana será uma relação verdadeira, que precisamos dinamizar as nossas relações políticas, culturais, comerciais, e em todas as outras atividades que pudermos aperfeiçoar as nossas relações.

Eu estou convencido, Presidente, de que o século XXI pode ser o século da América do Sul e pode ser o século da África, basta que acreditemos em nós mesmos. Com muita determinação e muita ousadia, todos nós, governantes africanos e da América do Sul, digamos a nós mesmos que queremos fortalecer a democracia, que queremos construir a paz em nosso país, que queremos desenvolvimento sustentável em nosso país, que queremos gerar riqueza em nosso país, que queremos fazer justiça social em nosso país.

Se nos levantarmos todos os dias com esta determinação, podem ficar certos de que em menos tempo do que imaginamos, nós iremos consolidar o nosso crescimento econômico e a nossa democracia. E o Brasil quer ser parceiro, fazer parte desse processo. A nossa relação, a nossa aliança no Brasil deve ser uma aliança forte, uma relação de confiança e, sobretudo, uma relação de crença de que o nosso povo merece o melhor.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar oferecido pelo Presidente de Gana, John Agyekum Kufuor

Gana-Acra, 12 de abril de 2005

Excelentíssimo senhor Mahama, vice-presidente da República de Gana,
Excelentíssimo senhor Líder do Congresso,
Excelentíssimo senhor Presidente do Tribunal Federal,
Senhoras e senhores ministros de Estado, e demais representantes das comitivas,

Senhoras e senhores membros da Assembléia Nacional,
Membros do corpo diplomático,
Embaixador brasileiro e sua esposa,
Embaixadores acreditados em Gana,
Meus amigos e minhas amigas,

Foi com grande prazer que atendi o convite de Vossa Excelência para visitar este país, com o qual o Brasil mantém relações históricas e afetivas.

Gana constitui hoje um modelo de democracia política na África. Admiramos a firme convicção democrática do presidente Kufuor, um defensor incansável das liberdades civis. Festejamos também os resultados de sua política econômica que tem permitido índices auspiciosos de crescimento. O presidente Kufuor tem tido papel relevante na solução de conflitos que ainda atingem o continente africano.

Caro Presidente,

Brasil e Gana vivem um momento privilegiado de suas relações. Temos muito o que fazer juntos. A 2ª Reunião da Comissão Mista Brasil-Gana, em Brasília, em 2004, estabeleceu um quadro de cooperação amplo e



diversificado. Estamos trabalhando juntos em áreas cruciais do desenvolvimento humano: saúde, recursos energéticos e agricultura. Pretendemos explorar nosso potencial de cooperação no campo da produção de sal, recurso importante para a economia ganense.

A educação é outro tema-chave em nossa agenda bilateral. Estou empenhado em ampliar a concessão de bolsas de estudos para universitários africanos no Brasil. Também quero promover o intercâmbio de professores em nível de pós-graduação. Essas medidas permitirão uma maior aproximação entre as novas gerações de africanos e brasileiros.

As perspectivas no campo comercial são alentadoras. Em pouco tempo, Gana transformou-se no quarto importador de produtos brasileiros na África sub-saária. A balança bilateral de comércio passou de 30 milhões de dólares, em 2002, para 170 milhões de dólares em 2004.

Temos de reconhecer, no entanto, que ela ainda está bastante desequilibrada em favor do meu país. Espero que, junto com nossos empresários, possamos aumentar o fluxo de produtos ganenses para o Brasil. Vamos nos empenhar também para estimular novos investimentos brasileiros em Gana.

Um primeiro passo nessa direção está sendo dado hoje. As relações econômicas entre nossos países receberão novo impulso com a assinatura do Acordo Aéreo, que possibilitará uma linha direta entre nossos países.

Caro Presidente,

Os países em desenvolvimento encontram-se diante de importantes desafios impostos pelos rumos que seguiu a globalização, especialmente nas últimas décadas. Precisamos mudar, com determinação e criatividade, a herança que nos foi legada.

A persistência da fome e da pobreza constitui o maior obstáculo à construção de um futuro digno para nossas sociedades. É preciso erradicar essas chagas. É possível fazê-lo. Para tanto, é necessário que esse objetivo



seja assumido por toda a comunidade mundial. A fome é consequência de perversas estruturas econômicas e sociais. Mas ela deve ser tratada como um problema político.

Fome e pobreza estão na origem de boa parte da violência que nos atinge ou nos ameaça. Um mundo menos desigual será certamente um mundo mais seguro para todos. Por isso, valorizo e agradeço o apoio do Governo de Gana à Ação contra a Fome e a Pobreza que lançamos, que reuniu mais de 50 chefes de Governo em Nova York, no ano passado.

A consecução plena das Metas do Milênio deve ser prioridade da comunidade internacional. Não é tolerável que um mundo capaz de produzir tanta riqueza seja, ao mesmo tempo, o cenário de calamidades como as doenças que devastam continentes. A maioria delas poderia estar controlada com medidas básicas de saneamento, garantia de boa alimentação e distribuição em escala de medicamentos.

Acreditamos no potencial do comércio internacional para assegurar o desenvolvimento equilibrado das nações. Para isso, é necessário que os produtos agrícolas - base de muitas de nossas economias - sejam remunerados em seu justo valor. Não se justificam os pesados subsídios e outras medidas protecionistas praticadas pelos países ricos, que afetam diretamente nossos agricultores.

Senhor Presidente,

A democracia, que valorizamos em nossos países, deve prevalecer também nas relações internacionais. Por isso apoiamos a reforma das Nações Unidas. Para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, a ONU tem de refletir a realidade internacional de hoje, e não a de 1945.

Apoiamos o apelo do secretário-geral Kofi Annan para que as decisões sobre a reforma da ONU e do Conselho de Segurança sejam feitas antes da Cúpula do Milênio. É preciso ampliar o Conselho, incorporando novos países em desenvolvimento, para que ele seja mais democrático, representativo,



legítimo.

O Brasil saúda a decisão tomada pela União Africana em Adis Abeba, sobre a reforma do Conselho de Segurança.

Meu caro Presidente Kufuor,

Nossos países compartilham um importante patrimônio histórico e cultural. Essa herança comum se manifesta na comunidade Tabom, que reúne ex-escravos que retornaram do Brasil a Gana.

Na tarde de hoje, tive a honra de ser recepcionado pelos mais altos dignitários da comunidade. Comoveu-me o sentimento de ligação com o Brasil que ainda guardam seus integrantes, mais de um século após o retorno à terra natal. Esse elo entre o Brasil e Gana está, pois, fundado em vínculos afetivos que não podem ser esquecidos.

Por isso, estou determinado a prosseguir, junto com o seu Governo, nos esforços para a restauração da casa original dos Tabom, no antigo e belo centro histórico de Acra.

A “Brazil House”, restaurada, será um símbolo material da profunda amizade entre o Brasil e Gana, um verdadeiro monumento à memória compartilhada por nossos povos.

Querido Presidente,

Espero muito poder recebê-lo no Brasil ainda este ano e retribuir a excepcional acolhida dispensada pelo Governo e pelo povo de Gana a mim e à minha comitiva.

O símbolo de Gana significa justiça e liberdade. Portanto, meu caro Presidente, nada mais justo do que transformar o slogan “justiça e liberdade” num grande slogan de combate à fome e à miséria no mundo, porque sem justiça e sem liberdade não haverá possibilidade do povo mais pobre do planeta tomar café, almoçar e jantar todos os dias.

O povo pobre do planeta Terra clama por liberdade, por muitas coisas; clama por justiça, clama por democracia. Mas a coisa mais importante é a



definição de que democracia não significa apenas o direito de gritar que está com fome, portanto, democracia significa o direito de comer.

E com justiça e liberdade, com igualdade nas relações internacionais, com respeito aos países pobres do mundo, certamente transformaremos o século XXI no século em que os países pobres do Planeta e os países em desenvolvimento se transformarão em países ricos, garantindo que todos os seres humanos, homens, mulheres e crianças, possam tomar café, almoçar e jantar todos os dias.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de jantar oferecido pelo presidente do Senegal, Abdoulaye Wade
Dacar-Senegal, 13 de abril de 2005**

Caro Abdoulaye Wade, presidente da República do Senegal,
Senhoras e senhores integrantes do governo do Senegal,
Senhoras e senhores integrantes da comitiva brasileira,
Meus amigos e minhas amigas,

É um prazer reencontrá-lo, agora em seu país. Piso em solo senegalês com clareza sobre nossas afinidades.

Os vínculos entre o Brasil e o Senegal são antigos e foram fundamentais em nossas relações com o continente africano. A presença de representação brasileira no Senegal remonta ao século XIX. Em 1854 já tínhamos instalado um Consulado do Brasil em território senegalês. Aqui foi instalada a primeira Embaixada brasileira na África, em abril de 1961, logo após a independência do Senegal.

Temos uma história comum de luta pela afirmação dos valores democráticos e pela superação dos graves constrangimentos que afetam o mundo em desenvolvimento.

O Senegal destaca-se, na África de hoje, como exemplo de democracia e de gestão responsável da economia. É conhecida a determinação com que o presidente Wade afirma a presença do continente africano no cenário internacional. Por isso está entre os mais respeitados líderes da África moderna. Uma África que enfrenta seus problemas com soluções criativas, distantes do conformismo e da submissão.



Presidente Wade,

O Senegal desenvolve iniciativas que apontam para uma nova agenda para os países do Sul. No centro está a preocupação em reverter a exclusão social que vitima nossos povos. Projetos como o Fórum Dacar Agrícola têm os mesmos objetivos que nossa Ação Internacional contra a Pobreza e a Fome. Partimos da mesma convicção de que a fome deve ser vista, também, como um problema político, dando origem à violência que nos ameaça.

Um mundo mais seguro exige outra distribuição da riqueza. É inaceitável que, no mundo de hoje, marcado por enormes avanços tecnológicos, tenhamos que conviver com a fome e a miséria.

Agradeço, por isso, o apoio do Senegal à nossa decisão de colocar o combate à fome e à pobreza no topo da agenda mundial. Seguiremos trabalhando para identificar recursos adicionais, que possibilitem implementar estratégias de desenvolvimento de longo prazo.

Não podemos esquecer que o comércio internacional tem papel central na luta contra a pobreza e a fome. Precisamos unir esforços para corrigir as graves distorções que afetam o comércio internacional, sobretudo o de produtos agrícolas. É justamente nesse setor, tão protegido, que nossos produtores são competitivos. O aumento da renda de nossos agricultores cria empregos no campo, oferece abundância de alimentos à sociedade e gera excedentes exportáveis.

O Brasil recebeu, com satisfação, o relatório do Órgão de Apelação da OMC relativo ao contencioso do algodão. O resultado do contencioso beneficia os produtores brasileiros do algodão, mas também a todos os países que se dedicam a esse cultivo, em especial à África Ocidental.

Caro Presidente e amigo,

É também no espírito de defesa dos interesses do mundo em desenvolvimento que o Brasil e o Senegal apóiam a reforma do sistema das Nações Unidas.



Como recordou o Secretário-Geral da ONU, este é o momento para que a comunidade internacional escolha. De um lado, está a ampliação dos conflitos, o aprofundamento das desigualdades e a erosão do Estado de Direito. De outro, a possibilidade de renovar as instituições multilaterais dedicadas à promoção da paz, da prosperidade e dos direitos humanos.

O Brasil saúda a decisão tomada pela União Africana em Adis Abeba. O novo consenso africano aumenta a coincidência de visão com a posição brasileira sobre a importância da presença de países em desenvolvimento como membros permanentes do Conselho de Segurança. O Brasil tem defendido com firmeza a presença permanente da África em um Conselho de Segurança renovado.

Meu caro Presidente Wade,

Minha visita a Dacar reflete meu empenho pessoal em fortalecer nossa cooperação bilateral. Vejo grande potencial para ações conjuntas nos domínios da agricultura, da saúde e da educação.

Também estamos trabalhando juntos na luta para superar a exclusão digital que afasta as populações de nossos países dos benefícios das tecnologias da informação. Conte com todo o apoio do Brasil em suas ações para superar essa deficiência.

Estamos empenhados em aumentar nosso comércio bilateral. Nossas trocas comerciais ainda não refletem o potencial de nossas economias. Tenho insistido junto aos empresários brasileiros para estarem atentos às oportunidades de negócios existentes no Senegal. A recente visita a Dakar de meu Ministro das Relações Exteriores, foi passo importante nessa direção. Estou certo de que estamos no bom caminho.

Por muito tempo, nossos países olharam para os países do Norte, deixando de explorar o enorme potencial de negócios e de cooperação que existe dentro do mundo em desenvolvimento.

Hoje, estamos decididos a reverter essa tendência e a forjar uma nova



geografia econômica e comercial no mundo.

Meu caro presidente Wade,

Não posso deixar de evocar a influência do pensamento do presidente Léopold Sangór sobre toda uma geração de intelectuais e ativistas políticos brasileiros dedicados aos estudos africanos e à questão da igualdade racial. Sua concepção de negritude como um conjunto de valores que transcendem a situação geográfica é uma fonte de inspiração para a diáspora africana.

O Brasil, como se sabe, é a segunda maior nação negra do mundo. Nossos milhões de afrodescendentes estão cada vez mais conscientes e orgulhosos de suas origens.

Por isso, ao assumir o governo, procurei imediatamente colocar as relações com o continente africano em lugar privilegiado na política externa brasileira.

No plano interno, com a ajuda da Ministra Matilde Ribeiro, aqui presente, estou implementando políticas de promoção da igualdade racial. Queremos resgatar definitivamente a dignidade da população brasileira afrodescendente. Sobre ela, pesa ainda a hipoteca decorrente da escravidão, que se traduz em preconceito, discriminação e exclusão social.

Além de programas específicos, como cotas para afrodescendentes nas universidades brasileiras, determinei a inclusão, nos currículos escolares, do estudo da rica história da África, que o Brasil se orgulha de compartilhar. Considero fundamental para o futuro de nossas nações que os jovens brasileiros e africanos se conheçam melhor.

Com alegria, observamos um crescente número de estudantes africanos, entre eles muitos senegaleses, beneficiados com bolsas de estudo oferecidas pelo governo brasileiro. A diáspora africana é hoje um tema que interessa a toda a sociedade brasileira.

Por isso aceitamos, honrados, a proposta senegalesa de que a próxima Conferência de Intelectuais Africanos na Diáspora seja sediada em território



brasileiro.

Caro amigo presidente Wade,

Aguardo com ansiedade a visita que farei amanhã à Ilha de Gorée. Dali partiram, em séculos passados, homens e mulheres que, arrancados das suas terras africanas, ajudaram a construir uma nova nação, o Brasil. Visitar Gorée é conhecer um dos berços da nacionalidade brasileira.

Agradeço a calorosa acolhida em solo senegalês e a excepcional hospitalidade que vem sendo dispensada a mim e à minha comitiva.

Para celebrar este encontro fraterno entre o Senegal e o Brasil, convido os presentes a brindarem à amizade e prosperidade de nossos povos e à saúde e felicidade pessoal do presidente Wade.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de lançamento da Câmara de Comércio Brasil-Gana

Acra-Gana, 13 de abril de 2005

Caros empresários,

Considero o lançamento desta Câmara de Comércio Brasil-Gana, uma etapa muito importante para a dinamização das nossas relações comerciais.

A corrente de comércio entre Gana e o Brasil cresceu muito nos últimos anos. Atingiu, em 2004, 170 milhões de dólares. Gana é, hoje, o quarto maior importador de produtos brasileiros na África sub-saária, sendo superada apenas por Nigéria, África do Sul e Angola.

Gana também ocupa uma posição estratégica, do ponto de entrada de produtos brasileiros na África ocidental. Pelo porto de Tema, ingressam cerca de 80% das exportações brasileiras para esta região.

O aeroporto de Acra também tem papel importante para o comércio de maior valor agregado. O comércio bilateral entre Gana e o Brasil sempre teve papel de destaque e seu crescimento nos últimos dois anos, apesar de espetacular, ainda não reflete o potencial das duas economias.

Podemos aumentar o volume e, em particular, diversificar os produtos que compramos uns dos outros. Para isso, é preciso, em primeiro lugar, que as comunidades empresariais dos dois países se conheçam, estabeleçam relações de confiança e identifiquem oportunidades de negócios.

A formação de “*joint ventures*” entre empresas brasileiras e ganenses e de investimentos brasileiros em Gana são caminhos que merecem todo o apoio de meu governo e, tenho certeza, do governo do presidente Kufuor.

O estabelecimento de ligação aérea direta regular entre os dois países poderá servir como elemento de aproximação, que deverá surtir importantes



efeitos. Será certamente fator de conhecimento entre nossas sociedades, seja pela via do turismo, seja pela via dos negócios.

Assinamos, ontem, um Acordo de Serviços Aéreos que vai regulamentar esse setor de grande importância para nossos dois países.

Ao melhorar os transportes e as comunicações entre os nossos países estaremos evitando a triangulação que tem ocorrido no comércio.

Sempre me surpreendeu que os viajantes tenham de passar pela Europa para ir e voltar da África.

Conclamo os empresários aqui presentes a aproveitar esse estímulo que a Câmara de Comércio vai oferecer e trabalhar com determinação e ousadia, a fim de fazer crescer ainda mais o intercâmbio entre Gana e o Brasil.

Está provado que temos opções à tradicional dependência dos países do Norte. Devemos e podemos promover o comércio entre as nações do Sul e nos unir a fim de defender os nossos interesses econômicos e comerciais.

Senhor Presidente,

Quando visitei a África do Sul pela primeira vez, e depois de alguns meses encontrei-me com o Presidente da África do Sul, ele me contava um fato que merece ser contado nesta reunião. Ele me disse que depois da minha visita a África do Sul, até o segundo encontro que tive com ele, que nunca na história Brasil-África do Sul tantos empresários, ou gente do governo brasileiro, tinham viajado tanto à África do Sul como depois da nossa visita.

Eu estou dizendo isso, porque muitas vezes quando viajamos a um país da África, as pessoas no Brasil ficam inquietas querendo saber o que nós vendemos ou o que nós compramos. Primeiro: não é possível vender com a rapidez que alguns querem e muito menos comprar com a rapidez que alguns querem. Política de comércio exterior é como se tivéssemos plantando uma árvore. Primeiro aramos a terra, colocamos a sementes e precisamos adubar sistematicamente, para, algum tempo depois, sentarmos à sombra daquela árvore e podermos degustar os frutos que ela produz. O que estamos fazendo



aqui é isso. Pelo fato de termos uma relação comercial de 174 milhões de dólares, temos que ter consciência que podemos muito mais, pelo potencial da Gana, pelo potencial do Brasil. Até porque no meu governo, nós defendemos uma relação comercial como se fosse uma via de duas mãos. Nós não queremos um comércio onde o Brasil apenas leve vantagem.

Nós queremos um comércio equilibrado em que vendemos e compramos e mais do que isso: poderemos fazer associações entre os nossos empresários. Poderemos financiar o setor de serviços, poderemos ajudar a construir pontes e estradas. Poderemos ajudar no conhecimento científico e tecnológico. Podemos ajudar no campo da educação, no campo da saúde. Enfim, o desafio que está colocado para a nossa Câmara de Comércio Gana-Brasil é um desafio de descobrir as potencialidades dos dois países. Hoje, o homem de negócios não pode ficar no seu escritório, esperando as coisas acontecerem. Muito menos um brasileiro tem que ir a Paris para visitar Gana. E muito menos um ganense tem que ir a Londres para chegar ao Brasil. Se nós colocarmos um bom colírio nos olhos de manhã e pensarmos de forma muito otimista e positiva, no Palácio do Presidente nós vamos olhar além mar, e vamos enxergar o Brasil bem próximo de Gana e vamos enxergar Gana bem próxima do Brasil.

Portanto meus amigos, minhas amigas, nós agora temos que trabalhar, trabalhar e trabalhar. E é a única forma de Gana se desenvolver de forma sustentável, criar riquezas e distribuir essa riqueza para o seu povo. E o que vale para Gana, vale para o Brasil. E o que vale para o Brasil e para Gana, vale para toda a América do Sul e para toda a África.

Muito Obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião ampliada com o Presidente de Guiné-Bissau, Henrique Rosa

Bissau-Guiné Bissau, 13 de abril de 2005

Quero cumprimentar o primeiro-ministro, Carlos Gomes,
Cumprimentar os ministros de Guiné-Bissau,

Cumprimentar os meus companheiros ministros brasileiros que estão acompanhando a delegação e dizer ao presidente Henrique Rosa e ao governo de Guiné-Bissau que, desde a campanha que fizemos no Brasil, em 2002, quando disputávamos a Presidência da República, nós anunciamos ao povo brasileiro que íamos ter uma política prioritária com relação ao continente africano. E dentro do continente africano, obviamente, com os países de língua portuguesa.

Nesses dois anos e quatro meses de governo, nós já visitamos mais países no continente africano do que certamente todos os outros presidentes da história do Brasil. Não apenas o Presidente, mas os ministros têm visitado, sistematicamente, países africanos, numa orientação do meu governo de que é preciso que a gente mantenha uma política de relação exterior muito plural com todo mundo, mas que a gente leve em conta que a África e a América do Sul merecem ser tratadas como prioridade porque, depois de tantos séculos, continuam sendo parte pobre do planeta Terra.

E estamos fazendo isso porque acreditamos na capacidade do povo do Brasil, acreditamos na capacidade do povo da América do Sul, acreditamos na capacidade do povo da América Latina e, sobretudo, acreditamos na capacidade do povo da África. Foram anos de muita luta para que os países da África conseguissem a sua independência. Certamente o povo inteiro acreditou



que, a partir da independência, tudo iria melhorar para o trabalhador e sua família, para os países africanos. E eu penso que chegou a hora da África dar uma chance à própria África.

E digo isso porque eu já visitei todos os países da América do Sul e com cada país eu tenho discutido exatamente as coisas que eu quero discutir aqui em Guiné-Bissau.

Eu penso que muitas vezes é mais fácil nós dizermos ao mundo que somos pobres por causa dos outros. Muitas vezes é mais fácil a gente afirmar que não progrediu ou não cresceu por causa de algum inimigo externo, por causa de algum problema em outro país. E nós nunca – e isso vale para o Brasil – nós nunca discutimos quais os erros que nós cometemos e o que precisamos fazer para que a gente deposite na consciência da nossa gente a confiança de que, a partir da ação de cada um, a gente pode ir construindo, nos nossos países, um modelo de desenvolvimento sustentável, com a economia crescendo, porque somente assim é que a gente vai fazer a distribuição de renda, e somente assim é que a gente vai produzir riquezas.

Nós entendemos que a relação do Brasil com Guiné-Bissau, a relação do Brasil com o continente africano, pode ajudar, e muito, não apenas Guiné-Bissau, os países da África, mas pode ajudar o Brasil.

Da parte do Brasil, nós temos uma dívida histórica com o continente africano, porque foi dessa parte do Planeta que surgiu o que é hoje o povo brasileiro, a sua cor, a sua beleza, a sua criatividade, a sua inteligência. O seu jeito de trabalhar tem muito a ver com o povo deste continente. E também porque o Brasil tem conhecimento tecnológico, o Brasil tem estrutura empresarial, o Brasil tem base intelectual para, dentro das suas possibilidades, ajudar para que os países mais pobres tenham um mínimo de ajuda para dar os passos seguintes. É por isso que estamos aqui com o Ministro da Educação, viemos aqui com o Ministro da Saúde, viemos aqui com o Ministro da Cultura, estamos aqui com representantes do Senai para tentar estabelecer escolas de



formação profissional, e queremos contribuir em várias outras áreas. Quero dizer para vocês que acabou o tempo em que o Brasil olhava apenas para a Europa e para os Estados Unidos. Olhávamos apenas para os ricos. Nós estamos, primeiro, olhando para nós mesmos, com o Projeto Fome Zero, para garantir que as pessoas tenham três refeições ao dia, e estamos olhando para os nossos parceiros, tanto da América do Sul quanto da África, para os que precisam ter uma chance de dar um passo seguinte.

Nós conseguimos vencer as colônias, conquistamos a independência, dispersamos esperança no nosso povo, e daí? A pergunta que o povo faz: “e daí?”. Conseguimos tudo isso, o que vai acontecer agora? Agora, eu digo em todos os países, é preciso juntar toda a nossa inteligência, toda a nossa competência, todos os homens e mulheres de bem em cada país e, juntos, decidir qual o futuro que queremos para os próximos anos. É preciso pensar um projeto, da mesma forma que temos que pensar para o Brasil, o Peru, a Bolívia, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, para todos os países. Que país nós queremos daqui a 20 ou 30 anos? O que queremos deixar para os nossos filhos? Um mundo igual ou pior do que aquele que recebemos de nossos pais, ou um mundo melhor? Esse desafio, Presidente, só pode ser construído na democracia. Esse objetivo só pode ser construído em um mundo de paz. Esse país só pode ser construído se tivermos confiança de que temos que investir mais em educação, na formação profissional, nos pequenos e médios agricultores de nosso país. Temos que pensar em industrializar o nosso país. E a pergunta que nós fazemos é: como pensar tudo isso se passarmos parte do nosso tempo tentando resolver os nossos conflitos internos que, muitas vezes, se transformam em conflitos maiores do que todos os problemas externos que nós temos?

Quando nós decidimos fazer a disputa eleitoral de 2002, eu resolvi assumir esses compromissos porque um presidente da República nunca será medido pela quantidade de asfaltos que fez no seu país, ele será medido pelo



que construiu de relação no seu Estado e seu povo, e entre os povos no mundo inteiro.

Nós resolvemos nos dedicar, gastar todo o tempo que for necessário, viajando o máximo de países que for possível viajar, tentando estabelecer uma melhora na nossa relação comercial, tentando levantar aquilo que os países precisam e que o Brasil pode ajudar. E quero dizer, gente, que o Brasil pode ajudar mais do que está ajudando, o Brasil pode fazer mais do que está fazendo, porque também temos uma cultura secular que precisamos desmontar, que é a cultura da relação com os países ricos. Até porque é muito mais fácil ter relação com os países ricos. Mas nós queremos ajudar os países pobres, para que tenham uma oportunidade, e tenham a chance de acreditar no seu futuro para que o povo não perca nunca a esperança. E o mundo que queremos, nós mesmos temos que construir. É por isso que criamos a campanha contra a fome. Eu quero agradecer o seu empenho, a sua participação. É por isso que criamos um fundo (inaudível) para poder dar um exemplo concreto em um país como Guiné-Bissau, de que estamos aqui dispostos a fazer novos acordos, e eu disse ao presidente Henrique Rosa que o importante, daqui para frente, não é a quantidade de acordos que podemos fazer, o importante é que, se fizemos apenas um acordo, esse acordo tem que sair do papel para a prática, para poder acontecer, porque, muitas vezes, os acordos são feitos e não passam de protocolo de intenções. Nós achamos que a confiança que nós queremos passar e queremos receber, que a ajuda que nós queremos dar e queremos receber, necessita de ações concretas e objetivas.

E o Brasil, como país que tem maior economia, como país que tem mais conhecimento científico e tecnológico, como país de maior inserção nesse mundo globalizado, o Brasil tem a obrigação, não de ser generoso, o Brasil tem a obrigação de dar a sua contribuição para que os países menores e mais pobres possam crescer, se desenvolver e gerar qualidade de vida para o seu



povo.

É com esse espírito que eu estou aqui, no seu país, Presidente. É com esse espírito, mesmo passando aqui poucas horas, esteja certo que depois desta visita, a relação do Brasil com Guiné-Bissau, que já é boa, vai melhorar e vai melhorar muito, porque outras pessoas virão aqui, outros acordos acontecerão. E, certamente, nós temos tudo para garantir que o processo democrático da Guiné-Bissau, que o processo eleitoral que está determinado, vai acontecer da forma mais tranqüila, e que Guiné-Bissau pode passar a servir como exemplo de um país que sabe conviver democraticamente na diversidade.

É esse um desejo, é um sonho, é uma esperança que eu quero dizer ao Presidente, aos ministros e ao povo de Guiné-Bissau.

Obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com a comunidade brasileira residente no Senegal

Dacar-Senegal, 14 de abril de 2005

Eu queria pedir para vocês se sentarem, se tiver lugar para todos, porque não é que eu vá falar muito, é que ouvir sentado é mais fácil que ouvir em pé.

Vocês precisam apenas ter, da minha parte, a demonstração do orgulho que eu tenho de ver mulheres, homens e crianças do meu país peregrinando por vários países da África onde eu passei, todos prestando um extraordinário e relevante serviço: serviço de integração religiosa, de integração política, de integração comercial, de integração cultural.

Vocês sabem que nós tomamos uma decisão antes de eu ser eleito Presidente da República, de que era preciso resgatar a nossa relação com a África, não só porque somos devedores do que o povo africano fez por nós durante tantos e tantos séculos, mas também porque não era possível continuar admitindo que a África e a América do Sul nasceram para ser pobres, ou seja, eu tenho 59 anos de idade, e desde muito menino eu ouvia as palavras “terceiro mundo, país subdesenvolvido, país em desenvolvimento e país desenvolvido.”

E nós resolvemos colocar, primeiro, a integração da América do Sul, que está muito próxima do Brasil. Nós só não fazemos fronteira com o Equador e com o Chile e fazemos com todos os outros. E não era possível continuar de costas para os nossos companheiros irmãos e vizinhos do Brasil. Fizemos uma forte política para a América do Sul, tentando fazer uma integração definitiva com todos os países da América do Sul, tentando convencer os companheiros,



dirigentes políticos dos países, de que a possibilidade que nós tínhamos de dar um salto de qualidade no crescimento econômico, no desenvolvimento dos nossos países e na melhoria de vida do nosso povo, era se juntar e fazer como faz a gente pobre do mundo inteiro, que repassa aquilo que tem.

Eu me lembro sempre de uma coisa que marcou profundamente a minha vida e eu vejo até hoje isso. É que quando você vai na casa de uma pessoa pobre, por mais pobre que ela seja, se ela tiver uma galinha no quintal, ela mata para oferecer almoço para você. E a minha mãe era muito pobre, a gente vivia num quarto e cozinha com 13 pessoas e ela falava assim: “na casa em que come um, comem dois; na casa que comem dois, comem dez”. Ou seja, colocar um pouco mais de água no feijão, aumentar a porção de farinha e estava pronto o almoço de todo mundo. Ninguém estava preocupado com a mistura. Então, a nossa tentativa é fazer essa pregação junto às pessoas.

Em que o Brasil pode ajudar vocês e em que vocês podem ajudar o Brasil? O que a gente pode trocar de experiência, o que o Brasil tem para oferecer no campo científico, no campo tecnológico, no campo da agricultura. O Brasil pode contribuir extremamente é por isso que o Presidente da Embrapa tem andado conosco para todos os lugares. Nós temos tecnologia para ajudar esses países.

Na área da saúde nós podemos ajudar muito, não que a gente tenha dinheiro, a gente tem conhecimento, tem gente disposta a viajar esse mundo para tentar ajudar, para tentar organizar, para ajudar a formar enfermeira, para ajudar a formar técnico. No campo da indústria nós podemos ajudar, os nossos empresários são competitivos, é possível convencer os empresários brasileiros a fazerem parcerias com o empresário africanos e que a gente ajude a dinamizar a economia deste continente, afinal de contas, o continente africano não é pobre porque nasceu para ser pobre.

Nós que somos crentes, acreditamos em Deus e achamos Deus o símbolo da bondade, não podemos entender que Deus fez a África para sofrer,



não podemos entender. E nós descobrimos o quê? Nós descobrimos que uma das razões da pobreza da África é que, durante três séculos e meio, se tirou daqui as pessoas que tinham mais saúde, as pessoas mais fortes, as pessoas no auge da sua juventude. Meninas, rapazes, homens, mulheres e crianças foram tirados para trabalhar como escravos no Brasil, para trabalhar como escravos nos Estados Unidos, em Cuba, no Haiti e em tantos outros lugares do mundo. Trezentos anos tirando gente com saúde e na flor da idade, obviamente que você está contribuindo, de forma definitiva, para que este continente leve mais tantos anos para poder se reencontrar.

Uma coisa que eu acho marcante é que também aqui na África, que está passando por um processo de reestruturação política e consolidação do processo democrático, as pessoas estão percebendo que apenas o exercício da democracia e a paz é que podem garantir a construção do passo seguinte porque se permanecer em guerra o tempo inteiro, com guerra interna, vão gastar todas as energias (inaudível) e assim passam décadas, passam séculos, e não se resolve o problema.

A nossa pregação é no sentido de fazer com que as pessoas compreendam que só tem um caminho para nós, que é construir uma convivência harmônica entre a sociedade. Mesmo que a gente tenha divergência é possível conviver democraticamente na diversidade, é preciso que a gente tenha muita tolerância com aqueles que não concordam conosco, muita tolerância, muita generosidade e, ao mesmo tempo, temos que nos juntar, porque, na África, tem 54 países, na América Latina tem outros tantos, vocês imaginem se esse monte de países pobres se juntam, a gente passa a ter uma influência nos organismos multilaterais na Organização Mundial do Comércio, na ONU; a gente começa a ter força, afinal de contas, nós aprendemos o quê? Um gravetinho só, a gente pode quebrar com facilidade (inaudível...). Então, é um pouco isso que nós estamos tentando fazer, resgatar nossa história, tentar ver o seguinte: o que a gente pode usufruir do ponto de



vista da relação de troca com os países africanos e o que a gente pode oferecer.

No caso do Brasil, além da dívida histórica que nós temos, o Brasil é um país economicamente mais forte, o Brasil tem uma boa base intelectual, universitária, o Brasil tem uma boa base industrial. O Brasil é um país pobre, mas tem uma parte do Brasil que é rica. Portanto, o Brasil tem que estar despojado, o Brasil tem que estar generoso. Não que vá abdicar de fazer as suas relações com o mundo rico, porque nós também precisamos deles. Mas não é (inaudível) mais próximos à espera de que a gente estenda a mão, que a gente faça um gesto para eles. É por isso que nesses 2 anos e 3 meses de governo, eu já visitei mais a África do que todos os presidentes da história do país juntos. Historicamente, a gente esqueceu a África durante muito tempo e nós queremos resgatar do ponto de vista político, cultural, econômico, comercial, para que a gente possa construir a possibilidade de transformar o século XXI num século de prosperidade para os países pobres.

O século XIX foi o século da Europa, o século XX foi o século dos Estados Unidos, o século XXI está sendo um pouco da China, mas tem que ser nosso também. Nós estamos fazendo as coisas que são possíveis fazer, no Brasil, com o pouco tempo que temos no governo. Nós estamos priorizando a parte pobre do Nordeste. Este ano começamos a fazer a transposição das águas do rio São Francisco para levar para a parte mais pobre do Brasil, que D. Pedro já queria fazer em 1846 e não lhe permitiram fazer. Nós estamos construindo algumas estradas importantes para o Nordeste.

Nós, agora, estamos fazendo um projeto de biodiesel, que é produzir óleo diesel da mamona para substituir o diesel do petróleo, porque é menos poluente e gera muito mais empregos, sobretudo para a parte mais pobre do Nordeste. Esse projeto de biodiesel pode ser uma coisa muito importante para o Senegal, para Guiné-Bissau e para todos os países da África que têm, na agricultura, a base da sua economia.



É por isso que nós estamos fazendo essa viagem. Estou de retorno agora ao Brasil. Nós fomos à Nigéria, a Guiné-Bissau, Camarões e fomos a Gana. Já tínhamos visitado Namíbia, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, África do Sul. Visitamos também alguns países árabes africanos, em dezembro de 2003. E vamos continuar. No ano que vem vai ter mais viagens para a África, porque eu acho que esse é o mínimo que a gente pode fazer. E por que visitar? Por uma razão simples: a relação humana é feita de contatos, é feita de aperto de mãos, é feita de olhar no olho, é feita das pessoas se compreenderem entre si. Não dizem que quando dois seres humanos se encontram ou eles se gostam ou eles se odeiam? Eu, uma vez conheci a Marisa, pintou uma química, estamos casados há 31 anos.

Então, o que eu quero, na verdade, é que essas pessoas que governam os países africanos, o povo da África, percebam que nós somos um país de irmãos, que nós somos um país de companheiros, que nós somos um país que quer uma integração efetiva. Nós não queremos explorá-los, nós não queremos fazer escravos, nós não queremos tirar coisas deles, como no passado. Nós queremos repartir o pouco que nós temos com eles para eles repartirem um pouco do que têm conosco, numa política de fazer com que cresça o Brasil, cresça a América Latina e cresça o continente africano. Quando isso acontecer, todos nós talvez vejamos, os nossos netos verão, nossos filhos verão. Nós não fazemos as coisas para nós mesmos. Quando o pioneiro planta uma coisa, às vezes não é para ele, às vezes é para o que vem depois dele. E eu espero que os nossos filhos, os nossos netos e bisnetos consigam ver o Brasil e a África infinitamente melhores, com mais progresso, com mais qualidade de vida, com mais educação, com mais saúde e com mais fé em Deus do que nós, porque o homem sem esperança e sem fé não vai a lugar nenhum, ele não consegue dar os passos que a vida exige que ele dê.

Por isso, queria dizer para vocês da emoção, do carinho de poder, em cada país que eu visitei, encontrar pessoas com a cara tão boa como vocês.



Com a cara de pessoas que, embora não estejam financeiramente ricas, são, na verdade, espiritualmente realizadas, porque estão fazendo exatamente o que gostam de fazer. Por isso eu acho que feliz o Brasil, não apenas por causa das nossas coisas lá dentro, feliz o país que tem Deus como Senhor, mas feliz o Brasil que tem vocês como brasileiros e brasileiras.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
Ilha de Gorée**

Ilha de Gorée-Senegal, 14 de abril de 2005

Eu queria dizer ao presidente Wade que estamos terminando a nossa agenda na África, no Senegal e na Ilha Gorée. Portanto, terminando a nossa viagem melhor do que qualquer um pudesse pensar ou organizar.

O senhor sabe, Presidente, que quando resolvemos transformar a África num continente prioritário da nossa ação política, dentre as coisas que tínhamos na cabeça e que definiu a nossa estratégia de política internacional, não foi apenas fazer negócios, foi, sobretudo, uma estratégia de um dirigente político que tem consciência da dívida histórica que temos com o continente africano. E não poderia ser melhor o lugar para dizer isso, que ao longo de três séculos exportou milhões e milhões de seres humanos livres que se transformaram em escravos, tratados como mercadoria. E esta casa, aqui, possivelmente seja o único monumento para a história mostrar à humanidade. Muitas vezes nós aprendemos mais sobre as atrocidades que a humanidade cometeu contra etnias, contra raças, contra países, mas a questão da escravidão é tratada muito por cima, porque os escravos eram tratados como figuras, ou seja, não eram seres humanos. Aqui, nesta casa, eles eram transformados num número. Eles não tinham nome nem sobrenome.

Eu acredito que quando tomamos a decisão de recontar a história africana dos nossos escravos no ensino fundamental do Brasil, o objetivo era fazer com que as nossas crianças aprendessem que isso aqui não era um paraíso de escravos, isso era um paraíso de homens livres que uma parte da



Europa transformou em escravos para poder, quem sabe, começar a se transformar no chamado continente rico do planeta.

É muito importante que as nossas crianças aprendam que o fato de a África ser um continente economicamente, industrialmente atrasado, se comparado ao chamado Primeiro-Mundo, não é porque o africano não tem competência, não é porque o africano não é inteligente, é porque durante três ou mais séculos se tirou, desse território, as pessoas mais saudáveis, as pessoas mais fortes e as pessoas com mais condições de trabalhar.

Milhões deixaram este continente e sabe Deus quantos milhões saíram por esta porta. A porta do “nunca mais” é como se fosse a própria morte. Ou seja, eu vou, sem saber, ou melhor, tendo consciência de que não tenho retorno. Mas essas pessoas no seu sofrimento, Presidente, ajudaram a construir o meu país.

Eu penso que, se a gente levar em conta o valor histórico da passagem dos negros pelo Brasil, condenando tudo que tenhamos que condenar, o resultado para o Brasil foi da criatividade extraordinária do povo brasileiro e uma miscigenação que criou um povo extraordinariamente bonito. A esse povo nós devemos a nossa culinária, grande parte dela; devemos a musicalidade que o Gil demonstrou aqui, o samba no pé da mulher e do homem brasileiro. Esse gingado e essas coisas a gente não aprende na Alemanha, a gente não aprende na Suécia, a gente aprende aqui, na Ilha Gorée, porque isso não se aprende na universidade. Isso está no nosso DNA.

E essa intensificação do meu governo, do meu país, com a África, é porque nós acreditamos que o século XXI pode ser o grande século daqueles que foram premidos no século XX. E que o século XXI pode ser o século em que nós, países da África, países da América do Sul e da América Latina, Senegal e Brasil, descubramos que só fomos pequenos porque não pensamos grande. Quando começamos a pensar grande, a ter objetivos definidos, a não fazer a nossa ação política apenas no período do nosso mandato, mas fazer da



ação política uma trajetória histórica para o futuro, eu não tenho dúvida de que os nossos filhos e netos ou, quem sabe, bisnetos, daqui a 40 ou 50 anos estarão aqui não apenas chorando a escravidão, mas estarão também vivendo o momento privilegiado, que eu acho que nós estamos buscando e, certamente, vamos encontrar.

Eu sei da quantidade de autoridades que vêm aqui. Eu vi fotografias de muitas personalidades, mas uma teve humildade – uma que morreu e foi enterrada na última sexta-feira – teve a grandeza de vir aqui, naquela porta do “nunca mais” pedir perdão.

Eu queria dizer, presidente Wade, ao povo do Senegal e ao povo da África, que não tenho nenhuma responsabilidade pelo que aconteceu no século XVIII, no século XVI, XVII, mas eu penso que é uma boa política dizer ao povo do Senegal e ao povo da África: Perdão pelo que fizemos aos negros.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 30 anos da sua posse como presidente
do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 18 de abril de 2005

Meus queridos e queridas companheiras trabalhadores e trabalhadoras
do nosso querido Brasil,

Meu querido Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Meu querido companheiro Marinho, presidente da Central Única dos
Trabalhadores,

Eu sei que aqui está o Vicentinho, que foi presidente deste Sindicato,

Eu sei que aqui está o companheiro Jair Meneguelli, que foi presidente
deste Sindicato,

Eu sei que aqui está o companheiro Ribas, que foi presidente deste
Sindicato,

Sei que aqui está o companheiro Paulo Vidal, que foi presidente desse
Sindicato,

Eu não sei se o Frei Chico está por aí. Mas, como é um dia de
homenagens, eu acho que vou fazer menos discurso e um pouco mais de
homenagens, de verdade.

O Frei Chico, que deve estar aí no meio, é um que tem uma carecona
razoável. O Frei Chico deve estar conspirando ali, porque a vida dele foi
conspirar. Pode vir aqui na frente, Frei Chico. O Frei Chico é meu irmão mais
velho, algumas décadas mais velho do que eu.

É o seguinte: eu só passei pelo Sindicato porque o companheiro Frei



Chico tinha sido convidado para ser diretor deste Sindicato na eleição de 1969, pelo companheiro Paulo Vidal, que ia substituir o companheiro Afonso Monteiro da Cruz, que tinha Mário Ladeira como candidato a secretário-geral do Sindicato. O Paulo Vidal ia assumir e, na montagem da chapa, mandaram chamar o Frei Chico. O Frei Chico trabalhava numa metalúrgica, que já tinha um companheiro que está aqui, que eu vi também, o Ferreirinha, que está aqui no meio, que já era diretor de base do Sindicato. O Frei Chico, não podendo ser diretor do Sindicato, disse ao Paulo, ao Afonso e ao Mário Ladeira que ele não podia ser, mas que tinha um irmão, na Villares, que poderia ser diretor do Sindicato.

Eu fui, então, sondado, convencido de que era importante participar da chapa no Sindicato. Isso era, mais ou menos, no mês de março ou fevereiro de 1968. Eu me lembro que nós conversamos muito tempo e eu disse que não queria ser, no primeiro momento. Depois conversei com o Paulo, outra vez conversei com o Frei Chico e aí me convenceram de que era importante eu ser diretor do Sindicato. Na época, eu não era nem sócio do Sindicato. Eu me filiei ao Sindicato, a minha matrícula acho que é 25986, de maio de 1968. E eu concorri a um cargo de diretor do Sindicato, eu era delegado de base da Villares.

Naquele tempo, fazer sindicalismo era muito diferente de agora. Primeiro, porque o momento político era muito delicado, não era um momento político em que qualquer um de nós podia falar o desaforo que quisesse e ir embora. O momento político era muito delicado, as palavras eram medidas, os boletins eram fiscalizados e, portanto, a gente vivia sob uma pressão muito maior, uma fiscalização muito dura.

Bom, eu quero dizer para vocês, João, Marinho, para você que é muito jovem, e por ser jovem que é Presidente de Sindicato, que este Sindicato aqui tem uma história *sui generis*, porque já nasceu grande, já nasceu importante. Sem nenhum demérito a nenhum outro sindicato, este Sindicato nasceu muito



grande, não apenas pela importância daqueles que eram diretores, mas porque era uma categoria de ponta do conjunto dos trabalhadores brasileiros, afinal de contas, eram trabalhadores da indústria automobilística, em sua grande maioria, que tinham vindo para cá a partir da década de 50. E a gente teve aqui o Anacleto, depois teve o Geraldo, que dividiu o mandato com o Afonso, depois o Afonso, não deu para ele assumir o mandato. Fizeram um trato: eu fico dois anos e você fica dois anos, aí um ficou sozinho de um ano para o outro. Aí o Afonso ficou e não deu lugar para o outro. O Afonso era uma das figuras mais extraordinárias que eu conheci na política brasileira, companheiro da Scania, mensalista da Scania, que prestou um trabalho enorme a este Sindicato aqui. Depois, eu fiquei de 1969 a 1972. O Paulo Vidal era um companheiro extremamente preparado. Eu quero até fazer justiça aqui, neste ato de 30 anos. O Paulo Vidal talvez tenha sido, Feijóo e Marinho, o dirigente sindical mais criticado, porque havia uma birra da esquerda, daquela época, com o Paulo Vidal. Muitas vezes, o pessoal se incomodava até com o tamanho do cabelo do Paulo Vidal, a cor da calça. Naquele tempo havia uma certa disputa aqui no pedaço, muitas organizações de esquerda na categoria, muita gente preparada para fazer oposição no Sindicato. E o Paulo Vidal era isso. Agora, eu quero dar um testemunho aqui. Poucas vezes este Sindicato teve um presidente, como eu sou orgulhoso de dizer, que o Feijóo talvez seja hoje, intelectualmente, o mais preparado dirigente sindical que nós temos no Brasil, como eu acho que o Marinho é o maior organizador, o maior dirigente orgânico que nós temos hoje, capaz de organizar as coisas. Eu posso dizer que muitas das críticas que o Paulo Vidal recebeu na sua história sindical eram injustas, e que o Paulo Vidal foi um dirigente sindical, talvez um dos melhores quadros que nós tivemos no movimento, em uma época em que nós tínhamos, na outra ponta, o companheiro Marcelo Gatto, que foi um grande dirigente sindical do Sindicato de Santos; em uma época que, pelos dirigentes sindicais atuais, o Joaquinção era um dirigente que morreu pobre, todo mundo viu o resultado da



vida do Joaquinzão, era um companheiro, do ponto de vista político, extremamente competente. E eu digo isso à vontade, porque fiz muita oposição ao Joaquinzão, gritei muito contra o Joaquinzão em porta de fábrica, mas a gente precisa, em algum momento, reconhecer as pessoas pela vida e pelo momento histórico em que nós vivemos. Nós temos o hábito, às vezes, de fazer um julgamento equivocado de uma pessoa porque hoje a pessoa não está concordando com a gente, ou porque ontem ela não concordou. Mas uma vida tem que ser medida pela totalidade das posições que a pessoa assumiu ao longo da vida. Hoje, você tem um companheiro com o qual você não concorda, amanhã esse companheiro pode ser seu aliado e, aquele que era seu aliado pode não estar mais com você, pode estar do outro lado. A história está cheia disso. Aqui no ABC está cheio disso. A gente teve o Anacleto, o Geraldo, o Afonso, o Paulo Vidal, depois eu, o Meneguelli, o Vicentinho, o Guiba, o Marinho. Vejam que nós somos da mesma árvore genealógica. Sabe, nunca uma oposição conseguiu ganhar as eleições neste Sindicato, a gente vem se mantendo, com nuances diferentes, desde 1959.

E construiu-se essa história por conta da categoria. A categoria é uma categoria de ponta, é uma categoria que tem os trabalhadores mais bem formados, é uma categoria que tem gente que aprendeu, com muitas greves, a se transformar em pessoas politicamente conscientes e que tomaram as posições certas.

Marinho, embora você tenha começado na Volkswagen, no tempo que a gente começou as greves, em 1978, aqui tem companheiros, Marinho, que naquela época vinham aqui, no Sindicato, ou seja, o Sindicato passou a ser uma coisa tão importante na vida das pessoas, que se um companheiro tinha que entrar às 4 da tarde na Volkswagen, ele saía de casa duas horas mais cedo para passar aqui, no Sindicato, para pegar um boletim. Não podia entrar com o boletim embaixo do braço, o companheiro colocava dentro das calças, colocava dentro da meia. E você, certamente, era um deles, o Feijóo,



certamente, era outro deles. Aqui tem muitos companheiros que faziam isso.

Às vezes, os companheiros saíam da fábrica às 6 horas da tarde, da Mercedes, da Brastemp, da Ford, da Volkswagen e de tantas empresas, e antes de ir para casa o companheiro passava aqui para pegar o boletim, para saber das informações. Então, isso aqui virou uma coisa de excepcional qualidade, que criou essa referência que o Sindicato de São Bernardo é hoje, desde que foi fundado. E ele se fortaleceu, a organização é muito maior.

De vez em quando, alguém pergunta: mas por que não faz tanta greve quanto fazia antes? Porque quando os trabalhadores estão organizados não precisa fazer greve a toda hora. Quanto mais organização você tem, menos greve você precisa fazer. Por quê? Porque quando você não tem organização, você tem que fazer greve para o patrão perceber que você está preparado. Agora, quando você está preparado, muitos empresários já ficaram espertos e não querem provar para saber aquilo que eles já sabem. Então, é melhor sentar à mesa de negociação e fazer um acordo antes.

Eu me lembro do sacrifício que muitos aqui faziam para entrar com o boletim dentro da fábrica. Eu me lembro da perseguição que era na Volkswagen. As mulheres, sobretudo quando estavam grávidas, tinham que ir ao banheiro, tinham que receber uma ficha e só podiam ir uma vez ao banheiro. Eu me lembro da quantidade de reclamações que nós recebíamos aqui, no Sindicato. E eu me lembro, também, de quanto essa categoria marcou posição em todos os momentos importantes da história recente do nosso país.

Então, ser reconhecido, depois de 30 anos, é a coisa que mais me dá orgulho. Ver que saiu daqui o primeiro prefeito eleito por nós, em 1982, o companheiro Gilson Menezes. E, mais ainda, ver que foi o companheiro que, junto com o companheiro Severino e outros companheiros da Scania, quem deflagrou a primeira greve, em maio de 1978. Ao longo da vida, a gente teve divergências, a pessoa mudou. Mas isso não tem problema, a vida não pode ser medida com a rapidez que a gente deseja. Nós precisamos ir construindo



as coisas.

Nesses dias, eu vi uma pesquisa: “Eleitor de São Paulo arrependido, porque não elegeu a Marta”. Faz apenas quatro meses que teve a eleição, mas é assim mesmo. A gente tem que ter paciência para não ficar nervoso quando essas coisas acontecem conosco, porque os mesmos que, às vezes, ficam contra a gente... Eu me lembro da greve de 1979. Foi um dos melhores acordos que nós fizemos, neste país, e eu saí da Vila Euclides sendo chamado de traidor. Nós demoramos um ano para recuperar a credibilidade junto à categoria, na porta de fábrica, e fizemos uma greve ainda maior.

Não faltaram pessoas para escrever que tinha acabado o Sindicato de São Bernardo. Por quê? Porque nós acreditamos. E neste Sindicato se adotou a prática de se ouvir muitas pessoas. Não tem sindicato, no Brasil, que tenha a organização das comissões de fábrica que tem aqui. Não tem sindicato no Brasil que tenha o processo eleitoral democrático que tem aqui. Tarantini, o Aloízio Mercadante, o Marinho, o presidente da CUT, mas se ele quiser ser presidente da CUT, ele tem que passar pelo chão de fábrica da Volkswagen, senão não se elege nem a síndico da CUT, quanto mais a diretor do Sindicato.

Então, aqui se exercita a plenitude da democracia operária que muitos falam, mas que muitos nem conhecem. Aqui se pratica, e se pratica porque há um aprendizado que vai evoluindo nas pessoas.

Lógico que a meninada que está dentro da fábrica hoje tem muito mais escolaridade que nós. No meu tempo, quando a gente tinha um diploma do Senai, fazia um curso de ferramenteiro, de torneiro, de frezador, já era o máximo da nossa vida. Hoje, não. Hoje, os nossos netos, os nossos filhos estão nas fábricas fazendo Direito, Filosofia, fazendo Sociologia, fazendo tantos e tantos cursos, as pessoas estão muito mais preparadas, muito mais educadas, por isso as coisas ficaram mais fáceis.

Uma vez, me convidaram para ir numa porta de fábrica, eu cheguei lá, estava um jornalzinho passeando na linha de montagem e cada trabalhador



pegava o seu. E eu falava: “puxa, como mudou!” No meu tempo era enfrentar a polícia e quebrar corrente para a gente entregar o jornalzinho. E ainda passava trabalhador folgado. Porque vocês sabem que, no nosso meio, tem peão folgado. A coisa que me dava mais raiva era quando você ia entregar um boletim, na porta de fábrica, e o peão passava, às vezes às cinco horas da manhã, o peão estava nervoso, porque tinha trabalhado a noite inteira, e os sindicalistas estavam nervosos porque tinham se levantado às quatro da manhã. Nós só tínhamos duas peruas no Sindicato e um diretor tinha que passar em Santo André, São Bernardo, São Caetano, recolhendo diretor para ir para a porta de fábrica. O Nelsão era o cara que ia me pegar lá, no Parque Brites, em São Paulo, para trazer para a porta de fábrica. Aí eu fui entregar um boletim, Marinho, e o peão falava assim: “vai trabalhar, vagabundo!” Ou, às vezes, ele pegava o panfleto e falava: “eu não quero papel, eu quero dinheiro”. Na época do Imposto Sindical, quando se descontava aquele famoso dia dos trabalhadores, em março, era um verdadeiro inferno ir à porta de fábrica, porque os companheiros, no banheiro, pichavam contra o Sindicato, reclamavam contra o Sindicato. E nós somos muito persistentes, porque conseguimos criar, aqui, uma consciência sindical.

As pessoas não são obrigadas a gostar do Feijóo, do Marinho, do Lula, do Vicentinho, de nenhum diretor aqui, mas as pessoas sabem que essa categoria tem bala na agulha. As pessoas sabem que aqui não precisa mais esse bonequinho, que foi símbolo do Sindicato muito tempo, com essa cara carrancuda: “hoje não estou bom!” Não. Hoje, a gente faz as mesmas coisas dizendo: eu estou bom, eu estou feliz, estou de bem com a vida, mas quero lutar um pouco, quero fazer uma grevezinha. E aí fica tudo maravilhoso, tudo bem, não tem nenhum problema.

Eu era conhecido no Brasil como: “eu não estou bom”. Hoje, eu tenho que falar que estou bem. Eu e a Marisa estamos até mais bonitos do que a gente era. Ela, certamente, eu, não sei. Como sempre fui muito simpático, não



sei.

Eu quero dizer para vocês, meus queridos companheiros, que estar aqui... eu vim preparado para chorar e aqui, durante a apresentação, eu fui me preparando para não chorar, eu não achava que era justo chorar para ouvir o que falaram da minha passagem pelo Sindicato, não era para chorar o fato de eu encontrar tantos e tantos companheiros aqui, que ao longo de muitos anos ficaram no anonimato, e ainda hoje continuam no anonimato, mas sem eles nós não teríamos construído o que nós construímos.

E fico muito mais feliz porque aqui neste Sindicato, também, a gente aprendeu a arte da negociação, a arte do possível. Obviamente que tivemos figuras importantes, como o Aloízio Mercadante, fazendo assessoria para todos nós. Vocês pensam que ele é novo! E tivemos a alegria de partilhar o mandato com um companheiro como o Jeová Milena, que logo virou presidente do Sindicato de Santo André. Então, a minha satisfação é saber que neste Sindicato, Marinho... eu sei que a Segurança criou problema, que só podiam entrar 500, que só poderiam entrar não sei quantas pessoas, não sabem que a gente fazia três dias de carnaval aqui, isso aqui entupia de gente, este prédio balançava e a gente ficava até as quatro horas da manhã. Naquele tempo, a gente não podia pagar ninguém para limpar. Ficávamos eu, os diretores e as nossas mulheres para limpar isso aqui, para varrer, para carregar caixa de cerveja todos esses andares, para encher uma caixa d'água, uma caixa de gelo com cerveja. Então, isso aqui teve muita luta. E por aqui passaram companheiros que não estão entre nós, mas da maior seriedade, companheiros metalúrgicos, companheiros que foram diretores, que tiveram uma passagem extraordinária.

Eu sempre acho que o tamanho que nós temos é composto por células muito pequenas e é a junção de todas elas que fazem o nosso tamanho, o nosso corpo. Eu acho que sem isso este Sindicato não seria nada. Eu vivi momentos de glória aqui, nesta mesma mesa, neste mesmo palco, nesta



mesma caixa de som, era menor naquele tempo, o Sindicato era mais pobre, era menor, mas eu vivi momentos de glória aqui.

O Djalma era mais novo porque não precisava ler para cantar essa música, ele cantava sem ler, significa que ele está com problema de memória. É o seguinte: o Djalma devia ter muita bronca de mim, porque ele sempre foi *crooner*, ele foi um cantor famoso. Não chegou a vender disco, mas foi. Então, a gente ia para os botecos, aí, ou aqui mesmo no Sindicato, e o coitado do Djalma não podia começar a cantar que eu falava: “Canta aquela, Djalma, canta aquela”. E “aquela” não era a que ele cantou, era uma, como é que é, Djalma, que falava: “Tu és, divina e graciosa...”

O Djalma devia ficar muito “p” da vida, porque ele abria a boca e eu falava: “Djalma, canta aquela”. E até hoje, Djalma, lá em casa, quando você se encontrar com o Fábio você vai perguntar... eu, de vez em quando, estou andando, descendo a escada e estou cantando: “Tu és...”. Mas só sei o mesmo pedacinho que eu sabia antes, não aprendi nada mais.

Então, eu convivi aqui com companheiros, passei momentos difíceis, momentos bons, aqui nós divergimos, nós concordamos. O que é gratificante para mim é que, passados todos esses anos – cada um torcendo para o time que queira torcer, cada um acreditando no partido que queira acreditar, cada um querendo ser da religião que bem entender – o que nós fizemos nesses 30 anos foi dar uma demonstração de sabedoria política, de não perder a nossa relação de amizade pelas nossas divergências político-ideológicas, pelas nossas concepções religiosas. Ou seja, nós somos amigos e eu não tenho dúvida de que, da minha parte, nós morreremos amigos, porque nós ainda vamos ver muita coisa acontecer neste país.

Para a menina mais nova que está aqui: eu queria dizer para vocês que a primeira vez que eu vim aqui, nesta mesa, eu era tão inibido, eu tinha tanta vergonha que, às vezes, o Paulo Vidal ia abrir uma assembléia, falava no nome dos diretores que estavam aqui, citava meu nome e minha perna já



começava a tremer.

E eu me lembro que a primeira vez que eu fui falar oficialmente, a primeira vez que eu fui falar – o Paulo Vidal era um bom orador e eu nunca tinha falado –, foi quando fui ser diretor de um curso de Madureza que nós criamos aqui, no Sindicato. Eu passei o final de semana preparando umas coisinhas que eu ia dizer, muito rabisquinho aqui, companheiro e companheira, que era chavão, não é? Tinha que falar “companheiras e companheiros”, era mais bonito do que “todos e todas”; “companheiros e companheiras” era muito mais bonito, muito mais charmoso e muito mais classista.

Bem, então eu vim aqui, preparei e lá estava o Paulo Vidal: lê a ata, lê mais não sei o quê lá, e lê... e foi falando, e eu vendo ele falar tudo o que tinha escrito ali, e ele discorria as suas palavras; e eu vendo, cada vez que ele falava, sumia meu papelzinho; aí, depois que ele falou tudo, disse assim: “Agora, vai falar com vocês o nosso companheiro Lula”. Aí, ele me deu o microfone e eu não tinha mais o que falar. Aí eu falei: “O Paulo já falou tudo. Tudo bem”.

Vejam, se eu, que era assim, cheguei onde cheguei, imaginem vocês, na hora que acreditarem em vocês mesmos. Imaginem vocês, na hora em que acreditarem que não tem limite para o ser humano se ele acredita, se ele tem perseverança, se ele está disposto a não desanimar nunca para conseguir as coisas.

Uma vez eu fui numa Igreja e vi o Janjão cantando num coral. E o Janjão cantava afinado no coral. Eu falei: “Mas se o Janjão pode cantar num coral, eu posso cantar uma ópera, não é possível!” Porque o Janjão nem falar, falava. E estava num coral. Ainda está no coral? Saiu. Queriam fazer um coral solo, ele não queria.

Bem, então, meus queridos, vocês que são jovens, primeiro, não percam nunca de vista o conhecimento da história, para saberem os passos que vocês têm que dar daqui para a frente. Aqui, milhares e milhares de trabalhadores,



desta e de outras categorias, pessoas que um dia acreditaram que estava nascendo alguma coisa nova no mundo, neste país, porque não existe similaridade, do ponto de vista da organização partidária e mesmo da organização sindical.

Eu duvido que em algum momento da história sindical a base participou tanto quanto aqui, duvido. Não conheço momento histórico em que o pessoal participava tanto e vinha discutir. E aqui se discute economia, eu acho que qualquer assunto que se colocar, até filosofia o pessoal discute, as pessoas se preparam. Você tem diretor de sindicato, hoje, preparado para discutir reestruturação produtiva muito mais do que muitos professores de universidades importantes deste país, porque as pessoas perceberam que para enfrentar a possibilidade de investimento que os empresários têm na formação dos seus quadros, nós temos que formar os nossos. Nós temos que nos preparar. Hoje, ninguém faz um bom acordo porque o presidente do Sindicato é um coitadinho, porque o presidente do Sindicato é humilde, porque o presidente do Sindicato não sabe falar. Hoje não, se não souber falar, dança. Hoje não, tem que estar preparado, tem que ter argumento, tem que ter números, tem que estar à altura do enfrentamento, e tem que ter por detrás um exército dizendo: “olha, se brincar o bicho pega e se correr o bicho come”. Aí, as pessoas negociam com mais facilidade conosco.

Eu conheço poucos lugares no mundo em que os trabalhadores têm organização como na Mercedes Benz, como na Ford, como na Volkswagen, como na Scania. Não vou ficar citando todas as empresas aqui, sempre que a gente cita são as maiores. Mas tem poucos lugares, é só andar pelo Brasil para saber qual tem. E essa peãozada é metida. Você vai na Comissão da Mercedes, o pessoal é metido a discutir, até falar em alemão eles querem falar. Eu me lembro do dia em que eu fui com o Barbosa para a Alemanha. O Barbosa era da Volkswagen, já era engenheiro, e é negro. Quando eu cheguei lá e falei: este é o meu intérprete, o pessoal... (risos). Puro preconceito! Esta



categoria, sim.

Então, meus filhos, vocês que são jovens, vocês são filhos da história mais importante que a classe operária construiu no século passado. E a vocês, com toda a formação escolar que vocês têm, está reservada a obrigação, o direito de não apenas manterem, mas aperfeiçoarem esta história, porque daqui a dez anos, possivelmente, o mundo do trabalho seja outro, daqui a 30 anos será outro, e vocês têm responsabilidade por isso, de fazer com que a gente não perca nunca.

Então, quero, do fundo do meu coração, agradecer a esta galega que teve “paciência de Jó” com este seu marido. Eu sempre digo que ela é bem casada, mas eu acho que quem é bem casado sou eu, porque tive sorte. É que de vez em quando eu vejo as pessoas filosofarem, dizendo que “porque o marido ficou desempregado, a mulher largou, porque não sei o que lá, a mulher largou.” A Marisa passou maus bocados comigo e nunca me largou. Tinha dia que a gente ficava procurando moeda nos cofres da molecada para comprar cigarro. O que era o vício, que eu não aconselho ninguém a ter, o que era o vício. Mas, de qualquer forma, eu acho que isso valeu para a construção da nossa vida, da nossa estrutura política, da nossa estrutura enquanto ser humano, enquanto homem e mulher.

Eu queria dizer, meus companheiros, que a minha alegria é imensa em encontrar companheiros como o Zé do Mato, que me prometeu um ganso e até hoje não deu; de encontrar o Possidônio, que ia na minha casa depois das 7 da noite e falava: “eu não bebo muito, Lula, me dá um dedinho só”; eu dava cachaça com cambuci para ele, “me dá um dedinho”, mas de dedinho em dedinho, ele tomava umas trinta mãos de cachaça, assim. E depois, lá em casa, eu ficava preocupado porque ele era o único motorista que não sabia sequer trocar um pneu do carro. Então, ficávamos eu e Marisa preocupados: “como é que o Possidônio vai embora sozinho, porque ele não sabe nem trocar o pneu do carro, não sabe nem usar a chave de mão?” São figuras, a dra.



Nébia, esta companheira que está aqui há tantos e tantos anos.

Eu fico pensando, a Maria, a nossa eterna enfermeira aqui do Sindicato; eu fico imaginando a nossa querida Zélia, a mulher que limpava aqui; fingia que limpava porque conversava o dia inteiro, e ainda continua fingindo.

Então, eu quero, do fundo do coração, meus companheiros, dizer para vocês que eu sou um homem de muitos amigos. Durante a minha vida inteira eu construí uma relação de amizade que eu tento fazer sólida, eu nunca perdi a amizade de um companheiro porque ele divergiu de mim, porque não concordou comigo, porque está em outro partido ou porque torce para outro time. Nunca. Eu levo bronca de alguém durante 30 segundos, depois eu conto até dez, eu acho que a vida é tão boa que não vale a pena a gente ficar com raiva dos outros porque a gente vai ficando com azia, vai tendo má digestão, vai tendo problema. Então, é melhor, é muito mais fácil a gente ser bom, é muito mais fácil ser alegre, é muito mais fácil fazer o bem.

Eu quero terminar prestando uma homenagem a um companheiro, que eu também não sei se está aqui, meu querido companheiro Osvaldo Cavinato. Se estiver, levante a mão, pelo menos para eu saber que está aqui. Osvaldinho era meu assessor econômico. Na época que o Frei Chico foi preso, o Osvaldinho desapareceu. Vieram aqui dois cidadãos, com uma perua rural, e disseram para o Osvaldo: “olha, assaltaram a tua casa, teu pai está com problemas.” Ele correu para casa. Na verdade, não ocorreu nada. Colocaram ele no Dops, meteram um capuz, levaram para o Dops, ele apanhou 75 dias, foi solto, e está bonitão agora, continua nos assessorando. Apanhou mais do que o Frei Chico naquele período em que eles ficaram presos. É um companheiro do mais alto valor, companheiro meu, amigo de primeira hora. Aliás, eu e Marisa somos padrinhos de casamento dele. Se não estiver aqui, Osvaldo, valeu a intenção de eu te prestar esta homenagem, porque ela é verdadeira. E tem outros companheiros. Eu também não vou ficar citando muito mais gente aqui, não.



Eu queria apenas dizer para vocês o seguinte: eu estou há dois anos na Presidência da República. Eu me lembro como foram meus dois primeiros anos aqui neste Sindicato. Primeiro, eu tive um sacrifício enorme para aprender a falar. Tinha uma oposição, está lembrado? Vladimir, Mariana, era uma oposição fervorosa, companheiros que vinham a todas as assembleias com o Estatuto do Sindicato na mão e por qualquer coisinha: “companheiro, a letra a, do artigo b”. Era difícil. E eu tinha muita preocupação. Quando tinha companheiros mais experientes aqui, tudo bem, mas quando eu estava sozinho, tinha que fazer um sacrifício para aprender a falar, para responder.

Então, eu sou grato, grato porque este Sindicato me deu tudo o que eu sou hoje, e eu devo a Presidência que eu tenho, obviamente, ao povo brasileiro, mas se não fosse o berço natural, eu não teria chegado lá.

E esses dois anos que eu estou na Presidência já me ensinaram muitas coisas, muitas. E coisas que eu descobri que são mais complicadas do que ser presidente do Sindicato. Quando eu era presidente do Sindicato eu falava para uma categoria, contra um determinado adversário. Hoje, tem 500, 600, um milhão de categorias, com os interesses mais díspares possíveis, e você tem que trabalhar os interesses de todos. Às vezes, uns querem que o dólar baixe, outros querem que o dólar aumente, outros querem que o dólar fique como está. Então, tem um jogo de interesses que, se você não tiver jogo de cintura e paciência, você não governa. É só pegar a história do Brasil para vocês verem quantos presidentes chegaram ao final do mandato, porque é preciso não tomar nenhuma decisão sob pressão. Aqui tem gente com experiência. Não há nada que não possa esperar a cabeça refrescar para tomar a decisão, porque se você tomar decisões de forma precipitada, pode cometer erros que você pode demorar para recuperar.

Eu digo sempre que uma das razões, e eu acho que nunca conversei com a Marta sobre isso, mas uma das razões pela qual a Marta perdeu as eleições foi ter governado para os pobres de São Paulo. Foi uma das razões. O



tempo vai se encarregar de provar, mas isso não é agora, não.

E estou convencido do que nós temos que fazer no Brasil. Nós temos clareza do que tem que acontecer, no tempo que tem que acontecer. Às vezes, as coisas não vão com a rapidez que a gente deseja, porque você não tem todos os instrumentos que gostaria de ter, você precisa fazer articulação política. Mas eu estou convencido de que, ao terminar o mandato, nós vamos poder vir aqui neste Sindicato e, de forma muito orgulhosa, fazer uma comparação com qualquer outro presidente: o que foi investido para a parte mais pobre da população, o que foi gerado de emprego neste país, o que foi feito da reforma agrária, da agricultura, o que foi feito de financiamento.

Vocês, trabalhadores, sabem o que é agiotagem dentro de uma fábrica: quando a gente precisa de 30 “pilas” emprestados e vai pedir para um companheiro, ele pede logo o dobro em 15 dias. Vocês sabem que o juro consignado é uma coisa importante para todos nós, porque colocou crédito neste país, como nunca se teve. E tem muito mais coisas para acontecer, muito mais empregos. Zinho devia estar feliz aqui, porque fazia muitos e muitos anos que a indústria automobilística não tinha o recorde de produção que teve no ano passado, a geração de empregos no Brasil e a geração de empregos que teve no ABC. No ABC, parece que foram 11 mil novas vagas criadas. Então, é um momento auspicioso que nós temos que consolidar. Essas coisas não estão consolidadas. E é por isso que eu digo sempre: nós não podemos achar que está tudo bem, não vamos agora fazer a farrá do boi, não. Tem eleição no ano que vem, nós não podemos permitir que a eleição determine o nosso comportamento. Nós temos que fazer o que tem que ser feito. Nós temos que fazer as coisas com muita consciência, com muita maturidade, porque nós vamos fazer as mudanças que precisam ser feitas, com a habilidade com que sempre fizemos as coisas, e no tempo certo que temos que fazer.

Eu briguei muito tempo para chegar lá, não vou dar um tropeção agora e



quebrar a canela, não. Vou ficar em pé, maduro, sabendo o que tem que fazer. E depois, no final, como eu não vou sair daqui mesmo, porque eu moro a 600 metros daqui, se o bar da Tia estiver funcionando, eu estarei presente algumas vezes aqui, para a gente ter uma espécie de prestação de contas eternas. Como nós fazíamos na porta de fábrica, como nós fazíamos no Partido, vamos fazer no governo.

Por último, eu quero agradecer ao meu companheiro Bolinha, ex-presidente dos Metalúrgicos de Sorocaba, companheiro metalúrgico da Brastemp, de quem eu tomei conta muito tempo, trabalhou comigo na Villares quando era bem molequinho, eu já mais velho. Bolinha, é uma alegria te ver aqui.

No mais, companheiros, se eu esqueci de citar o nome de alguém que está de fora, que eu não vi, eu peço desculpas.

Eu só quero agradecer, Marinho, a você, ao Feijóo, à Diretoria do Sindicato, que eu nem conheço toda porque é nova, quero dizer para vocês o seguinte: esta noite, valeu a pena ter aceito, um dia, o convite para ser presidente deste Sindicato.

Eu digo sempre que eu sou filho de uma mulher, de uma mãe e de um pai analfabetos. A coisa que meu pai mais desejava era saber ler. Ele comprava o Tribuna de Santos e atravessava de barco de Vicente de Carvalho para Santos com o jornal, fingindo que sabia ler, e ele não sabia diferenciar um “o” de um “t”, não sabia. Minha mãe morreu analfabeta.

Mas eu recebi um legado, muito mais da minha mãe, que é o que norteia o meu dia-a-dia, que norteia a minha relação com os seres humanos: “Nunca deixe de olhar nos olhos das pessoas. Nunca abaixe a cabeça para quem quer que seja, porque o dia em que você abaixar a cabeça uma vez, você nunca mais consegue levantar”. E esse legado é o que norteia a minha vida.

Meus queridos companheiros, que Deus abençoe cada um de vocês, que dê força a vocês para continuarem sendo o que vocês foram até agora,



para que Deus ajude que a gente consiga fazer aquilo que nós nos propusemos fazer. E, mesmo quando vocês estiverem em momentos de depressão, que não estiverem acreditando no presidente da República, no presidente do Sindicato, pelo amor de Deus, vocês podem desacreditar de tudo, só não desacreditem de Deus e de vocês mesmos, porque aí vocês serão um fracasso, e nós não nascemos para fracassar.

Muito obrigado e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de apresentação dos novos oficiais-generais**

Palácio do Planalto, 19 de abril de 2005

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República e ministro da Defesa,

Meu querido companheiro Luiz Gushiken, ministro-chefe da Secom,

Minha companheira Marisa,

Almirante-de-Esquadra Roberto de Guimarães Carvalho, comandante da Marinha e sua digníssima esposa,

General-de-Exército Francisco Roberto de Albuquerque, comandante do Exército e sua digníssima esposa,

Tenente-Brigadeiro-do-Ar Luiz Carlos da Silva Bueno, comandante da Aeronáutica e sua digníssima esposa,

Senhores oficiais-generais,

Senhoras e senhores integrantes das Forças Armadas,

Meus caros e minhas caras jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Mais uma vez expresso a minha alegria, além do orgulho cívico e democrático, ao participar desta cerimônia de promoção de novos oficiais-generais.

Este é um momento especial para todos nós, em que reconhecemos, mais uma vez, o profissionalismo e o espírito coletivo do militar brasileiro que, diante do ideal de servir a pátria e proteger o país, mantém sua indissociável



dedicação ao sentimento humanitário.

As Forças Armadas, por dever constitucional, são defensoras da nossa soberania, integração e independência. E os oficiais-generais são os representantes fiéis desses objetivos maiores, responsáveis por buscá-los sempre com espírito de justiça. São essas virtudes que garantem e fazem perdurar a credibilidade da nossa Marinha, do nosso Exército e da nossa Aeronáutica.

Senhores oficiais-generais,

Ao renovar-lhes os meus cumprimentos pela merecida promoção, quero destacar o grande significado que este momento tem, na trajetória pessoal e profissional de cada um. Podem ter a certeza de que o desafio que os senhores estão assumindo tem o reconhecimento de todo o povo brasileiro.

Neste momento e, mais ainda, daqui para a frente, os senhores estão e estarão retribuindo, com esforço e dedicação, o carinho e o sacrifício que suas famílias dedicaram ao crescimento de suas carreiras. Suas famílias, portanto, merecem, da nossa parte, as mais sinceras homenagens.

Eu torço para que todos tenham sucesso profissional, para o bem dos senhores, das suas corporações e do nosso querido Brasil.

Eu queria aproveitar esta tarde em que muitos de vocês estão realizando seus sonhos, muitos, ou quase todos estão dedicando às Forças Armadas brasileiras e ao Brasil 35, 40, 45, 30 anos da sua vida e chegam a um posto que é o sonho de todo mundo.

Eu, nesses dois anos, aprendi a conhecer melhor as nossas Forças Armadas e aprendi a reconhecer o trabalho extraordinário e dignificante que as Forças Armadas têm prestado ao Brasil, ao longo de muitos e muitos anos, antes que eu viesse a ser presidente da República.

Depois que assumi a Presidência da República, não teve nenhum momento, nesses dois anos e quatro meses de governo, em que tenhamos dado uma tarefa às Forças Armadas e que não tenham cumprido essa tarefa



sem perguntar, sem reclamar, e têm feito aquilo que possivelmente em muitos outros países não seja o hábito das Forças Armadas fazerem.

Aqui, além de soldados, além de representantes da sociedade brasileira, no que diz respeito à nossa garantia e à nossa soberania, as nossas Forças Armadas têm, ao mesmo tempo, se dedicado a fazer trabalhos sociais e, muitas vezes, conversando com outros presidentes, nós não conhecemos tantos lugares em que as Forças Armadas tenham a dedicação que têm aqui, no Brasil. Seja o trabalho feito na Amazônia, seja o trabalho feito no Nordeste – uma das mais novas experiências, na questão da distribuição de água nas regiões mais secas do Brasil, fazendo levantamento de onde precisaríamos colocar as cisternas –, seja na experiência de treinar os Soldados Cidadãos, que é uma esperança extraordinária para a sociedade brasileira, que a gente possa, cada vez mais, ter mais jovens servindo às nossas Forças Armadas.

Eu estou dizendo tudo isso porque eu acredito que o Estado brasileiro precisa, definitivamente, reconhecer os valores dos servidores civis e militares que dedicam, praticamente, a sua vida inteira a serviço da nossa nação, muitas vezes não recompensados, muitas vezes não compreendidos pela sociedade. É como se fosse um trabalho silencioso, mas, ao mesmo tempo, todos se dedicando de corpo e alma para que o resultado seja o melhor, sobretudo para o Brasil e, depois, para o povo brasileiro.

É assim que nós temos discutido com o Ministro da Defesa, com os Comandantes das Forças Armadas, como trabalhar para que a gente possa recuperar o prejuízo que as Forças Armadas sofreram durante tantos anos de desmonte. Se não bastasse o desmonte da máquina pública, nós temos o grande desmonte, eu diria, no soldo e no salário tanto do servidor público civil, quanto do servidor público militar, como se essas pessoas não tivessem famílias, como se essas pessoas não tivessem gastos, como se essas pessoas não tivessem que pagar escolas, como se essas pessoas não pudessem viver como vive qualquer outro cidadão na face da Terra que precisa sobreviver.



Eu estou dizendo isso, nesta oportunidade, porque eu tenho conversado com o meu Vice-Presidente, o Ministro da Defesa, e quero que vocês saibam que nós vamos trabalhar não apenas com vontade política, mas com carinho, para ver se nós encontramos uma forma não apenas de discutir a questão salarial, mas a recuperação das Forças Armadas brasileiras. Eu digo sempre que um país pode ser medido por muita coisa, mas uma das coisas em que um país é medido é pelo potencial de defesa que ele tem, é pela preparação das suas Forças Armadas.

Eu tenho andado pelos países pobres, como fui para a África agora, e tenho visto muitas vezes situações degradantes das Forças Armadas dos países. Em alguns casos eu ficava até pensando se o Brasil poderia ou não ajudar a sair de uma situação, como a que eu vi, por exemplo, em Guiné-Bissau, em que eles precisam do apoio do Brasil. Agora, obviamente, o Brasil só pode apoiar se aqui dentro nós tivermos dando às nossas Forças Armadas aquilo que merecem e que precisam.

Eu digo sempre que há uma dívida enorme do Estado brasileiro com o povo brasileiro. Há uma dívida com os pobres deste país de mais de século, e nós não vamos conseguir recuperar isso em dois ou três anos. Há uma dívida com a juventude deste país, de muitos e muitos anos, e que nós vamos levar outro tanto de anos para começar a recuperar. Hoje, eu disse que nós tínhamos uma dívida com os índios brasileiros que possivelmente vamos demorar para pagar. Como eu tive a coragem de pedir perdão lá no Senegal, na Ilha de Gorée, pelos 300 anos de escravidão a que os africanos foram submetidos e o Brasil participou diretamente, comprando escravos. Fiz isso porque acho que o ser humano precisa de estímulo, ele precisa saber que está sendo olhado com carinho, ele precisa saber que o serviço dele está tendo atenção, ele precisa saber que o serviço dele vai ser recompensado.

Eu quero terminar dizendo que vocês estão, hoje, assumindo novas tarefas. E nesse tempo que vamos ter para trabalhar juntos, nós vamos ter que



dedicar a nossa inteligência, a nossa criatividade e a nossa disposição política para que, juntos, a gente possa fazer com que as nossas Forças Armadas voltem a ser as Forças Armadas que tenham não apenas a recompensa salarial, mas a recompensa dos bens materiais necessários para que a gente possa fazer valer a grandiosidade que o Brasil hoje tem no mundo.

A todos vocês, aos seus familiares, toda sorte do mundo. E espero que esses sonhos que vocês estão realizando hoje possam fazer com que outros sintam o estímulo de se dedicarem o tanto que vocês se dedicaram para chegar ao posto que acabaram de chegar.

Boa sorte e que Deus abençoe todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia comemorativa ao Dia do Índio**

Palácio do Planalto, 19 de abril de 2005

Meus companheiros e companheiras,
Companheiros representantes das Nações Indígenas,
Companheiros ministros,
Companheiros da Funai. A Funai trouxe a turma inteira.

Eu não vou fazer discurso porque eu já estou contemplado com o discurso do nosso companheiro, Ministro da Justiça e da Funai.

Queria apenas dizer aos nossos irmãos representantes, aqui, do povo indígena brasileiro que vai levar muitos anos ainda para que a gente consiga devolver aquilo que um dia foi tirado de vocês. Essas coisas não acontecem do dia para a noite, não acontecem com a rapidez que vocês desejam e que é necessária, não acontecem com a rapidez que é a vontade do Presidente da República e de seu governo, porque entre a vontade de fazer, entre a justeza da reivindicação, a necessidade da homologação e a demarcação das terras, nós temos um longo caminho a percorrer, que muitas vezes não depende de nós.

A Raposa Serra do Sol, por exemplo, já era para termos homologado ainda em 2003. Essa área teve uma dezena de processos, liminares e de muita gente do estado de Roraima contra, a favor, ou seja, até que finalmente o Poder Judiciário, o Ministro da Justiça, a Procuradoria e a Advocacia Geral da União, ou seja, chegaram a um denominador comum que possibilitou a gente estar hoje, no dia 19 de abril, Dia Nacional do Índio, podendo homologar essa que era a terra mais polêmica dos últimos anos no Brasil.



Mas não é apenas isso. Eu tenho consciência, porque durante muitos anos da minha vida eu percorri vários estados brasileiros e encontrei com muitos de vocês em vários lugares do país. E sei que nós ainda estamos longe de cumprir aquilo que temos que cumprir.

Uma coisa é aquilo que está na Constituição, que nós temos obrigação de fazer e, mesmo assim, nós temos, muitas vezes, disputas judiciais enormes e longas parecendo até intermináveis. A outra é aquilo que está no nosso alcance de fazer.

Durante toda minha vida eu afirmei que não era possível fazermos apenas a homologação de terra indígena e não levarmos em conta que, depois da terra, tem praticamente tudo para se fazer para o índio brasileiro. Porque depois da terra, temos que dar as condições para que as pessoas possam trabalhar a sua terra. Depois da terra, precisamos dar condições para que o índio tenha acesso a uma boa educação, de muita qualidade; depois disso é preciso garantir ao índio, além da terra, da educação e das condições de trabalho, fazer com que tenha acesso fácil a uma boa política de saúde pública, que é da responsabilidade do Estado brasileiro.

Ademais nós temos que cuidar, de forma muito carinhosa, para não permitir que depois de demarcada uma terra, os índios sejam afrontados. Afrontados, às vezes, por fazendeiros que poluem os rios; afrontados, às vezes, por fazendeiros que derrubam parte da mata e, muitas vezes, precisamos ter cuidado até para que os próprios índios não desmatem a sua terra, sem que haja um estudo muito cuidadoso para saber o prejuízo que isso vai trazer para o futuro, e, sobretudo, cuidar das crianças para que não morram como morrem habitualmente no Brasil, ora por desnutrição, ora por outras doenças, e é preciso que a gente atente para isso.

Os ministros da área social já estão, há alguns meses, trabalhando a apresentação de um pacote de cidadania para as terras indígenas, porque nós queremos ver se chega luz nas terras indígenas, nós queremos ver se chega



escola de verdade e de qualidade nas terras indígenas, nós queremos ver se chega a saúde nas terras indígenas, nós queremos ver se parte daquela terra pode se transformar em terras produtivas para que os índios possam viver condignamente do resultado do seu trabalho. Durante muitos e muitos anos, na escola brasileira, se falou que o índio brasileiro era preguiçoso, por isso que o Brasil tinha que importar, trazer escravos da África, quando na verdade o que vocês querem, pura e simplesmente, é o que quer qualquer cidadão digno do mundo, nós queremos a oportunidade de provar que somos capazes de viver por nossa própria conta e às custas do nosso próprio trabalho.

É isso que vocês desejam, é isso que o Brasil deseja, e é isso que eu queria dizer para vocês no Dia Nacional do índio.

Podem ficar certos que nós iremos cumprir uma por uma das coisas que nós sabemos que temos que cumprir, não porque seja compromisso do Lula ou compromisso de campanha, porque é um compromisso moral, é um compromisso ético deste país, garantir que as nações indígenas sejam tratadas com respeito e dignidade.

Meus parabéns a todos vocês.



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia em comemoração ao Dia do Exército e entrega da Ordem do Mérito Militar

Nesta data de 19 de abril comemora-se o Dia do Exército Brasileiro, cuja origem remonta ao século XVII, mais precisamente ao ano de 1648, quando houve reação às tropas estrangeiras que haviam se fixado em terras da região Nordeste do Brasil.

A riqueza representada pela produção açucareira daquela porção do território nacional motivou a cobiça das potências navais da época, culminando com a invasão do espaço físico brasileiro e a ocupação, desde 1630, de considerável extensão territorial de terras pernambucanas.

O sentimento nacionalista mobilizou homens e mulheres e uniu índios, brancos, negros trazidos do continente africano e mestiços, com objetivo de expulsar os invasores.

A fraternidade racial e cultural do povo brasileiro aflorou naquela ocasião, unindo nossa gente pela coragem, bravura e disposição de reagir e defender o chão que sabiam ser seu.

Nesse contexto, em 19 de abril de 1648, iniciaram-se os combates que passaram à história como as Batalhas dos Guararapes, onde o povo brasileiro em armas derrotou o inimigo experiente, dando origem à instituição do Exército Brasileiro.

A união das raças, o emprego de técnicas militares inovadoras, a demonstração de criatividade, o sentimento patriótico e os valores morais que nortearam os combatentes de então podem ser observados, na atualidade, como fatores motivadores dos integrantes do Exército.

E isso, com mais razão ainda, na ocasião em que se comemora os 357 anos dessa corporação vigorosa, digna e leal.



Ao longo da sua história, o Exército serviu permanentemente à nação, contribuindo para a unidade nacional, a pacificação e a manutenção da integridade territorial do nosso país.

Tem participado, com eficiência, de Forças Internacionais de Manutenção da Paz, sob a égide da Organização das Nações Unidas, comprovando sua vocação como uma força que está, como sempre, a serviço da paz.

A valorização das Forças Armadas é um objetivo de governo, que pode ser traduzido na importância que estamos atribuindo a seu reaparelhamento.

Todos nós sabemos que o Estado brasileiro sofreu nestes últimos anos um desmonte. Para que possamos recuperar o papel do Estado brasileiro e fazê-lo cumprir as suas obrigações com o nosso povo e com os servidores civis e militares, temos muito trabalho pela frente.

Somente quando pudermos recuperar o poder aquisitivo de todos aqueles que trabalham na defesa da nação, dando a eles condições de trabalho adequadas e salário digno e justo, é que o Estado voltará a ser um verdadeiro Estado democrático e republicano.

Assim, as Forças Armadas, e em particular o Exército brasileiro, cientes dos valores da democracia, poderão trabalhar para garantir nossa soberania, propiciando condições para a manutenção da paz e o bem-estar social do povo brasileiro.

Congratulo-me, nesta data, com todos os integrantes dessa nobre instituição, em especial com seu Comandante, pelo transcurso do Dia do Exército.

Estou profundamente honrado, como portador que sou da Grã-Cruz do Mérito Militar, com a distinção por presidir a solenidade de imposição da condecoração da Ordem do Mérito Militar.

Aproveito também a oportunidade para cumprimentar todos os que estão sendo agraciados, pois posso aquilatar a emoção e a satisfação que sentem ao



receber a mais alta comenda do Exército Brasileiro.

Sejam felizes! Viva o Brasil!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa Nacional de Microcrédito
Produtivo Orientado
Palácio do Planalto, 25 de abril de 2005**

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro de Estado, chefe da
Secretaria-Geral da Presidência da República

Minha querida senadora Ideli Salvatti

Deputado Heleno Silva

Deputado Cláudio Vinhatti

Companheiro Geraldo Magela, presidente do Banco Popular

Meu caro Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti Neto, superintendente do
Viva Cred

Meu caro Rossano Maranhão, presidente do Banco do Brasil

Meu caro Jorge Hilário Gouveia, presidente do Viva Cred

Meu caro Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste

Meu caro Maurício Borges Lemos, diretor da Área de Inclusão Social do
BNDES

Meus companheiros e companheiras microempresários

Meus companheiros e companheiras de cooperativas, que tanto lutaram
para chegar neste estágio de hoje, o Laborato que o diga

Meus amigos e minhas amigas

Antes de falar, Clarisse, da Caixa Econômica Federal, me desculpe, eu
estava diminuindo a importância da Caixa Econômica Federal

Meu caro “Beca”, do Ministério da Fazenda



Eu estava, antes de falar, me lembrando de algumas coisas que são importantes serem contadas aqui, para que as pessoas tenham a dimensão do que estamos falando e do que estamos fazendo.

Eu me lembro que, no final de 2002, fui a um Congresso de Cooperativas em Santos e, nesse Congresso, houve várias decisões que nós colocamos em nosso programa de governo. Quando ganhamos as eleições, começamos a pensar em introduzir parte daquelas coisas que estavam no programa de governo para formatar o esboço de facilitação da criação de cooperativas no Brasil.

Tinha toda uma estrutura proibitiva de se organizar cooperativas no Brasil. Foi feito um trabalho imenso com o Palocci, com o Beca, com o Meireles, com outros diretores da Fazenda, do Banco Central. Foram alguns meses de disputa, porque vocês sabem que tem gente que trabalha com base na cultura em que aprendeu a trabalhar. Portanto, as pessoas têm hábitos, costumes, e não querem mudar com facilidade.

E nós, depois de algum tempo, conseguimos, finalmente, tornar o Brasil preparado para, no dia em que tomar consciência, se transformar no país número um em cooperativas do mundo inteiro.

Mas aí é que entra a diferença entre a teoria e a prática. Na teoria, basta aprovarmos a lei que, no dia seguinte, acontecerão as cooperativas. E não é assim. Não é assim exatamente porque, para você convencer alguém a entrar em uma cooperativa... E ela será muito mais forte se vier de baixo para cima, se vier de uma consciência dos segmentos que vão se organizar, do que tentar impor de cima para baixo a criação de uma cooperativa que pode não dar certo.

Bom, o dado concreto é que eu tenho feito apelos e mais apelos em vários lugares que vou, aos prefeitos do Brasil, aos comerciantes do Brasil, de que eles precisam se organizar em cooperativas para que possamos fazer com que o crédito no comércio se torne mais barato. Sobretudo, porque quem



precisa de crédito, neste país, não são nem os grandes grupos econômicos – esses, ou têm acesso ao BNDES ou têm acesso à empréstimo em dólar – mas é uma faixa média do empresariado que, às vezes, para trocar ou para garantir uma duplicata de 50 mil reais, é obrigada a pagar um preço muito alto.

E se essas pessoas forem se conscientizando da importância de se organizarem em cooperativas, de criarem uma cotização entre si, vão perceber que, ao longo, ao passo de algum tempo, vai ficar muito mais fácil tomar o seu dinheirinho emprestado para suprir alguma deficiência que tenham na sua pequena oficina, na sua loja. Mas isso é um trabalho, eu diria, de maturação, um trabalho de muita conscientização.

E ontem mesmo – eu estou aqui com um companheiro que estava em casa ontem, o companheiro Tarcísio, que é companheiro metalúrgico do ABC, que me chamava a atenção de que no ABC se criou uma cooperativa de crédito para os metalúrgicos. E você imagina: bom, eu tenho 100 mil metalúrgicos na categoria, eu crio uma cooperativa de crédito, 99 mil vão imediatamente entrar na cooperativa e está resolvido o problema. Não é verdade. As pessoas não entram.

Num primeiro momento, as pessoas desconfiam. Num segundo momento, as pessoas começam a pensar. Depois de algum tempo é que as pessoas vão tomar consciência de que aquilo pode ser bom para elas, principalmente quando alguns que já estão, estiverem dentro da fábrica contando as vantagens de participar de uma cooperativa de crédito.

E isso precisa de muito convencimento da sociedade. Para quem não entende bem disso, eu queria lembrar o seguinte: não basta ter um sindicato, é preciso convencer os trabalhadores a se filiarem ao sindicato. E, depois de convencê-los a se filiarem, é preciso convencê-los a participarem das lutas que o sindicato convoca. Há um processo de politização que será muito mais forte se a gente tiver um pouco mais de ousadia. E, para isso, nós estamos, hoje, criando, com a sanção da Lei, praticamente todas as possibilidades para que o



microcrédito, finalmente, deixe de ser uma teoria, deixe de ser um sonho, para se tornar uma grande realidade no nosso país.

Uma primeira experiência que eu tive com o microcrédito foi no estado do Acre. Obviamente que quem é de São Paulo, quem é de Brasília, quem mora na capital de Minas Gerais ou de outro estado qualquer, quem participa da classe média, quem tem uma certa posse, quem é professor universitário, quem é jornalista, quem é dirigente sindical urbano, muitas vezes não tem noção do que significa o tal do microcrédito, em função da necessidade real das pessoas.

Eu me lembro que, no Acre, eu fui participar, com o governador Jorge Viana, da liberação de recursos para um grupo de seringueiros. Então, o cidadão pegava 600 reais. Ele pegava 600 reais para financiar a ida dele, durante quase cinco meses no meio da mata, para tentar colher a borracha. E para que ele queria os 600 reais? Às vezes, para comprar um burrico de um amigo dele, mais barato, para comprar o charque para levar para o meio do mato, para comprar o sal para levar para o meio do mato, para comprar o querosene para levar para o meio do mato, sabendo que ele ia demorar quatro ou cinco meses para voltar do mato com o produto para ser vendido, para pagar aquele crédito e, quem sabe, tomar um outro crédito emprestado.

Agora, imagine se o cidadão que cuida de crédito no Banco do Brasil, no BNB ou no BNDES, se ele vai se lembrar de um cara comprar charque e precisar de dinheiro financiado. Estão acostumados a financiar outra coisa, o setor siderúrgico brasileiro, papel e celulose, ferrovia, os grandes projetos necessários para o Brasil e que precisam ser financiados. Mas não pode ser financiamento apenas desses em detrimento de uma outra parte da sociedade que, se começar pequena pode, um dia, ficar grande e ser dona de uma siderúrgica, ser dona de uma fábrica de papel e celulose ou coisa parecida.

O que não pode é ficar brigando um ano e meio. O Lavorato brigou um ano e meio. Eu não podia mais ligar uma rádio em São Paulo que eu ouvia o



Lavorato brigando com alguém por causa do microcrédito, se era 1% ou 2%. O dado concreto é que o dinheiro tem que chegar na mão das pessoas, senão as pessoas não precisam.

Eu fui ao Ceará e vi crédito de 20 reais. Isso aqui, no nosso meio, pode parecer absurdo. Mas um cidadão que, num final de semana, consegue pegar um cartãozinho para pegar 20 reais para comprar o feijãozinho e a farinha de mandioca e levar para casa para a família comer uma semana tem o mesmo valor de alguém que pega alguns milhões para fazer outra coisa. Mas isso não está na nossa cabeça intelectualizada, isso não está na nossa cabeça contábil, isso não está na nossa cabeça monetária, porque essas coisas são muito novas e muito difíceis. Quando é para emprestar dinheiro para quem tem muito dinheiro, a gente exige uma quantidade enorme de papéis, exige um monte de papel e nem sempre nos bancos públicos os papéis valeram a pena, porque está cheio de exemplos, na história do Brasil, de dinheiro emprestado de banco público, o Banespa quebra, os bancos estaduais quase todos quebraram, e tudo com papel. O papel não significa que a pessoa vá pagar, o papel significa que a pessoa está se credenciando para pegar o dinheiro.

Ora, no caso das pessoas mais pobres, possivelmente, grande parte do patrimônio seja o próprio nome delas, porque o pobre tem um medo de ficar devendo como o diabo tem medo da cruz, o nome dele é a coisa mais importante. Então, se ele não paga, é porque algo de grave está acontecendo com ele. Muitas vezes, nós precisamos ter uma política de conscientização, sabe por quê? O pobre está acostumado a comprar um aparelho eletrodoméstico para pagar em 36 meses e, em um belo dia, ele vê encostar um caminhão na casa dele para levar embora. E leva mesmo, leva carro, leva geladeira, leva fogão, leva máquina de lavar roupa, leva televisão. Então, ele está acostumado, ele tem medo.

Então, nós não temos que ter a preocupação de correr algum risco, nós não temos que ter a preocupação de dizer: “bom , uma parte da disponibilidade



de recursos para investimento no Brasil tem que ser investimento para ajudar o pequeno a se alavancar.”

E aí eu me lembro de uma coisa vendo, aqui, o Rossano na minha frente, eu me lembro de uma coisa que era a história do crédito consignado. Não pense que foi fácil criar a estrutura do crédito consignado, porque nós o tínhamos em algumas áreas do setor público brasileiro mas, eu me lembro, em muitos casos, que as pessoas que tomavam dinheiro emprestado comprometiam, praticamente, 100% do seu pagamento. Não eram poucos os funcionários públicos brasileiros que chegavam ao fim do mês e não recebiam pagamento, porque era tudo descontado em favor da dívida que ele tinha. O que nós fizemos? Nós demos um toque de seriedade nisso. Primeiro, estendemos do setor público para o setor privado, num acordo inédito entre o movimento sindical e uma grande parte do Sistema Financeiro brasileiro. Segundo, limitamos a prestação do cidadão ao máximo de 30% do seu salário, para que ele não possa ficar a vida inteira só pagando o banco, ele tem que fazer outras coisas. E, agora, estendemos aos aposentados.

Eu via, na televisão, muita propaganda, e falei: “puxa, como este governo está emprestando dinheiro barato”. Aí eu percebi que muitos bancos estavam cobrando 6%, 7% ao mês. E percebi, também, que dentro dos nossos bancos, Banco do Brasil e outros bancos públicos, há sempre uma cisma, há sempre uma preocupação, porque os nossos bancos, nos últimos dez anos, praticamente agem com se fossem bancos privados, ou seja, eles precisam ter lucro, não podem ter prejuízo; não é bom ter prejuízo porque a conta fica para o Tesouro depois; então, é importante que eles tenham lucro. Mas eles também têm que ter uma função social, e demorou um tempo. Mas o Banco do Brasil entrou, e entrou agora, com força total, criando para os aposentados um empréstimo a 1,5%, que é a taxa mais barata do que o mais barato que nós já tínhamos, que era 1,75%. E você vai ver, Rossano, a quantidade de aposentados e pensionistas que pode até pedir transferência para o Banco do



Brasil – eu sei que esse é um desejo do Banco do Brasil – para que o Banco do Brasil coloque ainda mais que 3 bilhões, 2 bilhões, à disposição de financiar essa gente.

Ora, qual é o mal nisso? O mal nisso é que você vai ter mais gente pegando dinheiro emprestado, pagando, ou, se dever para agiota a 8%, 9%, 10% ou 15%, e podendo pegar o dinheiro, comprar muitas coisas a dinheiro, a um juro muito mais barato do que ele pagaria no crédito do consumo, em qualquer loja deste país.

E isso explica porque cresce tanto o nosso comércio, porque crescem tanto as vendas no comércio brasileiro. É porque o povo está tendo acesso a um dinheiro muito mais barato do que ele teve em qualquer outro momento da sua vida de trabalhador.

E isso permite que a gente acredite que, ao longo de alguns anos... essas coisas também não acontecem do dia para a noite, vai levando um tempo de maturação. Eu me lembro de um banco aqui, Smith, eu me lembro de um banco que me procurou meio nervoso, porque ele tinha reduzido o cartão de crédito para 2 pontos percentuais a menos que o seu concorrente, na expectativa de que quem tivesse cartão de crédito ia sair daquele banco e ir para o banco dele. E não vai.

Veja que engraçado: às vezes – eu posso até citar um companheiro da imprensa que está aqui, citar um câmara que está aí, citar um deputado, citar um metalúrgico – às vezes, um cara está num bar com um grupo de amigos, tomando um chope, que é um direito dele tomar, porque também é filho de Deus e tem direito a tomar um chopinho de vez em quando, de preferência na sexta-feira, ele está lá, xingando o banco, ele está xingando os juros, ele está xingando o cartão de crédito dele, mas, no dia seguinte, ele é incapaz de levantar o traseiro de um banco, de uma cadeira, e ir ao banco mudar, ou ir para o computador fazer a transferência da sua conta para um banco mais barato. É o comodismo. É o comodismo das pessoas que reclamam de noite



mas, de dia, se conformam, ou seja, não há uma ação, porque se as pessoas tivessem consciência, ninguém pagava 8% de juros ao mês. Ninguém pagava. Até porque não é pobre que tem cartão de crédito.

Nessa parte que a gente está criando, o microcrédito, poucos têm cartão de crédito. É uma classe mais sabida intelectualmente, de melhor posse. Mesmo assim, xinga de noite e, de dia, se conforma com o juro de que ela tanto reclama à noite.

Essas coisas, para mudar, levam um processo enorme. O Banco do Brasil vai ter que fazer muita campanha; o Banco do Brasil vai ter que fazer muita publicidade; os bancos públicos vão ter que competir. E outros bancos vão ter que fazer mais, muito mais, se a gente quiser consolidar, definitivamente, a questão do microcrédito, do empréstimo consignado e, sobretudo, de facilitar as cooperativas no Brasil.

Estejam certos de uma coisa: na teoria é mais fácil do que na prática, porque está tudo criado para funcionar corretamente bem. Mas, se é verdade o que me disseram, que nos oito anos antes do nosso governo o dinheiro que tinha para financiar era 33 milhões, nós agora vamos correr perto de 600 milhões. Ou seja, se você fizer o serviço bem feito, daqui a pouco, Maurício, vai precisar de 1 bilhão do BNDES, e 1 bilhão que seja bem-vindo, porque nós colocamos “bilhão” para tanta coisa, vamos colocar 1 bilhão para ajudar a possibilidade de desenvolver uma nova experiência de atividade econômica no Brasil. Afinal de contas, eu acho que o Brasil precisa; o Brasil, pelo dinamismo econômico, pode ser exemplo e eu acho que o Brasil pode, sem precisar ninguém, brasileiro, ser embaixador de coisíssima nenhuma, o Brasil pode, definitivamente, em algumas coisas, servir de exemplo para o resto do mundo ou, pelo menos, ser um bom exemplo para partilhar com outras boas experiências que existem em outros países do mundo.

Eu acho que essa é a grande novidade deste dia de hoje. O fato de eu sancionar esta Lei é a consagração de um processo que começou há alguns



meses atrás; em novembro mandamos a medida provisória para o Congresso, ela foi aprovada agora e estamos sancionando. Portanto, agora, o chamado marco regulatório está fechado. O Sistema – essa palavra é bonita – o Sistema Nacional de Microcrédito está garantido. Agora, todos nós temos a responsabilidade de fazê-lo funcionar mais rápido ou menos rápido. Como nós queremos mais rápido, acho que cada um de vocês não pode ser apenas o agente, o prestador de dinheiro. É preciso que vocês se transformem nos garotos-propaganda dessa política de microcrédito, que consigamos difundir isso aos milhões de brasileiros e brasileiras que não sabem, que às vezes precisam de mil reais, de dois mil reais, de 500 reais. O que alguns gastam em uma noitada em um bar, tomando cerveja, para outras pessoas significaria a consolidação e a segurança da sua família.

Por isso, eu nem falei da bancarização, para não deixar a Caixa Econômica meio convencida. Mas a bancarização é outra coisa fantástica porque quando nós começamos, diziam: “não, não vai dar certo; isso é bobagem; isso não sei das quantas”. Mas o dado concreto é que são mais de cinco milhões e meio de pessoas. Mais de cinco milhões e meio de pessoas que, um dia, descobriram que banco não é apenas para a gente passar na frente dele, na porta, que banco também é para a gente entrar e fazer uma conta, mesmo que a gente não tenha recursos, mas que a gente pode ter.

Esse é um fato muito importante para pessoas como vocês que cuidam de microcrédito, querem organizar a sociedade em cooperativas, trabalham e batalharam para que nós tivéssemos o crédito consignado, e é por isso que eu digo todo santo dia: nós estamos transformando o Brasil, que é um país capitalista, em um país com capital na mão do povo, ou seja, com um pouco de dinheiro, porque dizia o nosso Jorge Viana, governador do Acre: “muito dinheiro na mão de poucos significa apenas concentração de riquezas; pouco dinheiro na mão de muitos significa distribuição de renda”. E é isso que nós estamos fazendo.



Meus parabéns e muito obrigado.



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no café da manhã com a Abic, por ocasião do lançamento da 1ª Edição Especial dos Melhores Cafés do Brasil

Brasília-DF, 26 de abril de 2005

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo. Fiquei feliz porque fiquei sabendo que o seu irmão voltou ao berço antigo, em que o irmão falava mais do que ele, era mais novo. Em 1985, saiu do PT e agora eu fiquei sabendo que voltou, depois de um longo e tenebroso inverno.

Meu querido Carlos Melles, Edinho Montemor, Geraldo Thadeu, Mário Heringer, Odair da Cunha, Silas Brasileiro e Vicente Cascione, deputados federais que estão aqui prestigiando esse lançamento,

Meu caro Guivan Bueno, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Café,

Meu querido João Carlos de Oliveira, presidente da Associação Brasileira de Supermercados,

Senhoras e senhores empresários do setor de café,

Meu querido companheiro Ratinho, que eu nem sabia que plantava café. Não sei o que está fazendo aqui, porque poderia fazer mais propaganda do café, se é que produz café, no programa dele, para fazer as pessoas beberem café.



Eu não sei se faço um discurso aqui, mas eu queria dizer para vocês um negócio, eu acho que eu sou capaz de parar de beber água e não de beber café. Se tem um vício que eu tenho na minha vida é de tomar café. Eu, às vezes, à meia-noite estou com azia, por causa da quantidade de café que eu tomo. Quem já esteve em audiência comigo percebe que de cinco em cinco minutos... eu diminui até o tamanho da xícara para não parar de tomar café, mas eu tomo café o dia inteiro: tomo café meia-noite, uma hora da manhã, duas horas da manhã, onde eu viajar a maquininha de café vai comigo, e tem gente que acha que café faz a gente perder o sono. Eu, para dormir, preciso tomar café. É um vício que eu não tenho vontade de largar.

E eu brinco sempre com os mineiros, Walfrido. Eu sei que o Sul de Minas é um grande produtor de café, mas o grande desafio é fazer com que os mineiros coloquem uma colherzinha de pó a mais no café, para ele ficar mais forte, e a gente vai atingir o milhão que nós precisamos, a mais, já neste ano, se a gente aprender a colocar uma colherzinha a mais para o café ficar mais forte, ficar mais saudável.

Confesso a vocês que quando eu participo de um evento como este, vai crescendo dentro de mim uma certeza de que vale a pena a gente acreditar neste país, vale a pena a gente acreditar nos empresários brasileiros, vale a pena a gente acreditar nos trabalhadores brasileiros e vale a pena a gente acreditar nos produtores rurais brasileiros.

Eu vou repetir aqui uma coisa que eu já falei. Quando eu chamei o Furlan para ser ministro e o Roberto Rodrigues para ser ministro, eu nunca perguntei a eles a que partido pertenciam, nunca perguntei a eles em quem votaram, nunca perguntei a eles a que religião pertenciam. A única coisa que eu sabia dos dois era que eram dois excelentes profissionais, um em cada área, e que um é são paulino fanático e o outro um corintiano fanático. Era a única coisa que eu sabia deles. E confesso a vocês que foi a escolha desses companheiros nessas duas áreas extremamente importantes para o



desenvolvimento do Brasil, uma, a agricultura, e outra, a indústria, que está fazendo com que o Brasil deixe de ser visto no mundo como um país de terceiro mundo, como um país menor, em que os seus ministros viajam para o exterior apenas para chorar a nossa pequenez, para lamentar a nossa pobreza e para reclamar das coisas que nós ainda não temos.

Eu sempre sonhei que, se eleito presidente da República, eu queria criar uma secretaria especial de comércio exterior, eu queria criar o “mascate”. Eu digo sempre, a imagem que eu tinha do “mascate” era daquele cidadão que chegava na casa da gente, batia palmas, a mãe da gente não queria atender mas ia atender e depois de meia hora de conversa, ela voltava para dentro com um pacote de pano embaixo do braço, uma prestaçõzinha para pagar em 12 ou em 24 meses e estava contraída a dívida, o mascate tinha conseguido convencê-la.

O que nós temos feito, a nível de política internacional, é apenas a valorização da alma, da capacidade, da tecnologia e do conhecimento do povo brasileiro. Nós, com muita humildade, temos ocupado espaços importantes, temos disputado espaços muito importantes. Eu duvido que na história do Brasil, ministros já viajaram tanto quanto esses dois companheiros, mais o Ministério das Relações Exteriores, batendo porta, abrindo portas, criando novas fronteiras de negócios para o Brasil, fazendo com que a gente ocupe espaços extraordinários.

Eu queria lembrar a vocês que, nesses dois anos, o nosso comércio com a América do Sul já cresceu quase 58%, já é maior hoje do que o nosso comércio com os Estados Unidos. Agora, o que nós queremos é mais, o que nós precisamos é conquistar mais espaço, o que nós queremos é estabelecer novas relações comerciais, o que nós queremos é melhorar o nosso produto, o que nós queremos é ser mais competitivos, o que nós queremos é fazer com que o Brasil não dê um passo atrás.

Vocês estão lembrados que houve um tempo na nossa política



econômica em que o governo fazia a opção: nós vamos apostar na exportação, era tudo para a exportação e o mercado interno quebrava ou ficava numa situação delicada. Aí, de repente, o governo falava: agora, vai ser o mercado interno. Diminuíam as exportações e mais ficava no mercado interno.

O que nós estamos tentando provar é que não era incompatível você crescer o mercado externo e crescer o mercado interno. Não é incompatível. De vez em quando, está aqui o meu querido Paulo Skaf, presidente da Fiesp, eu vejo as pessoas falarem e dizerem que o aumento da taxa Selic vai diminuir o consumo interno e eu fico analisando os economistas falando, os especialistas falando, e eu fico pensando que as pessoas não estão percebendo uma coisa que está acontecendo e que não estava escrito em nenhum manual, nem dos trabalhadores, nem dos empresários, nem nas universidades formadoras dos nossos grandes economistas. É que nós estamos colocando no mercado uma quantidade de dinheiro que não estava previsto em nenhum manual da economia.

Só do crédito consignado, nós colocamos 13 bilhões e meio de reais no mercado de consumo, significando 40% do consumo no nosso país. Agora entraram os aposentados, que vão ter acesso a dinheiro a 1,5% no Banco do Brasil. Eu não tenho dúvida que no final do ano serão mais alguns bilhões de reais que estarão no mercado e que não estavam em nenhuma codificação dessas que a gente costuma ler nesses manuais de economia.

Da mesma forma que o forte e crescente apoio ao microcrédito. Quem acompanha o microcrédito, sobretudo quem é parlamentar, quem viu os debates na câmara, nunca na história deste país houve tanta possibilidade, e eu vou dar um dado aqui exato: o governo passado, em oito anos, estava disponibilizando, a cada ano, 33 milhões de reais para o microcrédito. Este ano, nós disponibilizamos 600 milhões de reais.

Se vai ser todo utilizado ou não, nós não sabemos. O dado concreto é que o microcrédito é uma parcela significativa da economia brasileira e nós



temos a responsabilidade de fazê-la crescer. Eu fico imaginando a quantidade de dinheiro, um dia eu quero sentar com o Paulo Skaf e com outros empresários para a gente discutir o quanto entrou no mercado brasileiro esses dias, esses anos, esses dois anos para o consumo.

Primeiro, nós aumentamos o BNDES em 20 bilhões de reais. Segundo, nós temos 8 bilhões de reais do programa Bolsa Família. Terceiro, nós temos mais 3 bilhões de reais do Estatuto do Idoso. Agora, vamos ter mais 40 reais no salário mínimo, ou seja, a verdade nua e crua é que a quantidade de dinheiro que está sendo jogada no mercado não estava prevista nos manuais da ordem econômica deste país. E é por isso que mesmo com a taxa selic a 19,25, é por isso que o mercado interno continua a crescer, é por isso que o varejo está crescendo, é por isso que os supermercados estão vendendo muito, porque as pessoas estão tendo possibilidade de acesso a dinheiro que antes não tinham. E eu estou apenas provando uma coisa que eu imaginei a vida inteira. Se nós somos um país capitalista, é preciso que o povo tenha o mínimo de capital, é preciso que o povo tenha acesso ao mínimo de mecanismos para que possa ter acesso à compra.

E agora nós vamos colocar na praça uma coisa chamada PC Conectado. É um grande projeto para fazer com que a parte mais pobre da população tenha acesso a computadores. É uma engenharia um pouco complicada porque sempre que a gente pensa que o projeto está pronto, ele não está. Nós vamos precisar do apoio dos deputados, porque ontem nós definimos que tem que ser um projeto de lei em caráter de urgência, se a gente quiser fazer com que milhões de brasileiros que hoje estão marginalizados tenham acesso à internet. E um projeto dessa magnitude não pode ficar três, quatro, cinco, dez, doze, quinze anos tramitando. Essa tem que ser uma coisa de poucos dias. Entrar no Congresso e conversar com os deputados, com os presidentes do Senado e da Câmara, para que um projeto como esse seja aprovado. Para quê? Para a gente dar ao povo brasileiro a mesma



oportunidade que têm os nossos competidores. Para a gente garantir que a nossa gente mais humilde tenha acesso às informações para poder trabalhar a partir da sua própria casa e, quem sabe, a gente esteja formando novos e melhores profissionais no nosso país.

E quando eu chego numa festa como esta, que passo tomando café – ainda não me deu azia –, e vejo que a grande preocupação de vocês é tornar o Brasil não apenas mais competitivo, mas provar que o Brasil é capaz de produzir o melhor café do mundo, vocês estão dando um passo extraordinário para dizer: a cafeicultura brasileira não é uma aventura, o Brasil já está cansado de ser exportador de produtos *in natura*, nós queremos agora provar que já consolidamos o Brasil como o maior produtor de café do mundo, como maior exportador de café em grão do mundo, nós, agora, queremos ser um grande transformador desse café, industrializá-lo, transformá-lo cada vez mais num café de qualidade, gerar os milhões de empregos que nós precisamos gerar e, quem sabe, gerar os milhões de dólares que nós precisamos gerar para o nosso país.

Essa atitude de vocês faz com que a gente possa, aqui, elogiar o nosso Ministro da Agricultura e o nosso Ministro do Desenvolvimento. Eu diria que sem demérito a quem já passou pelas pastas neste país, e foram muitos, eu acho que em poucos momentos da nossa história nós tivemos dois ministros dessa qualidade, em duas áreas tão importantes no nosso país. Ou seja, porque são pessoas que conhecem a fundo aquilo que fazem. Conhecem a fundo, não são leigos que estão temporariamente no Ministério da Indústria, do Comércio e do Desenvolvimento ou no Ministério da Agricultura. São pessoas que têm sua formação nessa área, que discutem com igualdade de condições não apenas com os empresários brasileiros, mas eu já tive a oportunidade de vê-los discutir com empresários e com ministros de outros países e eles demonstram, muitas vezes, que conhecem muito mais do que a média das pessoas que discutem com eles.



Portanto, é com muito orgulho que eu digo que, nessa área, o Brasil está extraordinariamente bem representado e eu acho que tanto a indústria quanto a agricultura não têm, na verdade, o que reclamar desses dois ministros que são muito mais do que ministros, são porta-vozes do setor industrial e do setor agrícola do nosso país e vão continuar sendo independentemente de serem ministros.

Vamos ver algumas coisas que foram disponibilizadas para vocês esses tempos, quando o Roberto Rodrigues me procurou para falar da opção, ou seja, na época parecia um absurdo o governo sustentar a 195 reais a saca do café. O Roberto se queixava que estava 37 dólares a saca e que era preciso garantir. É verdade, hoje nós até ganhamos um dinheirinho por conta dessa opção. E nós achamos que é preciso. Esse é um setor em que todos nós, governo e empresários, temos que ter clareza de que a agricultura é uma atividade de risco, sistematicamente de risco, e nós precisamos nos dotar de mecanismos de proteção para enfrentar as intempéries, já que nós não temos nunca controle sobre elas.

Então, nós precisamos agir de forma profissional, de forma não mais amadora. A gente deve pensar para frente o que a gente quer a cada momento. Sabem vocês que terão de mim o apoio irrestrito para que a gente não veja nunca mais neste país, nunca mais, centenas e centenas de produtores de café cortando o seu cafezal porque não acreditam mais nesse tipo de lavoura. Nós não queremos.

Nós achamos que tem momentos melhores, todo mundo sabe que a agricultura é uma atividade cíclica, todo mundo sabe que um tempo nós produzimos demais e somos vítimas da nossa capacidade de produção, tem hora que produzimos, o mundo produz menos e a gente vende mais. Todo mundo sabe que este é um ano de grande produção mundial em vários grãos, mas nem por isso o Brasil está perdendo. É possível que tenha uma ou outra atividade em que a gente esteja ganhando um pouco menos, mas eu acho que



nós precisamos ter consciência de que é assim mesmo.

Eu ouvi o discurso de um empresário quando nós fizemos a reunião dos 50 maiores exportadores brasileiros e ele falava da soja. Ele falava: “tem muita gente reclamando”. Mas o dado concreto é que nós não perdemos nada. Nós produzimos este ano a mesma quantidade que nós produzimos no ano passado. Ou seja, a gente está deixando de ganhar um pouco mais, mas a gente não tem que estar aqui lamentando.

Como o Brasil hoje é praticamente imbatível em algumas áreas, como o Brasil definitivamente entrou nessa parada para ganhar, vocês têm que se preparar, Furlan, Roberto Rodrigues e os nossos produtores, têm que se preparar porque nós temos adversários nessa área. Não pensem que as pessoas lá fora vão ficar vendo o Brasil crescer, vão ficar vendo o Brasil ser o exportador maior do mundo, vão ficar vendo o Brasil vender para vários países. Não. Tem disputa nesse mercado e disputa pior do que São Paulo e Corinthians, pior do que São Paulo e Palmeiras, pior que Corinthians e Palmeiras, Vasco e Flamengo, ou seja, é disputa, todo mundo sabe, “nego” pisa na canela mesmo. Mas o que nós temos que ter é, primeiro, qualidade; segundo, profissionais para defender o Brasil em todas as frentes.

Nós vamos ter problema na carne agora. E a carne tem vários problemas que nós vamos ter que enfrentar, porque o Brasil passou a ser o maior exportador de carne do mundo. O Brasil é um país que abate 36 milhões de cabeças de gado por ano, o Brasil é um país que está sendo levado muito em conta nessa área. E quando a gente cresce, significa que alguém diminui. E não apenas porque a gente ganhou algumas batalhas na OMC, não apenas porque nós ganhamos, mas porque nós estamos ganhando uma parte do mercado mundial. E isso coloca muita gente de orelha em pé contra o Brasil.

O que nós temos que fazer? Primeiro, não existe saída individual para nenhum produtor, para nenhum criador de gado ou para nenhum empresário. Se alguém pensa que tem saída individual, pode tirar o cavalo da chuva porque



não tem. O que nós precisamos é fazer um pacto de brasilidade, um pacto de patriótico mesmo, de juntar governo e empresários em todas as frentes e enfrentar todos os oponentes que nós temos e todos os concorrentes de forma coesa.

Eu, agora, vou para o Japão e para a Coréia. Nós vamos no dia 22. Fizemos uma reunião com os produtores de álcool do Brasil e tem divergência, o setor tem divergência. O Japão quer comprar, mas quer determinadas garantias; o Furlan tem divergência com o setor, o Roberto Rodrigues tem, eles têm. E eu disse para eles: olha, vocês se juntem, montem um grupo de trabalho.

Quando eu chegar em Tóquio, eu quero chegar com uma posição coesa entre governo e o setor produtivo, para que todos falem a mesma língua; quem destoar não vai na viagem, porque nós precisamos chegar lá e mostrar para eles que nós estamos unidos, e precisamos mostrar que eles não têm como ter combustível alternativo se não comprarem o etanol brasileiro que produzimos, da melhor qualidade, e poderemos dar garantia a eles de que o mercado deles vai ser atendido.

E isso vale para o que vocês estão fazendo, ou seja, por que nós não podemos competir com a Alemanha? Por que nós não podemos, cada vez mais, produzir café de qualidade e ocupar o espaço que a Alemanha ocupa, sem que ela produza nem um pé de café, nem um grão de café? Para isso, ainda quando o Paulo Skaf não era presidente da Fiesp, eu disse uma vez ao Piva: Piva, o papel da Fiesp, hoje, e de outros empresários – tudo bem que podem fazer a crítica que quiserem ao governo – mas uma vez por mês lote um avião de empresários e vá para um país vender os nossos produtos, vá escarafunchar lá, vá cavucar, vamos tentar mostrar. Nós não somos apenas exportadores de matéria-prima, nós podemos ser exportadores de produtos manufaturados e competir para ganhar.



Qual é o país do mundo que tem um café desses? Eles podem ter marca, podem ter nome, podem ter *merchandising*, mas qualidade não têm. Agora, nós precisamos acreditar nisso. O dado é que nós precisamos acreditar nisso. Se nós acreditarmos, nós teremos muito mais facilidade de fazer com que os outros acreditem em nós.

Este Brasil é um Brasil que nós poderemos consolidar definitivamente nos próximos anos. Eu vou terminar dizendo para vocês, o Furlan estava comigo, a primeira vez em que eu fui a Davos, e me convidaram para participar de uma reunião de presidentes da América Latina, era uma noite ibero-americana. E fomos lá ouvir uma palestra do ex-presidente da Espanha, Felipe Gonzalez, e depois ouvimos uma série de presidentes falarem. Então, começava a falar um presidente, e ele começava: “não, porque no meu país tem muita pobreza, tem muita miséria e porque no meu país não sei das quantas, tem tanto de desemprego, tem criança de rua, tem criança morrendo, e tem não sei o que lá e tem...” Eu fiquei pensando, quando um presidente da República chega num fórum internacional e fica falando assim, o que ele pensa que vai ganhar? O que ele pensa que vai ganhar de respeito? Alguém vai dizer: coitadinho deste país, é pobrezinho, não tem nada, nós vamos fazer investimentos lá, nós vamos ajudá-lo?

Eu comecei a pensar: se nós somos convidados para fazer debates no fórum e nós não nos respeitamos e não falamos das coisas boas que nós somos capazes de fazer... Porque as ruínas os adversários falam. Os nossos adversários no café falam do nosso café e não falam bem. Os nossos adversários na carne falam da nossa carne e não falam bem, os nossos adversários de outros produtos já falam mal. Então, nós temos que assumir a responsabilidade de falar bem das coisas que nós somos capazes de fazer. Ou seja, eu nunca vi ninguém sair na rua contando as brigas que teve dentro de casa. Nunca vi ninguém dizer que a sua mulher é feia e muito menos a mulher dizer que o marido é feio.



Se a gente não diz essas coisas íntimas para poder preservá-las, por que na questão do país a gente não faz o mesmo? Por que a gente não casa definitivamente com este país e passa a falar bem dele em todos os lugares em que a gente vai? A falar bem da nossa indústria em todos os lugares em que a gente vai? Falar bem da nossa agricultura em todos os lugares em que a gente vai? Na hora em que a gente consolidar isso, nós seremos imbatíveis na competição internacional.

Muito obrigado e boa sorte a vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega da Ordem Nacional do Mérito Científico**

Palácio do Planalto, 26 de abril de 2005

Meu querido companheiro Eduardo Campos, ministro da Ciência e
Tecnologia,

Minha querida companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Meu querido companheiro Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,

Minha cara senadora Serys,

Meu caro deputado Paes Landim,

Deputado Paulo Albuquerque,

Meu querido professor Eduardo Krieger, presidente da Academia
Brasileira de Ciências,

Meus amigos e minhas amigas,

Minhas senhoras e meus senhores agraciados com a Ordem Nacional
do Mérito Científico,

Meus amigos, minhas amigas,

O conhecimento e a inovação técnico-científica são essenciais na busca
constante de melhores condições de vida, geração de trabalho e renda e
justiça social.

É com essa convicção que participo desta cerimônia, em que tantos
cientistas ilustres, do Brasil e do exterior, recebem o reconhecimento da Ordem
Nacional do Mérito Científico por suas contribuições ao desenvolvimento da
ciência e da tecnologia.



Hoje também entregamos a Medalha Nacional do Mérito Científico à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, por tudo de bom que ela tem feito para melhorar a nossa agricultura.

Não tem sido, como todos nós sabemos, uma tarefa fácil. Os desafios nesse setor são enormes, tanto os voltados para a garantia da segurança alimentar e do combate à fome, como para a promoção do desenvolvimento regional e a geração cada vez maior de excedentes exportáveis.

A Embrapa tem hoje mais uma razão para ser homenageada, porque está comemorando 32 anos de sua fundação. Portanto, eu queria dar parabéns, não apenas ao Presidente da Embrapa, mas a todos os funcionários da Embrapa, aos cientistas da Embrapa, pelo tanto que têm feito pelo nosso país e pelo tanto que têm feito de ajuda a outros países mais necessitados e, eu diria, países que, muitas vezes, precisam mais do que o próprio Brasil.

Nenhum país que queira dirigir os rumos do próprio desenvolvimento pode abrir mão de planejar a sua política industrial, tecnológica e científica. Ciência e tecnologia são fundamentais para que um país se insira soberanamente no cenário internacional, mais ainda, no mundo globalizado dos nossos dias. O investimento no setor é, portanto, decisivo para o desenvolvimento social e econômico de uma nação. As inovações advindas da pesquisa, como os senhores e as senhoras sabem melhor do que ninguém, possibilitam ganhos significativos para o nosso país.

Vou citar alguns: a ampliação da produção agrícola e industrial, a diversificação da pauta de exportações, o desenvolvimento de produtos de ponta, com muito maior valor agregado, aumentando a eficiência produtiva e reduzindo os custos de fabricação. Desse modo, contribuem para que nossos produtos e serviços sejam mais competitivos, conquistando e ampliando mercados mundo afora.

É por isso que o governo está empenhado em avançar na meta de elevar os investimentos totais em ciência e tecnologia a um patamar de 2% do



PIB, num esforço conjunto com a iniciativa privada.

Para mim, esse objetivo é um compromisso de honra, que reiterarei nos quatro encontros da SBPC aos quais compareci como candidato a presidente da República.

Outro passo importante foi a Lei de Incentivo à Inovação e à Pesquisa Tecnológica, sancionada em dezembro passado, que estabelece, entre outras inovações, a possibilidade de parcerias entre as instituições públicas e os inventores independentes. Essa Lei prevê também incentivos fiscais para as empresas que investem em pesquisa.

Meus amigos e minhas amigas,

Nossa produção científica, em alguns setores, tem sido reconhecida com destaque em todo o mundo. Podemos falar da Petrobrás e de nossa tecnologia de extração de petróleo em águas profundas. Ou citar nossos avanços na pesquisa espacial, na biotecnologia, na pesquisa médica e genética, no desenvolvimento de softwares.

Temos também um imenso potencial de produção de conhecimento a partir do nosso patrimônio natural e cultural e da própria criatividade humana.

Eu queria dizer, neste momento, que por motivo de força maior, por cansaço, o nosso querido Oscar Niemeyer, que era um dos premiados, não está presente. Mas todos nós aqui sabemos que é feliz um país que pode ter um arquiteto como Oscar Niemeyer, que foi agraciado hoje e não pôde estar aqui, e deveria estar muito mais feliz, certamente estaria com muita razão, porque, afinal de contas, a nossa Brasília, que é a Brasília de Oscar Niemeyer, completou 45 anos esta semana e, portanto, ele estaria muito mais feliz. Todos vocês sabem que ele não anda de avião, ele só anda de carro. E vir do Rio de Janeiro até aqui, de carro, para uma pessoa que está beirando os “50” anos de idade, não é uma tarefa fácil.

Mas, meus amigos e minhas amigas,

É bom para o país que ciência, cultura e educação caminhem sempre



juntas. Nesse caminhar, como se sabe, o papel das universidades é e tem sido fundamental.

Estamos, por isso mesmo, empenhados em reverter a carência histórica de investimentos para a formação de mestres e doutores no Brasil. Em 2004, por exemplo, os valores das bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado, que não eram aumentados desde 1994, receberam um reajuste de 18%.

Os números absolutos de mestres e doutores que formamos a cada ano também vêm aumentando, e todos vocês sabem que estamos trabalhando para atingir a meta de 10 mil doutores por ano no Brasil.

Estamos também criando mecanismos para que essa mão-de-obra extremamente qualificada, e que custa tanto ao país para formar, encontre oportunidades de trabalho aqui no nosso mercado e não necessite procurar emprego em outros países.

Outra iniciativa que gostaria de lembrar é a Secretaria Nacional de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, já citada pelo nosso ministro Eduardo Campos, criada em 2003. Essa Secretaria tem desempenhado funções primordiais, entre as quais gostaria de destacar as seguintes: na difusão e popularização de conhecimentos; no apoio às unidades de ensino de Ciências em escolas públicas; na pesquisa e desenvolvimento aplicados à segurança alimentar e nutricional; no equilíbrio regional em relação ao acesso à ciência e tecnologia, entre outras atividades.

Um momento como o de hoje nos faz recordar a importância que a educação, a pesquisa e a ciência têm para a vida das pessoas e da nação. Por isso, quero agradecer e dar meus parabéns a cada um dos agraciados hoje pela Ordem Nacional do Mérito Científico.

Os senhores e as senhoras representam aqui os profissionais da comunidade científica que, na sua dedicação ao árduo e paciente trabalho de pesquisa, incorporam os frutos do seu trabalho ao cotidiano de todos os brasileiros e brasileiras.



Muitas vezes não somos capazes de reconhecer o extraordinário mérito desses homens e mulheres que, a partir dos laboratórios, bibliotecas e salas de aula, se esforçam tanto para melhorar a vida de todos nós.

O governo, tenham certeza, continuará empenhado em criar as melhores condições possíveis para o maior estreitamento dos laços entre pesquisadores, universidades e empresas. Para isso, é necessário também continuar aprimorando e ampliando os espaços políticos voltados à participação da comunidade científica nas decisões do governo.

Eu quero que vocês recebam os parabéns e quero que redobrem os esforços, com o talento e a criatividade reconhecidos e homenageados com muita justiça aqui nesta cerimônia. Certamente vocês farão avançar, cada vez mais o conhecimento científico no nosso país.

Meus amigos e minhas amigas, eu não poderia deixar passar essa oportunidade sem ter uma conversa, fora da homenagem merecida que vocês receberam, sobre um pouco do nosso país. Vocês estão acompanhando um grande debate que estamos realizando sobre a necessidade da reforma universitária no Brasil.

Este ano completou 30 anos que tomei posse, pela primeira vez, como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, no dia 19 de abril de 1975. E desde aquela época, em toda minha militância política, eu tenho andado pelo Brasil e tenho ouvido estudantes, professores, funcionários, os mais diferentes tipos de intelectuais brasileiros reivindicando a necessidade de uma reforma universitária, sobretudo para que a gente possa cuidar de fazer com que a universidade brasileira não só melhore a sua qualidade, mas para que ela tenha autonomia.

Nós estamos fazendo uma discussão, e eu acho que isto aqui é um fórum especial para dizer o seguinte: nós não queremos uma reforma universitária do governo; nós não queremos uma proposta de reforma universitária que seja feita no Gabinete do Presidente da República, do Ministro



da Educação ou do Ministro da Ciência e Tecnologia. Nós queremos uma reforma universitária que seja um retrato fiel daquilo que é o pensamento da sociedade brasileira sobre a expectativa e as necessidades que ela tem para que a universidade brasileira possa ser, no século XXI, ainda muito mais avançada, prestar muito mais serviços e de mais qualidade do que o que foi prestado no século XX.

Todos nós sabemos que, por coisas que independeram da nossa vontade, o Brasil foi neste Continente um dos últimos países a receber uma faculdade, a ter uma universidade. Nós, agora, temos que tirar o tempo perdido de não termos sido o primeiro país a ter universidade, para tentar fazer com que as universidades que nós temos hoje sejam melhores. Desde o ano passado, nós nos dispusemos a criar mais quatro universidades federais, nós nos propusemos a fazer 13 extensões em vários lugares pobres do Brasil: fazer uma extensão da Universidade Federal de Belo Horizonte para o Vale do Jequitinhonha; fazer uma extensão da Universidade Rural de Pernambuco para Garanhuns e a região; a Universidade Federal para Caruaru; criamos a Universidade do Vale do São Francisco; criamos a Universidade da Praia, lá no estado do Paraná, na orla, e estamos levando uma extensão das universidades federais, foi aprovada, agora, na Câmara, a Universidade Federal para o ABC. Estamos criando as condições para que o conjunto do nosso território seja dotado das faculdades ou das universidades necessárias para que a gente possa fazer com que o nosso adolescente, ao terminar o 2º grau, tenha a perspectiva de entrar para a universidade.

Mas o fato mais importante que aconteceu neste período – e é uma pena que o ministro Tarso Genro não esteja aqui, possivelmente não tenha sido convidado porque como o Eduardo Campo ia colocar a faixa do Náutico, ele não quis convidar um gaúcho – mas a coisa mais extraordinária que aconteceu este ano, e aí é um agradecimento à Câmara dos Deputados e ao Senado, foi a aprovação do ProUni. O ProUni, certamente alguns discordam,



mas a verdade é que nós conseguimos colocar, em apenas um ano, 112 mil jovens – na sua grande maioria da periferia das grandes regiões metropolitanas, uma boa parcela da população negra, e uma boa quantidade das nações indígenas – para fazer uma faculdade que, sem o ProUni, jamais teriam possibilidade de fazer essa universidade.

O nosso empenho, agora, é fazer com que aproveemos o Fundeb para que possamos garantir, sobretudo na parte mais pobre do Brasil – possivelmente não seja a necessidade do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo ou do Paraná mas, certamente, é a necessidade de uma parte da Bahia, de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará, do Piauí, do Amazonas, do Acre, de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, de Roraima, do Amapá. Certamente, essa parte do Brasil está precisando que nós criemos um instrumento capaz de garantir que o nosso adolescente tenha possibilidade de fazer o 2º grau.

Quando se estimulou a universalização, o que foi uma coisa muito boa, não se pensou que depois do ensino fundamental o jovem teria que fazer, no mínimo, o 2º grau. Grande parte desses estados que eu citei está passando deveras dificuldades e cabe ao governo federal, em uma proposta do ministro Tarso Genro, criar as condições de, nos próximos quatro anos, encontrar um jeito de colocarmos dinheiro para ter quatro bilhões a mais em quatro anos, para que possamos garantir que, também no ensino médio, tenhamos a universalização do ensino no país, para que possamos fazer com que essa parte mais pobre do Brasil tenha a possibilidade de, daqui a uma década ou, quem sabe, uma década e meia, competir em igualdade de condições com os centros mais desenvolvidos do nosso país.

Se não fizermos isso, certamente passaremos mais um século fazendo com que essa parte pobre do Brasil continue a ser pobre, e a parte que é menos pobre vai continuar sendo menos pobre.

Da mesma forma que o nosso país é homogêneo na língua, da mesma



forma que essa imensidão de oito milhões e meio de quilômetros quadrados tem a unidade muito forte, nós precisamos agora criar essa unidade, criando a igualdade de oportunidades para os brasileiros, independentemente do estado, da cidade ou da vila em que ele nasceu.

Eu penso que quem conhece essas regiões mais pobres do país sabe perfeitamente bem do que eu estou falando, e sabe perfeitamente bem que o Brasil, para dar o salto de qualidade que precisa dar, precisa investir de forma prioritária nas regiões mais empobrecidas do nosso país.

E essas coisas não são difíceis de acontecer. Está aqui o nosso querido Presidente da Embrapa, que conhece bem e sabe que, antes do nosso governo, o Pronaf era um privilégio para os produtores da agricultura familiar do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de uma parte do Paraná e muito pouco de São Paulo. Hoje, quem pegar o mapa dos sete bilhões que nós colocamos no Pronaf, vai perceber que, pela primeira vez desde que foi criado, ele está distribuído de forma homogênea em todo o território nacional, e estados que nunca tinham recebido sequer um único crédito, um único empréstimo, hoje estão recebendo milhares de créditos. Por quê? Porque primeiro, precisou preparar o Banco do Brasil para que pudesse atender essa demanda; segundo, precisamos preparar os gerentes para que aprendessem, outra vez, a atender as pessoas mais empobrecidas e o mais carente; e depois, tivemos que tomar a decisão política de que uma parte desse dinheiro teria que ir, prioritariamente, para as regiões mais pobres do país.

Quando estamos entregando uma condecoração de mérito científico, nós temos que lembrar que durante muitos e muitos anos, no Brasil, prevaleceu uma certa teoria de que o investimento que se faz em pesquisa é muito caro e que nem sempre a idéia de um retorno é provável, porque as pessoas querem que os cientistas e os pesquisadores, ao terem verbas para um determinado projeto, tenham a obrigação de que esse projeto já seja rentável antes de começar a ser pesquisado. E não existe na história do mundo



científico nenhuma pesquisa que não tenha levado anos, que não tenha levado décadas e, às vezes, de décadas em décadas, o resultado foi negativo. Mas, para um país que quer ser soberano, que quer ter uma inclusão e igualdade de condições neste mundo globalizado, não apenas no campo econômico, mas no campo científico e tecnológico, ou se investe em pesquisas ou, daqui a 30 anos, nós seremos mais frágeis do que somos hoje no que diz respeito a investimento e na disputa com outros mercados mais desenvolvidos que o nosso.

Eu digo sempre, e vou terminar, porque vocês vieram aqui para receber uma condecoração e não ouvir discurso, eu vou terminar dizendo o seguinte: normalmente, vocês com muito mais estudo do que eu, com muito mais conhecimento, sabem que essas coisas não acontecem do dia para a noite. Da mesma forma que uma pesquisa às vezes leva décadas para produzir um resultado e, depois que produz esse resultado, leva outra década para que tenha retorno econômico dos investimentos, assim são as mudanças que temos que fazer no nosso país; assim são as mudanças que temos que fazer para permitir que o Brasil tenha uma oportunidade única, primeiro, de ter um crescimento sustentável e, segundo, de que esse crescimento sustentável possa possibilitar que haja uma melhor distribuição da riqueza produzida neste país.

Eu discutia, ontem, com o Ministro do Trabalho – e se a gente pegar o período que a gente quiser, nos últimos 15 anos, nós vamos perceber que, nos últimos dez anos, a média de empregos gerados no Brasil era de nove mil empregos por mês. Nos nossos dois anos de governo, meu caro Eunício, são 90 mil empregos, a média criada por mês neste país. Portanto, dez vezes mais do que foi criado nos últimos oito anos.

Muito mais importante do que isso é que, possivelmente – eu tenho chamado a atenção dos meus amigos economistas, eu tenho chamado a atenção dos meus amigos que, muitas vezes, querem a coisa com uma rapidez



maior do que a gente pode fazer; as pessoas não estão percebendo – no Brasil, nós nunca tivemos tanto crédito disponível para o consumo como nós temos hoje. Durante 20 anos, eu debati economia e nunca tinha ouvido a sugestão de que nós poderíamos criar o crédito consignado. O crédito consignado existia numa área pública do Brasil em que, muitas vezes, o funcionário de uma instituição pública comprometia 100% do seu pagamento para pagar a mensalidade. Nós, numa sugestão da Central Única dos Trabalhadores, adotamos o crédito consignado, o próprio Movimento Sindical fez acordo com o Sistema Financeiro e, hoje, nós temos, só no consumo deste país, praticamente 13 bilhões e meio de reais de trabalhadores que, até então, tinham dificuldade de chegar ao banco para pegar o empréstimo ou que, muitas vezes, caíam na mão de agiota e nunca mais conseguiam sair. E, agora, esse crédito consignado foi estendido a 20 milhões de aposentados neste país.

Ontem, nós fizemos uma coisa aqui, que um cientista como vocês, o professor Paul Singer, disse que estava emocionado, porque durante dez anos o crédito do BNDES para o microcrédito não ultrapassou a média dos 30 milhões de reais/ano. E, somente ontem, nós destinamos 600 milhões de reais para financiar o microcrédito brasileiro daquelas pessoas que às vezes precisam comprar um carrinho para vender cachorro-quente, e que não tinham sequer condições de adentrar um banco para falar com o gerente. Hoje, eles podem entrar, contrair um empréstimo para pagar no máximo 2% de juros e vão poder concretizar o seu grande sonho.

Eu estou dizendo isso para vocês porque o Brasil se constrói de muitos jeitos, o Brasil é um país muito corporativo e eu sou oriundo de uma corporação, eu sou oriundo de uma corporação chamada “metalúrgico”, em que briguei muito para que a minha corporação tivesse o que melhor ela pudesse conquistar. Eu sei que o Brasil tem a corporação daqueles que podem; e aqueles que não podem nem têm corporação porque não têm como



se organizar. Lamentavelmente é isso, a parte mais empobrecida da população muitas vezes não participa de sindicato, de partido político, não tem como se organizar. Mas tem uma parte que tem poder de fogo.

O que eu tenho tentado fazer, nesses dois anos, é estimular essa parte que tem poder de fogo. Ao invés de brigar apenas em função dos seus interesses, que essa parte dedique um pouco da sua força para que possamos construir a conquista desse setor inorganizado, que são as pessoas que, se nós não estendermos a mão, certamente nunca terão a chance de um dia estarem aqui neste Palácio recebendo uma condecoração tão merecida como esta que vocês estão recebendo hoje.

Este Brasil que está na cabeça de todos vocês, ou este Brasil que estará na cabeça dos filhos e dos netos de vocês, está sendo construído. E posso dizer a vocês que não é uma tarefa fácil concretizar esse sonho, mas muito mais difícil seria se nós não tivéssemos coragem de estar sonhando, hoje, colocando a massa no alicerce sólido de uma estrutura de país que possa garantir que daqui a dez anos todos nós tenhamos a certeza de que estamos recebendo dos nossos pais, ou que os nossos filhos ou os nossos netos nos digam que estarão recebendo de nós um mundo muito melhor do que aquele que recebemos dos nossos pais e que eles receberam de nós.

E para que esse país seja construído, podem ficar certos, ele precisa de vocês. Precisa não apenas do conhecimento de vocês, precisa da disposição política de vocês, da vontade. Mais do que pesquisar, é preciso da vontade de gritar em alto e bom som, todo santo dia, que o nosso país será o país da qualidade de vida e do tamanho que queremos que ele seja.

E essa experiência eu vivi nesses dois anos e estou convencido de que quando terminar o nosso mandato, possivelmente vocês irão receber outras medalhas e poderemos discutir o que aconteceu no Brasil antes e depois da nossa passagem pelo governo, sobretudo na questão do investimento em ciência e tecnologia. Eu acho que durante muito tempo aqueles que já tinham



passado pela universidade não se lembravam que outros tinham que ter o direito de passar. Aqueles que já tinham conquistado o seu nicho profissional não se lembravam que outros ainda teriam que conquistar.

Mudar o Brasil significa mudar a cabeça, mudar a cultura, mudar o comportamento, mudar os procedimentos. E eu acho que todos nós temos a obrigação de dar ao nosso país e àqueles que virão depois de nós esta oportunidade.

Por isso, meus parabéns e que Deus permita que vocês sejam condecorados outras vezes pelo mérito que vocês conquistaram neste país. Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina de Biodiesel da Agropalma**

Belém-PA, 27 de abril de 2005

Meu caro amigo e governador do estado do Pará, governador Simão Jatene,

Meu caro companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Minha querida Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Senhora Valéria Pires Franco, vice-governadora do estado do Pará,

Desembargador Milton Nobre, presidente do Tribunal de Justiça do Pará,

Senhor Waldez Góes, governador do Estado do Amapá,

Senadora Ana Júlia,

Senador Luiz Octavio,

Deputados Federais Paulo Rocha e Zé Geraldo,

Meu caro Duciomar Costa, prefeito da cidade de Belém,

Senhor Hilário de Freitas, diretor-geral do grupo Agropalma,

Senhor Luiz Rodolfo Landim Machado, presidente da Petrobras Distribuidora,

Meu caro Paulo Guilherme Monteiro Lobato Ribeiro, presidente executivo do Banco Alfa,

Meu caro Marcello Brito, diretor comercial do grupo Agropalma,

Meus amigos,



Minhas amigas,
Senhores e senhoras,
Jornalistas do estado do Pará e do Brasil,

Eu penso que num momento importante como este nós temos que ter a certeza dos passos que estamos dando para construir o Brasil para os próximos 10, 15 ou 20 anos.

A nossa vinda ao estado do Pará é para visitar a Agropalma, visitar a cidade de Moju, receber as reivindicações do Prefeito, conversar com os trabalhadores e com as trabalhadoras rurais que, organizados, recebendo incentivos do governo do estado e da Agropalma, estão podendo conquistar condições de vida mais digna, para melhor poder cuidar dos seus filhos.

O Brasil poderia ter, ao longo do tempo, utilizado melhor a sua inteligência. O Brasil tem quadros, pesquisadores, cientistas dos mais extraordinários que o mundo pôde produzir.

Ainda esta semana, tivemos a entrega do Prêmio Científico, lá no Palácio do Planalto, e figuras nobres da ciência brasileira foram condecoradas. E, da próxima vez, eu prometo condecorar o nosso querido Donato Aranda, da Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, responsável pelo desenvolvimento do biodiesel aqui, na Agropalma. Como ele é muito jovem, ele ainda pode esperar um tempo para receber a sua condecoração.

Bem, eu penso que antes de eu ler o meu pronunciamento, tem muita gente que entende o que nós estamos fazendo aqui. A Agropalma é uma indústria que está instalada aqui no estado desde 1982, é uma empresa que tem um alto conhecimento científico e tecnológico, produz vários produtos do dendê. E, de tudo que ela conseguia extrair do dendê, 4%, que era o chamado “lixo do dendê”, a Agropalma ficava, muitas vezes, preocupada, porque não tinha quem comprasse, às vezes era obrigada a dar, quase de graça, para se utilizar na produção de sabão.



O que nós estamos fazendo aqui não é nenhuma invenção, além daquilo que a Agropalma já sabia fazer, e já fazia perfeitamente bem, como a margarina, como a manteiga mais amarelada – que eu nem sabia que tinha urucum, fiquei sabendo hoje – o que nós estamos fazendo aqui é colocar em prática uma política pública de Estado, criando uma nova matriz energética para o nosso país. A Dilma disse que nós produzimos energia de várias coisas, mas a Petrobras, que é a grande produtora de combustível neste país e que já está quase chegando à auto-suficiência, ainda assim, Landim, se não me faltam os números, a Petrobras importa, praticamente, três bilhões e meio de dólares de petróleo, quase todos da Nigéria, porque nós não só não produzimos o suficiente, como nós precisamos do petróleo para extrair uma parte do biodiesel que os nossos ônibus, os nossos caminhões, algumas locomotivas, algumas termelétricas, os nosso tratores utilizam.

Segundo, é importante ter em conta que poucos países do mundo têm a grandiosidade territorial pronta para a agricultura que tem o Brasil. Poucos países do mundo têm a quantidade de sol, a quantidade de água e a quantidade e qualidade da terra e dos trabalhadores que tem o Brasil.

Ora, nós estamos vendo pela imprensa que, de vez em quando, há uma guerra, de vez em quando há ocupação de um país e, de vez em quando, a gente percebe que parte das guerras se dão em função de uma briga pelo petróleo, que toca parte da riqueza produzida no mundo. Quando nós resolvemos transformar a frota de ônibus, tratores e caminhões, no Brasil, numa frota que passasse a utilizar 2% de biodiesel numa mistura no óleo diesel, era uma coisa que parecia impossível. Sabem os Ministros que estão aqui que nós demoramos, praticamente, um ano envolvendo não apenas o governo, mas envolvendo instituições científicas para que a gente pudesse convencer, inclusive, a indústria automobilística que esse projeto era vital e era um projeto que poderia, num médio prazo de tempo, garantir que o Brasil tivesse um pouco mais de independência aos olhos do mundo, na medida em



que o Brasil pode ser um grande exportador de biodiesel para o mundo.

Quero dizer uma coisa para vocês: o Roberto Rodrigues, um dia, me explicava como é que surgiu o Pro-Álcool no Brasil. O Pro-Álcool no Brasil não foi nenhuma invenção que, um dia, um cidadão resolveu ir plantar cana para produzir álcool. O problema do Pro-Álcool no Brasil surgiu porque a cana chegou a estar, o açúcar, no mercado internacional, a 1.260 dólares a tonelada; e vocês sabem como é que é na agricultura: todo mundo correu para plantar cana-de-açúcar e, dois anos depois, o açúcar passou a valer apenas US\$200 no mercado internacional. E na discussão de o que fazer com a cana-de-açúcar se definiu a idéia de produzir o álcool, que hoje já está consolidado na matriz energética brasileira.

Nós, aqui, estamos dizendo para vocês: nós vamos transformar o biodiesel em uma segunda fonte da nossa matriz energética para combustível para tornar, não apenas o Brasil mais independente da necessidade do petróleo que um dia pode acabar, mas depois da aprovação do Protocolo de Kyoto pelo Congresso – primeiro aprovado em Kyoto, no Japão, e depois referendado por um país importante como a Rússia, no ano passado – certamente o mundo vai, cada vez mais, precisar utilizar outro tipo de combustível que não um combustível derivado do petróleo.

E aí é que entra a capacidade de um país como o Brasil poder produzir essa alternativa, que eu acho extraordinária e acho que, daqui a 30 anos, muitos brasileiros – o Aranda já vai estar velho, com uma bengalhinha na mão, e vai ser homenageado em muitos lugares – vão dar muita importância ao passo que estamos dando hoje.

A Agropalma, a partir do momento que começa a produzir o biodiesel combustível, vai pegar os 4% do resíduo do lixo que tinha que jogar fora ou vender para alguém, quase pagando para as pessoas pegarem o resíduo deles, e vai transformar isso em combustível para que coloquemos nos nossos tratores, nos nossos caminhões e nossos ônibus.



Vocês viram aqui que a Dilma é muito racional. A Dilma, talvez por ser mulher, é mais equilibrada, possivelmente tenha mais juízo. Vocês viram que ela falou que vamos começar com 2%, depois vamos chegar a 5%, e não sei das quantas. Eu acho que, do ponto de vista do planejamento, maravilhoso, é isso mesmo que tem que fazer. Mas, minha querida Ministra de Minas e Energia, se o petróleo continuar a subir como está subindo, podem ficar certos que o biodiesel vai ser utilizado em maior quantidade, em um prazo muito menor do que todos nós estamos pensando.

Porque nós não vamos mandar divisa para fora se pudermos utilizar as nossas termoelétricas a biodiesel. Para que queimar óleo diesel? Ou utilizar gás, ou seja, o que nós temos é que procurar alternativas que muitas vezes parecem mais complicadas, mas o que falta, na verdade, é determinação para transformar isso em política de Estado.

E, governador Jatene, toda a discussão que fizemos sobre o biodiesel, que teve a participação de todos os centros de pesquisa no Brasil, de nove ministérios, de todo o movimento sindical e de mais outras pessoas das universidades que participaram, todos chegaram à conclusão de que o Programa do Biodiesel deveria ser considerado prioritário para as regiões com menos desenvolvimento no nosso Brasil: para a região Norte e para a região Nordeste, mais uma região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, que é uma parte muito pobre de Minas Gerais.

E o Brasil está em uma posição confortável, porque pode produzir o biodiesel a partir do dendê, do girassol, do caroço do algodão, da soja, da semente de melancia, da semente de jerimum, da semente de tudo o que vocês possam imaginar, ou seja, da variedade... Eu não sei se vocês perceberam que o Landim preparou uma agropalma aí, não sei se vocês atentaram. É que nós falamos aqui da Agropalma, falamos do dendê e, no posto de gasolina, o desenho era de um girassol. Isso não importa, porque na hora em que os dois chegarem ao posto de gasolina, eles vão se misturar e



vão ser uma coisa só.

Então, o Brasil tem uma variedade de possibilidades, mas queremos começar pelo Norte e pelo Nordeste brasileiros, porque são duas regiões que precisam ser alavancadas para que sonhemos que, daqui a 10, 15 ou 20 anos, estejam equiparadas, no seu desenvolvimento, às regiões mais desenvolvidas do Brasil.

É por isso que estamos dando tanta importância à palma aqui no Norte e estamos dando muita importância à mamona no Nordeste brasileiro, sobretudo na região do semi-árido, onde pouca coisa que se planta dá, e a mamona é uma coisa que, se plantando, dá. Então nós vamos utilizar, para organizar a agricultura familiar em cooperativas, para fazer com que as pessoas aprendam o prazer e o sabor de ganhar um pouco de dinheiro no final do mês para levar para sua família alguns benefícios que nós, que estamos na cidade, já aprendemos a ter. Não é o trabalhador ficar escravizado na idéia da agricultura de subsistência: “eu tenho terra, eu vou plantar apenas a mandioca para comer, o feijãozinho ou o milho para comer”. Ele pode plantar a mandioca, o milho, pode plantar o que quiser para comer. Mas ele tem que plantar alguma coisa que faça com que ele possa conquistar maior importância, participar da sociedade e fazer com que a sua família tenha acesso a benefícios que hoje estão muito distantes dele.

Por isso o Nordeste e o Norte são áreas de prioridade no nosso trabalho, e o ministro Miguel Rossetto tem, como tarefa, conversado com todos os movimentos sociais no sentido de mostrar para as pessoas, de os sindicatos rurais se organizarem, de orientarem os trabalhadores, de organizarem cooperativas, para que possamos estabelecer parcerias como aquela que vimos na Agropalma, lá na cidade de Moju.

É isso que nós queremos para este Programa, e é por isso que, além de produzir o combustível, ele vai produzir muita inclusão social neste país, sobretudo para a parte mais pobre da nossa população.



Portanto, fiquem tranquilos, que o objetivo do Programa, além de atender o mercado de combustíveis, é atender a necessidade de sobrevivência de milhões de famílias brasileiras que moram nos estados mais esquecidos, historicamente, pelo grande poder central, desde os tempos do Império.

Agora que eu vou fazer o discurso.

Poucos países do mundo encontram-se tão preparados quanto o Brasil para enfrentar um dos maiores desafios do nosso tempo.

Falo da transição da matriz energética em direção a fontes limpas e renováveis de abastecimento, algo que esta usina de biodiesel em plena região amazônica simboliza tão bem e de forma extraordinária.

O Programa Nacional de Biodiesel é a prova irrefutável de que o nosso país está na linha de frente de uma das principais transformações que vão marcar a economia internacional das próximas décadas.

Não se trata apenas de dar uma resposta ao esgotamento das reservas mundiais de petróleo, por si só, uma razão já suficientemente forte e impositiva. Porém, é mais que isso. Há um imperativo de sobrevivência planetária que o protocolo de Kioto consagrou na forma de um novo consenso entre os povos.

Se nada for feito para limitar a emissão de gases poluentes, em menos de cinco décadas o aquecimento global poderá extinguir 24% da biodiversidade terrestre e gerar efeitos desastrosos à vida humana em diferentes partes do planeta.

Minhas senhoras e meus senhores,

O Programa de Biodiesel reforça o passaporte estratégico do Brasil para um futuro sustentável que amplia nossas vantagens comparativas e atualiza nossa soberania histórica. Mais de 40% da matriz energética nacional já se apóia em fontes renováveis de abastecimento, enquanto no resto do mundo essa média está em 19% e, nas nações mais ricas, não chega a 7%.

Portanto, se a transição energética introduz uma sombra de incerteza no horizonte de muitas nações, no nosso caso a abundância de fontes limpas e



renováveis oferece uma oportunidade para acelerar o projeto de desenvolvimento justo e equilibrado que tanto buscamos.

As vantagens históricas que temos no campo energético estão sendo e serão direcionadas também para desenvolver uma sociedade calcada na universalização de direitos e na consolidação dos valores compartilhados pela convivência democrática, solidária e republicana.

É isso que temos feito, por exemplo, ao estender o Bolsa Família a mais de 6 milhões e 700 mil famílias pobres do país. O Programa vai atingir 11 milhões de pessoas até 2006. Somente em Belém, são mais de 35 mil famílias que recebem o Programa.

É o que temos feito, ainda, ao fixar o salário mínimo em R\$ 300 reais a partir de 1º de maio, que vai fazer circular mais R\$ 21 bilhões e 800 milhões de reais na economia brasileira, nos próximos 12 meses.

É o que temos feito com a massificação do empréstimo consignado, que deve atingir R\$ 25 bilhões de reais este ano; e com o microcrédito, que em 2005 terá quase vinte vezes mais recursos do que nos anos passados.

É o que estamos fazendo, também, com a democratização da universidade, sobretudo para os estudantes pobres, através do Prouni. É o que temos feito com o apoio à agricultura familiar, através do Pronaf. É o que estamos realizando com o Programa Luz para Todos, que vai levar a eletricidade a todos os brasileiros. Foi o que fizemos com a nossa indústria empresarial, que se transformou, em poucos anos, na agricultura mais competitiva do planeta Terra. Com o amparo à juventude, através do Soldado Cidadão e do ProJovem. Com o projeto de revitalização do rio São Francisco, que vai levar água a mais de dez milhões de brasileiros que vivem nas regiões do semi-árido. Com as políticas de manejo sustentável das nossas florestas, como está sendo feito na região de Anapu, com apoio do governo do Estado.

E, finalmente, com as obras de infra-estrutura para acelerar e expandir o crescimento, como é o caso da rodovia 163, que será pavimentada entre



Rurópolis e Santarém com recursos da União, além do trecho até Itaituba, que será realizado com as Parcerias Público-Privadas.

Meus amigos e minhas amigas do estado do Pará,

O Brasil consome 36 bilhões de litros de diesel e importa 17% desse total com gastos de cerca de US\$ 800 milhões de dólares por ano, só para o diesel. Com a mistura obrigatória de 2% do biodiesel ao derivado de petróleo, vamos economizar US\$ 160 milhões de dólares, e cerca US\$ 400 milhões de dólares com a adição de 5% à mistura. Nessa primeira etapa, vamos substituir 21% das importações por 800 milhões de litros de biodiesel extraídos da mamona, da palma, do dendê e da soja.

Serão criadas aproximadamente, no Brasil inteiro, 250 mil ocupações nas regiões mais carentes do Norte e Nordeste brasileiros, disseminando-se cooperativas, graças ao incentivo fiscal que beneficiará a agricultura familiar. O que vemos hoje, aqui no Pará, é um exemplo dessa convergência de esforços.

A Agropalma já trabalha há dois anos com 150 famílias de pequenos produtores de Moju e Tomé-Açu que cultivam 1.500 hectares de palma. Agora, com o incentivo do biodiesel, incorporará outros 15 mil hectares de pequenos colonos da região.

O governo poderia fazer do biodiesel um projeto exclusivo de grande escala. Mas nós estamos convencidos de que não há outro caminho para superar os gargalos brasileiros senão o caminho da parceria e da solidariedade.

Desenvolvimento, tal como o entendemos, não é concentração de privilégios. Desenvolvimento é uma singular combinação de consenso social, grandeza política, prontidão histórica, competência técnica e democratização de oportunidades.

Ao criar esse alicerce transformador, uma nação deixa de ser governada pelas circunstâncias para governar seu destino pela vontade do povo e realizar seu potencial na história. Falo de fatos, de lastro e de números.



Há trinta anos, quando assumi a presidência do Sindicato dos metalúrgicos do ABC, o Brasil importava um milhão de barris de petróleo por dia. Setenta por cento do nosso abastecimento vinha de fora e a Petrobras garantia apenas um terço da demanda doméstica.

Nesse quadro de vulnerabilidade deu-se o primeiro choque do petróleo. Os preços quadruplicaram da noite para o dia. Na tensão da crise, o Brasil inventou o Pro-Álcool. Quatro anos depois, em 1979, o carro movido a etanol circulava pelas ruas do país.

Hoje, somos líder mundial na produção de álcool combustível, com mais de 14,5 bilhões de litros por ano. O álcool produzido no Brasil custa 50% menos que o norte-americano e 30% menos que o europeu.

Temos credenciais para fazer deste país o maior fornecedor do mercado mundial de combustíveis renováveis, que exigirá mais dez bilhões de litros nos próximos cinco anos só para atender, hipoteticamente, a demanda japonesa.

O que é mais importante é que as inovações incorporadas à matriz energética nacional, como é o caso do biodiesel, não se fazem em detrimento das fontes convencionais. Ao contrário. Estamos retomando obras de 17 hidrelétricas para adicionar mais 4.149 megawatts à capacidade instalada do país.

A Petrobras vai investir R\$ 30 bilhões de reais este ano. É o maior investimento já feito por uma única empresa em toda a história da economia nacional. Sessenta por cento dos recursos serão destinados à exploração de petróleo e gás, o que significa que a produção brasileira vai aumentar em 14%, saltando de um milhão, quinhentos e sessenta mil barris/dia, para um milhão e setecentos mil barris/dia até dezembro.

Ou seja, o sonho de uma geração que ousou acreditar no país, criou a Petrobras, lutou contra o ceticismo e rejeitou a pregação antinacional, agora é uma realidade ao alcance de nossas mãos. Estamos no limiar da auto-suficiência do petróleo.



Senhoras e senhores,

Pela primeira vez na sua história, o Brasil exhibe uma equação feita de contas externas superavitárias, autonomia energética quase total e crescimento econômico suficiente para elevar a renda per capita da população, como aconteceu no ano passado.

O Programa de Biodiesel sinaliza um passo à frente nessa trajetória. Ele diversifica e descentraliza as fontes regionais de abastecimento. E dissemina, assim, novos pólos de desenvolvimento local, num país que é, ele todo, uma usina inesgotável de combustíveis renováveis graças à terra farta, à luminosidade plena e à riqueza hídrica sem igual. Um país, enfim, que tem lastro técnico, massa crítica e garra política para continuar criando muito melhores condições de vida para o nosso querido povo.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita à Fazenda Agropalma

Moju-PA, 27 de abril de 2005

Quero cumprimentar o governador Simão Jatene,
Quero cumprimentar o meu ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues,
A minha ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff,
O ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto,
Meu companheiro Gushiken, da Comunicação,
Quero cumprimentar o prefeito Iran Lima, de Moju,
Quero cumprimentar o senhor Hilário de Freitas, diretor-geral do Grupo,
E quero cumprimentar o Edmilson Ferreira Barros, presidente da Associação do Desenvolvimento Comunitário do Ramal Arauaí,
A senadora Ana Júlia e o senador Luiz Otávio,
O deputado Paulo Rocha e o deputado José Lima,
Quero cumprimentar o presidente da Câmara dos Vereadores de Moju, o Zeca Pantoja,
Quero cumprimentar os secretários do estado que estão aqui, da prefeitura,

E, apenas em poucas palavras, dizer a vocês porque nós estamos aqui. Porque certamente a imprensa pergunta assim: “seria mais fácil fazer uma grande manifestação em Belém do Pará, do que vir a Moju fazer a manifestação?”

Na verdade, nós não viemos aqui fazer comício, nós viemos aqui constatar com os nossos olhos uma realidade existente no estado, que nós queremos transformar numa realidade para um conjunto de estados do Brasil



e, quem sabe, num futuro muito próximo, para todo o Brasil. Aqui nesta região, desde 1982, a Agropalma está instalada. Já nos últimos quatro anos foi criada a cooperativa de 150 famílias da agricultura familiar. Estão produzindo o dendê. Então, alguém poderia perguntar: “o que vocês vieram fazer aqui, se nós já produzimos o dendê desde 1982?” Nós estamos apenas 23 anos atrasados na nossa visita. A novidade não é essa.

Nós já sabíamos que a Agropalma existia, nós já sabíamos da cooperativa, nós já sabíamos que a Agropalma exporta o dendê, o óleo para outros países que é utilizado nas indústrias de alimentos, nas indústrias de cosméticos. Isso nós já sabíamos. Qual é a novidade que nos fez vir aqui? É porque nós trabalhamos um ano, vários ministérios, o Ministério da Agricultura, o MDA, Ministério do Desenvolvimento Agrário, a nossa ministra Dilma Rousseff, o Ministro de Ciência e Tecnologia, o Ministério da Integração, a Embrapa, o movimento sindical, através da Central Única dos Trabalhadores; a Contag, através da própria Contag; a Força Sindical e tantas outras instituições do movimento social e de estudos técnicos, científicos e tecnológicos no nosso país. Foi mais ou menos um ano de trabalho.

A primeira vez que uma pessoa entrou na minha sala, era recém-eleito Presidente da República. Meu querido companheiro Roberto Rodrigues tinha participado de uma reunião não sei onde e entrou na minha sala e disse o seguinte: “Presidente, o biodiesel pode ser a redenção do nosso país, pode ser o maior programa de combustível alternativo já feito na história do Brasil depois do Próalcool.” E me explicou isso. Logo em seguida nós reunimos todos os ministérios e decidimos criar um grupo de estudo para discutir o biodiesel. E, hoje, nós estamos aqui para visitar a plantação, visitar os trabalhadores, visitar a fábrica, e vamos visitar um posto de gasolina, porque a grande novidade é que nós aprovamos, no Congresso Nacional, um projeto de interesse do Brasil inteiro, de transformar o óleo de dendê em biodiesel para substituir uma parte do óleo diesel que vai nos motores de tratores, de caminhões e de ônibus, para



o Brasil inteiro.

Isso significa que a gente, com o tempo, pode se transformar no primeiro país do mundo a ter uma política tão forte de produção de álcool de um lado e da produção de biodiesel de dendê, da mamona, da soja, do girassol e de tantas outras coisas que a gente pode se transformar num grande país, que vai utilizar o petróleo para exportar e utilizar, no lugar do óleo diesel, o biodiesel que gera muito mais empregos, que é muito menos poluente e que pode transformar o Brasil num país muito mais independente.

Nós estamos vindo aqui agora e no mês de julho nós vamos a vários estados do Nordeste, onde já vai ter planta de recepção da BR. Nós estamos fazendo isso exatamente para que a gente possa desenvolver as chamadas regiões que, ao longo de séculos, ficaram esquecidas pelos governantes do Brasil, as regiões Norte e a região Nordeste do Brasil, que precisam ter produtos de produção em grande escala para que possam gerar a quantidade de empregos que nós precisamos gerar no campo brasileiro.

É por isso que nós estamos aqui. Logo, logo, vocês vão a Belém e vão ver um ônibus andando, vocês vão perceber que no motor daquele ônibus tem 2% de biodiesel. Tem um pouco do trabalho de vocês lá dentro. Logo, logo, vocês vão ver um trator e vocês vão perceber que tem um pouco do trabalho de vocês dentro do motor, que é o biodiesel.

Nós vamos começar com 2%, porque a produção brasileira ainda é pequena, depois nós vamos chegar a 5%, mas o sonho mesmo, em que todos nós trabalhamos, é que um dia a gente tenha um carro a biodiesel, que a gente tenha todos os caminhões a biodiesel, todos os ônibus, porque aí, a gente não vai mais dormir nunca com medo de uma guerra entre os países que produzem petróleo; a gente não vai dormir mais com medo de que um dia pode acabar o petróleo que existe no território brasileiro, porque a hora em que acabar, nós não precisaremos “cavucar” o chão, nós vamos é plantar mamona, soja, dendê, girassol e vamos extrair essa matriz energética extraordinária que pode



fortalecer ainda mais a independência do nosso país.

Por último, eu quero dizer ao meu querido Prefeito o seguinte: todas as suas reivindicações foram as mais justas possíveis, a sua e a do companheiro do sindicato. Eu acho que não haverá problema com o Basa, eu posso lhe dizer que, pessoalmente, o ministro Miguel Rossetto vai fazer todo esforço para que o Basa possa fazer o financiamento necessário para a gente criar a fábrica. Eu acho que a questão da luz no campo é o mais importante programa criado... “Luz Para Todos” é o mais importante programa criado pela ministra Dilma Rousseff em parceria com os governadores de estado. O nosso desejo é que até 2008 a gente não tenha uma única casa de brasileiro sem luz elétrica neste país, porque a luz elétrica significa... são 12 milhões de lares que não têm energia elétrica.

O Prefeito há de convir que não é fácil e isso não pode ser feito de uma hora para outra, mas nós temos o programa, nós temos o dinheiro, nós temos a parceria com os governos dos estados. A Eletrobras está disposta, está trabalhando para isso e nós vamos fazer. Podem ficar certos que vai chegar a luz.

Agora, eu queria dizer para o Prefeito que o problema é que nós temos uns três mil pedidos de pontes neste país. Não só para fazer ponte nova, mas as que as enchentes derrubam neste país. Eu nunca vi a quantidade de ponte que cai. Eu acho que elas são mal feitas, viu, Governador, porque tem umas que caem porque a chuva é demais, mas tem umas que caem só de se bater o pé.

Então, nós, obviamente, temos um desejo, Prefeito, de fazer uma integração física deste país, para que as pessoas possam transitar livremente, para que os produtos possam escoar, para que as pessoas possam viajar de um canto para outro sem que haja barreiras. Eu não posso chegar aqui para o Prefeito e dizer: eu vou fazer. Não vou dizer, Prefeito, porque este povo já está cansado de promessas, já foi enganado muitas vezes. Eu só posso dizer ao



Prefeito: vou tratar da sua reivindicação como trato de um pedido de um filho meu quando quer alguma coisa do pai.

E também, aqui, meus parabéns aos trabalhadores, aos moradores da Vila Soledad, que eu não cumprimentei. E dizer para vocês que é uma alegria a gente vir no território nacional, numa área tão distante, tão longínqua da capital federal, tão distante da capital do estado e perceber que também longe dos centros urbanos o povo se organiza, o povo começa a produzir. E a gente começa a ver que o sonho de fazer o Brasil se transformar numa grande nação está muito mais próximo do que aquilo que muita gente acredita.

Muito obrigado, boa sorte a vocês, meus parabéns aos trabalhadores de Moju.